

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

JUBERTO ANTONIO MASSUD DE SOUZA

**SOCIEDADE, CLASSE E INDIVÍDUO: A CONSCIÊNCIA
ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO REAL**

CAMPO GRANDE

2015

JUBERTO ANTONIO MASSUD DE SOUZA

**SOCIEDADE, CLASSE E INDIVÍDUO: A CONSCIÊNCIA
ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO REAL**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, pelo Programa Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Orientadora: Prof.^a Dra. Inara Barbosa Leão

CAMPO GRANDE

2015

JUBERTO ANTONIO MASSUD DE SOUZA

**SOCIEDADE, CLASSE E INDIVÍDUO: A CONSCIÊNCIA
ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO REAL**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, pelo Programa Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Inara Barbosa Leão – Orientadora – UFMS

Prof. Dr. Marcelo Dalla Vecchia – UFSJ

Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro – UFMS

Prof.^a Dra. Alexandra Ayach Anache - UFMS

Campo Grande – MS, abril de 2015.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pai e irmã, por terem entendido, com muita compreensão, este período. Sei que deve ter sido mais difícil vocês me aguentarem, do que o contrário. O lugar que vocês ocupam é no primeiro plano de minha vida. A Sophia, por aparecido repentinamente e ter desmanchado tudo que parecia sólido.

A Inara Barbosa Leão, não apenas pela orientação, mas pela amizade ao longo dos anos. Não conseguiria desenvolver esta dissertação sem a sua orientação. Já que todo o trabalho é trabalho coletivo e se desenvolve a partir da base do trabalho dos que nos antecederam, este é seu trabalho também. Afinal, já são mais de dez anos trabalhando juntos.

A Alexandra Ayach Anache por ter aceitado, novamente, participar de uma banca comigo.

Ao professor David Victor-Emmanuel Tauro. Obrigado por decidir doar para mim dezessete livros das Obras Escolhidas de Marx. Não tenho palavras para te agradecer. Talvez um pouco de água com gás possa retribuir esse presente.

Ao Marcelo Dalla Vecchia por ter aceitado fazer parte de minha banca.

Aos amigos que, fiquei impossibilitado de manter contato tão constante durante o tempo da pesquisa. Sei que ainda estão onde é o lugar de vocês e espero que entendam o meu afastamento temporário.

A Jacqueline Mesquita. Você saiu do programa, mas não esquecemos a sua história. A vida dá viradas inimagináveis.

E claro, à C., a que jamais me abandonou em qualquer momento. A única que não reclamou, não brigou e deu apoio quase incondicional quando necessário. Sei que foi um momento difícil tanto para você, quanto para mim. Desculpa-me a ausência.

A Yasmine, pelo companheirismo.

Durante o curto período do mestrado, momento na qual realizei a pesquisa que agora apresento, fui confrontado com as duras perdas da vida. Duas pessoas com as quais morei nos últimos anos de minha vida se foram. O agradecimento principal não poderia deixar de ser diferente: à minha avó Noêmia Calixto e ao meu avô Rogelho Massud. A perda de vocês durante o mestrado foi duramente sentida em todos os momentos. A lembrança de escrever parte destas páginas dentro do hospital talvez

explique o caráter dramático e trágico de alguns momentos. Não posso deixar de considerar que isto tenha se refletido diretamente neste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo analisar a consciência de classe como possibilidade de ser um mediador para a consciência individual. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, buscamos verificar as determinações que fazem com que uma classe social incida no processo de desenvolvimento da consciência individual. Para tal, realizamos um estudo da obra de Vigotski, Marx e Lenin para objetivar três diferentes momentos da pesquisa: compreender as determinações da consciência social, da consciência de classe e da consciência individual. Sabendo que todas as relações sociais são mediadas, analisamos a importância mediacional que torna possível as diferentes graduações de formas mais amplas da consciência e maneira pela qual é sintetizada em um indivíduo. Retomamos a discussão do pensamento criativo em Vigotski para colocar em primeiro plano a capacidade criadora humana para se pensar formas de organização dentro de uma classe social. Com resultado da pesquisa, concluímos que sem a consideração da marcação da classe social, e sua respectiva representação consciente da realidade, não é possível a compreensão do processo de desenvolvimento da consciência do indivíduo. Retomar a discussão de como uma sociedade dividida em classes sociais serve como determinação para a processualidade do desenvolvimento da consciência individual é tarefa imediata da psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência de classe. Consciência individual. Psicologia Sócio-histórica.

ABSTRACT

This present study aims to analyze the class consciousness as a possibility to be a mediator for the individual conscience. Based on the theoretical and methodological assumptions of historical and dialectical materialism, we have verified the determinations that make the incidence of a social class on the development process of individual consciousness. For this, we developed a study of the work of Vigotski, Marx and Lenin to make three different moments of this research: understanding the determinations of social consciousness, class consciousness and individual conscience. Knowing that all social relations are mediated, we analyzed the importance of mediatized relations that makes possible the different grades of higher forms of consciousness and the manner in which is synthesized in an individual. We resume the discussion of creative thinking in Vigotski to put in the foreground the human creative capacity to think about forms of organization within a social class. With the search result, we conclude that without the consideration of the marking of social class, and their respective conscious representation of reality, it is not possible to understand the individual's awareness of the development process. Resume the discussion of how a society divided into social classes serves as determination to processuality of the individual consciousness development is immediate task of psychology.

KEYWORDS: Class consciousness. Individual consciousness. Socio-Historical Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. AS CONSCIÊNCIAS.....	29
1.1. A consciência de ser consciente	36
1.2. A consciência social	37
1.2.1. O Estado	38
1.2.2. A religião.....	41
1.3. A consciência de classe	46
1.4 A consciência individual	55
1.5 O lugar da classe social na consciência	61
2. TODA RELAÇÃO HUMANA É MEDIADA	75
2.1 A mediação em Marx	80
2.2 A mediação em Lenin.....	90
2.3 A mediação em Vigotski	101
3. O PENSAMENTO CRIATIVO	110
4. COMENTÁRIOS PARA UM REINÍCIO.....	122
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Compreender as radicais transformações da realidade, que permitem que os homens sejam sujeitos da e de sua história, ainda que em vários momentos não de forma consciente, sempre foi um desafio para as ciências modernas. Tornar-se sujeito social, e assim construtor da história, decorre de se ter um desenvolvimento psicológico na ontogênese que promova a constituição de uma consciência individual ampliada o suficiente para que se saiba agir para mudar o mundo a favor de si e da sua classe.

Ao buscar a importância desse estudo para apresentá-lo percebi que agora teria que me conscientizar dele e de mim, como seu produtor. Portanto, foi fundamental que eu reconhecesse que se trata de uma síntese provisória da minha vida. Atentamente, retomei minha história e pude reconhecer que o processo de desenvolvimento individual e o social, dialeticamente, um dia se encontraram. Foi assim que entendi que ao entrar no curso de psicologia em 2003, e me juntar ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Aspectos Psicossociais da Educação e do Trabalho – GEPAPET/CCHS/UFMS, buscava o que desde sua gênese, sempre teve como centro nevrálgico: as orientações epistêmicas da Teoria Psicológica Sócio-Histórica, que serve de base para todas as suas pesquisas. Por outro lado, pude reconhecer que meu interesse pela teoria que ali estudávamos e utilizávamos vinha não daqueles nem tão longínquos estudos dos anos da graduação, mas sim do contato com uma psicologia que tinha por base alguns dos livros que existiam na biblioteca pessoal de meu pai. Na ocasião, parecia pura coincidência. Tornou-se claro que entre O Capital, a coleção de livros de Luria, que estavam na biblioteca de casa, e a psicologia da faculdade que eu cursava existia alguma ligação. Foi questão de tempo até que encontrasse a ligação entre estes livros, parte da história da minha família e a faculdade. Tempo este que dura até hoje, assim como a tentativa de compreender como se inter-relacionam estes diferentes momentos.

Mas, nessa dialética entre a vida particular e as possibilidades que as instituições sociais nos oferecem, comecei a pesquisar a vida como ela é explicada, mas pela psicologia social e não por aquelas que nos tratam como determinados pelo meio ou por instâncias fantasmagóricas. Disso me apropriei já na primeira pesquisa que participei: Implicações psicossociais do desemprego para a consciência individual: manifestação no pensamento e emoção. Foi esta pesquisa que serviu de base para o meu Trabalho de

Conclusão de Curso, que foi uma discussão sobre o desemprego durante a ditadura militar, apresentada com o título de Governo militar brasileiro: os significados sociais e os sentidos individuais elaborados pelos trabalhadores desempregados no período de 1964 a 1989. Este ciclo que se fechava com a apresentação do TCC mostrava o momento inicial que ainda percorria dentro das discussões da teoria Sócio-Histórica.

Ainda como membro do Grupo participei do final da pesquisa Determinações psicossociais do preconceito contra a homoafetividade em MS, durante a qual realizamos um aprofundamento maior das discussões desta perspectiva teórica para a análise dos problemas da realidade. Enquanto finalizava este segundo momento, iniciava o terceiro, que se mostra na atual investigação que tem por objetivo a compreensão de A relação dialética entre a consciência e o inconsciente: investigação das suas constituições e manifestações sob o enfoque da teoria psicológica Sócio-Histórica. O pertencimento ao GEPAPET sedimentou as bases teórico-metodológicas para o caminho que, iniciado na graduação, viria a desenvolver no mestrado.

Como continuidade dos estudos iniciados dentro GEPAPET, fui aprovado na seleção para o Mestrado em psicologia da UFMS, com um projeto diferente daquele que aqui defendo. Tinha por título: A falsa consciência de classe como elemento mediador do trabalhador desempregado nos últimos 10 anos. Seria uma retomada da primeira pesquisa em que participei e pretendia saber quais teriam sido as implicações para as consciências dos desempregados daquele momento acerca das causas e consequências do desemprego. Mas, no período de agosto de 2012, época em deveriam iniciar as aulas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPPSI, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul adere à greve nacional de professores e alunos, que duraria algumas semanas. Este momento culminou com a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - ADUFMS, que é ligada a Federação de Sindicatos de Professores de Instituições Federais de Ensino Superior - PROIFES, tendo votado a favor do término da greve sem a concordância dos professores. Seus filiados foram ameaçados inclusive por agentes de segurança privada contratados pelo sindicato para intimidar os professores, e com os alunos, naquele momento sem força autônoma real, ficando a reboque desta decisão.

Os instrumentos de pressão, sejam eles os sindicatos, sejam os diretórios de estudantes daquele momento, não conseguiram servir para fazer valer seus interesses. Neste período em que as assembleias de estudantes, técnicos e professores tinham se tornado frequentes, a pergunta que tinha colocado para mim foi: mesmo com todo o

apoio, com a maioria e, a nosso ver, estando cobertos de razão, por que não avançamos? O que foi que deu errado e que impediu que a educação pública de nível superior, que claramente sofre um desmonte tutelado pelo poder público, conseguisse avançar com pautas tão óbvias, como valorização da carreira de professores e técnicos? Não é possível que exista alguém que acredite que trabalhadores da educação não devam ser valorizados. Mas que tempos sombrios são esses em que algo tão óbvio não se mostra de forma clara?

Fora do âmbito mais geral, que caracteriza a Educação Superior no país, as perguntas particulares que surgiam em relação à UFMS eram: como é que ela consegue ter a gestão de uma reitoria que, apesar dos inúmeros casos notórios de corrupção e apropriação indevida do erário público, se mantém, apesar de tudo isso? Como coisas tão óbvias como salas de aula inundando em dias de chuva existiam, apesar da imensa verba destinada à UFMS? Como prédios novos, como é o caso da edificação com as salas do Mestrado em Psicologia, no qual integro a segunda turma, já estão inteiramente rachados? Aliás, a pergunta poderia ser colocada da seguinte forma: como permitimos isso? Afinal, ninguém se mantém sem a complacência dos outros. Esta dissertação aparece como um produto dessas várias indagações deste período.

Ao buscar entender as conexões entre situações que, inicialmente, pareciam tão díspares, percebi que precisava compreender as transformações pelas quais a realidade se modifica para dar respostas às perguntas acima. Entender o movimento da realidade, as transformações das relações interpsicológicas, e como elas determinam o movimento intrapsicológico, expressos nas formas de manifestação das consciências individuais, foi o que serviu de orientação para a construção e desenvolvimento de nosso objeto de estudo.

E, não é possível a compreensão desta relação, sem entender que os interesses envolvidos aparecem como produtos genuínos de uma sociedade estratificada em classes, e que cada relação interpsicológica do cotidiano se mostra como determinação de um movimento social mais amplo. As classes sociais, seus interesses divergentes, e a representação que fazem de si são determinantes da sua atuação cotidiana.

Mas, a criação e a expansão da consciência também são prejudicadas porque a objetividade das transformações sociais oculta um caráter que não nos é dado de forma direta, mas que indica complexas mediações que fazem com que um indivíduo só possa interiorizar parte da história das gerações anteriores. Isso dá a possibilidade de nos

apropriarmos dos instrumentos criados ao longo do desenvolvimento da humanidade e culmina com o movimento de desenvolvimento da consciência.

O movimento interpsicológico se mostra no plano intrapsicológico. Mas para que consigamos entender isto, é necessário tomar como base que o processo de interiorização da realidade depende de instrumentos sociais para que ocorra e quando se efetiva, constrói em cada um uma representação do mundo que nos orienta na vida e permite o desenvolvimento da consciência. Como existe a interdependência entre movimento inter e intrapsicológico, esta correlação se mostra na determinação que as atividades e seus instrumentos propiciam conforme a posição que um indivíduo ocupa dentro da estrutura estratificada de uma sociedade de classes para a construção da estrutura da consciência individual: os significados e sentidos das coisas da vida para cada classe social.

Mas já que os instrumentos e ferramentas criados pelo trabalho coletivo, necessários para agirmos sobre o mundo e assim nos tornarmos conscientes dele, não estão distribuídos e nem disponíveis igualmente, para que todos os indivíduos possam potencializar o desenvolvimento de todas as suas possibilidades enquanto sujeitos, os significados e sentidos que cada classe social experimenta na produção das suas vidas se diferirão. Portanto, com a desigualdade social, também a subjetividade desenvolvida dependerá do que pode ser apropriado por cada um neste intrincado complexo mediacional, e que pode adquirir o seu valor contrário: uma limitação na processualidade do desenvolvimento da consciência.

Para entendermos a forma pela qual a instrumentalidade hegemônica cria ferramentas responsáveis por velar e mascarar as verdadeiras relações sociais e pessoais que, assim condicionadas, tornam a realidade um mistério; é necessária a dissecação das formas de produção e reprodução da organização social. Isso porque a forma de organização do trabalho social é que determina a maneira pela qual os instrumentos estarão disponíveis para cada indivíduo. Em sociedades divididas em classes sociais, também a forma como o movimento da consciência se mostra decorre da manifestação dessas relações. Isto porque cada classe social cria uma representação do mundo derivada da sua posição de classe, a qual utiliza para orientar sua atividade na realidade. É assim que a classe social medeia de forma determinante a constituição da consciência individual.

Sabendo disto, e que as diferentes classes produzem as suas vidas de forma distintas, tivemos como objetivo nessa dissertação buscar a compreensão do processo

pelo qual a consciência de uma classe determina o desenvolvimento da consciência individual. Para tanto, tomamos como objeto de nosso estudo o processo de mediação que estabelece a relação entre a consciência de classe e a consciência individual, assim como a função dos instrumentos nas relações mediacionais, que tornam possíveis a interiorização da realidade. Construimos, então, a nossa hipótese de trabalho como a seguinte pergunta: é real que a consciência de classe determina o processo de desenvolvimento da consciência individual?

Somente através da compreensão desta relação é que nos foi possível entender se e como a consciência de classe, como uma categoria interpsicológica explicativa do movimento interno de uma classe social, pode ser interiorizada, transformando-se em uma determinação intrapsicológicas. Nas sínteses de múltiplos elementos que originam a realidade concreta, as consciências se mostram como consequências mediadas da contradição do movimento do real, já que “o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida [...]” (MARX, 1982, p. 14).

Nesta síntese da realidade concreta existe a possibilidade de movimento do interpsicológico ao intrapsicológico. Nele, a determinação de classe permeia todos os diferentes momentos de desenvolvimento da consciência individual, já que desde sua gênese sócio-ontológica, os diferentes instrumentos estão disponíveis de formas desiguais para indivíduos de diferentes classes sociais. Portanto, a classe social marca o desenvolvimento individual.

Para conseguirmos realizar o objetivo geral, precisamos, então, desdobrá-lo em alguns objetivos específicos que nos orientaram na busca da resposta para nossa pergunta. Dentre esses, centramo-nos no aprofundamento da teoria psicológica vigotskiana (1999a, 1999b, 2000, 2003, 2004, 2010, 2012a, 2012b), que tem na consciência individual seu principal objeto de estudo; também retornamos aos clássicos do materialismo histórico-dialético, especificamente a Marx (1982, 2007, 2010, 2011a, 2011b, 2011c, 2012, 2013, 2014), assim como às obras conjuntas de Marx e Engels (2005, 2013a, 2013b, 2013c), as de Lenin (s/d, 2010, 1986a, 1986b, 1986c) e as de Lukács (2010, 2011, 2012), para compreendermos a construção da categoria consciência de classe; para, só então, examinarmos o processo pelo qual a consciência de classe determina o desenvolvimento da consciência individual.

Para tanto, realizamos os nossos estudos como um processo metódico, sistematizado e organizado pela visão que tínhamos do objeto, o que nos possibilitou

nos apropriarmos da sua materialidade e realizarmos a sua reconstrução no plano ideal. Ou seja, usamos o método de pesquisa como um modo que possibilitou apreender as determinações que incidiram e incidem o objeto de análise. Assim a organização propiciada pelo materialismo histórico dialético serviu para orientar e direcionar a nossa atividade prática e o nosso pensamento na organização das relações dos objetos que existem na realidade. Reafirmamos que é o método que determina o movimento ideal, assim como é determinado pelo próprio movimento real.

Partimos, então, do entendimento que o movimento da matéria precede o movimento das ideias e que, portanto, qualquer estudo da manifestação das consciências das classes e dos homens tem suas raízes no movimento real da história, entendida aqui como eterna luta entre elementos contrários que se negam a todo instante. Sabendo disto, recuperar a história significa se apropriar de como, em cada momento particular, a luta de classes sempre produziu o desenvolvimento da força material de produção e circulação dos produtos resultantes do trabalho social total.

Como motor que impulsiona o desenvolvimento histórico, a luta de classes acaba por determinar a maneira pela qual as consciências são constituídas e em cada momento se manifestam. Somente compreendendo o antagonismo da luta de classes é que podemos considerar suas formas de manifestações particulares social e individualmente. Portanto, entender que a consciência de classe, como elemento resultante das diversas relações interpsicológicas, estabelece a mediação intrapsicológica para o desenvolvimento da consciência individual, significa compreender processos históricos pelos quais os homens conseguem criar instrumentos para a transformação da realidade em que vivem. E é isso que nos propusemos a fazer aqui.

Partir da concepção de que as relações sociais são materiais por criar instrumentos históricos que moldam as relações reais entre os homens, é saber como eles produzem o desenvolvimento intrapsicológico individual por oferecer as ferramentas sgnicas. O estudo metódico, que parte da materialidade histórico-dialética, deu-nos os instrumentos teórico-metodológicos para entender as determinações estabelecidas pelo nosso objeto de pesquisa. Aqui, não existe separação entre teoria e método, já que eles se interpenetram, determinando-se mutuamente.

O materialismo histórico-dialético tem como fundamento o entendimento que a realidade é um processo que se metamorfoseia, e que somente quando são desvelados os mediadores dessa transformação é que se torna possível a sua apreensão. É isto que

pretendemos fazer: compreender a forma pela qual a consciência de classe determina a consciência individual. Os diferentes instrumentos que tornam possíveis essa determinação, seja para mascaramento da realidade, seja para o seu desvelamento, só podem ser entendidos como relações interpsicológicas e intrapsicológicas. Por isto a análise da instrumentalidade do trabalho, como mediação infraestrutural fundamental, e como a sua divisão social se torna determinação para compreender as mediações superestruturais hegemônicas do Estado e da religião.

O que apresentamos aqui como relatório expositivo em forma de dissertação é a síntese a que chegamos ao final do nosso trabalho e para a sua estruturação lembramos da diferenciação de Marx (2014) entre modo de pesquisa e modo de exposição:

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori (MARX, 2014, p.90. Destaques no original).

Assim sendo, o caminho para a concepção e desenvolvimento da nossa pesquisa não seguiu uma linearidade positivista, em que as proposições utilizadas em sua gênese se verificaram sempre como verdadeiras, mas em diferentes estágios de desenvolvimento. Ao contrário, lidamos com o erro, com as verdades e, com a necessidade de aprofundar e abandonar vários aspectos em diferentes momentos. Isso fez com que tivéssemos que ampliar a pesquisa em autores que não estavam previstos em seu início. Por exemplo, trabalhávamos com a hipótese de que a categoria consciência de classe estava mais desenvolvida nas explicações de Lukács (2012), que publicou em 1923 o seu mais famoso livro: *História e Consciência de Classe*. Tão logo iniciamos a investigação da hipótese baseados nessa obra, descobrimos uma importante afirmação em um recentíssimo livro do mesmo autor, o seu *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social*, escrito durante a década de 1970 e publicado somente em 1984, onde diz que:

A doutrina de Lenin da consciência de classe do proletariado, não mais espontânea, mas trazida “de fora”, foi, pois, o único grande avanço teórico para uma renovação do marxismo e construção de sua totalidade autêntica fundada no ser e sua mobilidade histórico-mundial (LUKACS, 2010, p. 287. Destaques no original.).

Isto provocou uma verdadeira inflexão em nossa pesquisa. Não mais encontraríamos a explicação mais desenvolvida de consciência de classe nos escritos de Lukács, pois ela está nos escritos de Lenin e, precisamos voltar-nos para esse. E foi isso que fizemos, certos de cumprirmos uma exigência decorrente do movimento do real que se manifesta também no plano da reconstrução do movimento ideal. O próprio Vigotski já tinha se atentado a isto quando ao comentar em *Pensamento e Linguagem*:

Quando este trabalho estava começando, ainda não tínhamos clareza não só dos seus resultados finais, mas também de muitas questões que foram surgindo no curso da pesquisa. Por isso, nesse processo tivemos constantemente de reexaminar teses anteriormente apresentadas, abrir mão de muita coisa que se mostrou incorreta, reformular e aprofundar questões, reelaborando-as e reescrevendo-as completamente. [...] assim como excluímos deste trabalho muitas questões que antes nos pareciam corretas e verificamos serem falsas (VIGOTSKI, 2010, p. XVIII).

A pesquisa teve, então, como base teórico-metodológica o materialismo histórico-dialético que fundamenta a compreensão do movimento contraditório dos múltiplos elementos da realidade. Isso nos foi exigido porque os diferentes momentos particulares, que se articulam como mediadores entre a totalidade das relações interpsicológicas na sociedade e a singularidade das relações intrapsicológicas dos indivíduos, só podem ser compreendidos quando os intrincados elos intermediários entre ambos os polos são desvelados.

A psicologia, dentre outras áreas do conhecimento, requer que se desvele os fenômenos que investiga porque suas manifestações na realidade são mediadas e, portanto, a sua compreensão só se torna possível pela análise sistematizada de seu objeto de estudo. Tão logo a compreensão dos fenômenos intrapsicológicos possam ser compreendidos, a psicologia defronta-se com as suas manifestações interpsicológicas, que também se mostram veladas.

Esta dupla mediação, seja ela interna e externa, torna o objeto da psicologia algo extremamente complexo e que não pode ser simplificado. Entender a realidade externa, que se mostra velada, é condição fundamental para se entender o movimento pelo qual ela se torna uma realidade interior, também velada. Abrir de mão de entender qualquer um destes polos, assim como da mediação que se interpõe entre ambos, significa deixar de buscar a compreensão da relação entre indivíduo e sociedade.

Portanto, estudar as formas de manifestação das consciências, sejam elas as interpsicológicas, como no caso da consciência de classe, sejam as intrapsicológicas,

como a autoconsciência, só pode ser feito através da análise das suas manifestações indiretas. Entretanto, como a consciência de classe é um conceito que se refere às manifestações de processos que se estabelecem no interior de um grupo: a classe social, e a consciência individual se refere aos processos que se dão no âmbito de um indivíduo, obedecemos aos ditames do materialismo histórico dialético, para investigar como se concretiza o fato que qualquer relação entre ambas exige a interposição de elementos intermediários que façam com que as duas formas de manifestação não coincidam, mas se relacionem e, muitas vezes, se contraponham.

Para realizarmos tal intento, analisamos as categorias consciência individual, mediação e consciência de classe, com vistas a compreender o movimento do processo interfuncional entre elas. Para tanto, buscamos observar a orientação de que a análise é sempre a aplicação de um método para a compreensão de nosso objeto de estudo. Para tal, nossa análise reconstruiu, no plano ideal, esta interfuncionalidade na relação entre as consciências, que nos é dada através do estudo indireto de suas manifestações. Afinal, como estas categorias não nos são dadas diretamente, é importante se perguntar:

Como se comportam as ciências no estudo do que não se nos oferece diretamente? Em geral, reconstroem, elaboram seu objeto de estudo recorrendo ao método de explicar ou interpretar seus vestígios ou influências, isto é, recorrendo a elementos que lhe proporcionam uma experiência direta [...] A questão consiste apenas em como, com que método interpretar esses vestígios [...] (VIGOTSKY, 1999b, p.277-278).

A exigência metodológica que buscamos atender é sobre as formas como o problema da relação entre a consciência de classe e a consciência individual se manifesta na atualidade, mais explicitamente, precisamos verificar e analisar sob quais aparências as consciências individuais e de classe se apresentam na atualidade e como se dá a influência de uma sobre a outra. Ou seja, se há relação, elas são mesmo mediadas? Pelo que?

Sabemos que a apreensão dessas manifestações é dificultada pelas mediações ideológicas inerentes a cada momento histórico, mas também entendemos que a reconstrução histórica que leva aos seus desvelamentos se torna cada vez mais dificultada pelas múltiplas mediações presentes na sociedade. É para orientar a recomposição dessa trajetória de transformação das relações entre as consciências de classe e a consciência individual, bem como os seus diferentes mediadores históricos

que buscamos compor um contexto que, nesse momento e marco histórico, venha a representar a totalidade da problemática.

Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre como se manifesta o entendimento desses fenômenos e, isto é apreensível nas formas teóricas e metodológicas como vêm sendo abordados nos últimos anos. Esta recomposição se mostrou necessária ainda porque precisamos tomar a manifestação aparente como resultado da conjuntura sócio-econômica, do conjunto de circunstâncias que hoje determinam essas relações.

Para compor o contexto de nosso objeto de estudo, que nos permite indicar a aparência de como ele se manifesta atualmente, fomos buscar as pesquisas acumuladas no banco de teses da CAPES, em artigos publicados nos periódicos da CAPES e SCIELO.

No Banco de teses da CAPES, utilizamos os seguintes indexadores: consciência de classe, com o qual localizamos sessenta e sete (67) trabalhos; o descritor mediação nos direcionou à um mil trezentos e noventa (1.390); já ao usarmos o Vigotski como indexador o número de trabalhos cai para cento e oitenta e seis (186) incidências e, em consonância com a nossa hipótese, verificamos que é baixo o número de estudos sobre consciência individual, com setenta registros (70), na perspectiva que a tem como objeto central de investigação. Mas como nos interessava uma relação específica que explicitasse, não essas categorias em separado, mas a relação processual na qual elas se inter-relacionam, mesclamos os indexadores e obtivemos a seguinte contagem: consciência de classe e mediação (3 registros); consciência de classe e psicologia (3 registros); consciência individual e mediação (5 registros).

No banco de dados da SCIELO, utilizando os mesmos indexadores: consciência de classe, localizamos vinte e oito registros (28 registros); quatrocentos e oitenta e nove (489) registros para mediação; cento e oito (108) registros para Vigotski; e cento e quatro (104) registros para consciência individual. Com relação aos indexadores mesclados, obtivemos: consciência de classe e mediação obtivemos um (1) registro; um (1) registro para consciência de classe e psicologia; e um (1) registro para consciência individual e mediação.

Para fins de estudo, e ao que nos interessava, utilizamos como critério de descarte aquelas publicações que não tratavam diretamente da relação entre classe social e desenvolvimento da consciência individual, tomando Vigotski como ponto de partida. Isso porque acreditamos que na psicologia de Vigotski encontra-se uma discussão entre

as relações existentes entre estas categorias, mostrando a conexão entre classe social e psiquismo. Assim, a maneira pela qual a aparência se mostrava no tratamento da relação entre a consciência de classe e a consciência individual nos levou a compreensão de que na psicologia a discussão de classe social não tem ocupado o primeiro plano desta ciência.

A reconstituição histórica feita através da materialização desta pesquisa nos mostrou que das teses, dissertações e artigos encontrados percebemos que a consciência de classe foi trabalhada por diferentes áreas, entre elas Serviço Social, Educação, Ciências Sociais, Filosofia e História. A aparência, ou seja, a forma como se mostram os estudos entre consciência de classe e individual, revelou que na psicologia esta discussão não ocupa o primeiro plano.

No serviço social temos o trabalho: Projeto ético-político e consciência de classe: uma relação dialética, reflexões sobre o exercício profissional/político das/dos assistentes sociais dos centros de referência de assistência social (CRAS) em Recife (SILVA, 2011); na área da educação, esta discussão se mostra refletida nos trabalhos: História e consciência de classe na educação brasileira: lutas e desafios políticos dos trabalhadores em educação de Minas Gerais (IRO, 2012) e Associação Sul-Riograndense de professores: um nicho de desenvolvimento da consciência de classe docente em Pelotas (1929-1979) (CARDOSO, 2011); nas ciências sociais, com Identidade cultural e consciência de classe no capitalismo tardio (GAJANIGO, 2012). Em filosofia, o interessante de se notar é que há um interesse crescente pelos escritos de Lukács, materializados em trabalhos como: Uma abordagem filosófica sobre a reificação em história e consciência de classe de Georg Lukács (MENDES, 2012) e Reificação e totalidade à luz de história e consciência de classe (1923) de György Lukács (ALMEIDA, 2012); e ainda em História: Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960 (FARIAS, 2012).

Ainda que com interessantíssimos trabalhos, aqui não encontramos uma discussão entre a consciência de classe esclarecida a partir das categorias da própria psicologia. Aparecem as manifestações particulares de cada ciência tratando de aspectos que as interessavam. Com relação às discussões sobre Vigotski, encontramos uma série de trabalhos focados na relação mediacional da educação como: A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil (BINATTI, 2011); Atividade do professor em sala de aula: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia Sócio-Histórica (BARBOSA, 2011); Saberes docentes de uma professora

que ensina função e conhece a teoria dos registros de representação semiótica (MAGGIO, 2011). Assim como encontramos a discussão do papel da mediação da arte, como no trabalho Dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e Lukács (SCHUHLLI, 2011).

Com trabalhos que mostravam as grandes contribuições de Vigotski para o entendimento da relação de mediação entre a educação e a arte, ainda que tocando de maneira secundária na discussão de classe social, não conseguimos encontrar aquilo que procurávamos, já que como a maneira como lidavam com a temática, não nos ajudavam a compreender a nossa hipótese de uma relação da determinação da classe social por sobre a consciência individual.

Apesar de alguns resultados com marcadores mesclados, apenas uma delas se referia ao processo mediacional entre a consciência de classe e a consciência individual. Mas no que se refere exclusivamente à psicologia, nos deparamos com uma interessante dissertação: A relação entre a consciência individual e a consciência de classe: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora, assim como um artigo desta mesma autora, em coautoria, com o título: Contribuições de Vigotski para a análise da consciência de classe (ALMEIDA; ABREU; ROSSLER, 2011). Em sua dissertação, Almeida (2008) teve como objetivo: “analisar as contribuições de Vigotski para entender através de que processos e mediações, a consciência social ideologizada incorporada pelo indivíduo pode se transformar em uma consciência de classe revolucionária” (ALMEIDA, 2008, p.13). Consideramos de uma grandiosidade o seu tema de pesquisa, assim como todo o desenvolvimento da dissertação da autora. As belas analogias envolvendo o encontro de um rio com o mar, como uma metáfora para a relação entre as consciências, sintetiza um grande trabalho sobre a temática.

Da manifestação de como se apresenta, na aparência, a discussão entre classe e psicologia, podemos adentrar a essencialidade destas discussões e percebemos que o movimento em que se mostra na psicologia um não reconhecimento da classe social como determinação do desenvolvimento humano se explica pelas atuais formas de manifestação das idéias dominantes enquanto veladoras da organização social. O consenso fabricado de que não existem mais classes e que chegamos ao máximo desenvolvimento social é ancorado por teses que afirmam o fim da história.

Por isto não surpreende o fato da classe social não se mostrar como determinação do desenvolvimento individual na ciência psicologia dominante, já que existe uma tentativa de mascarar relações de classe, criando ideologias que tentam forjar uma consonância dos significados mais amplos da realidade. Em uma dessas tentativas, um ideólogo chegou a afirmar que: “A democracia liberal pode constituir o ponto final da evolução ideológica da humanidade, e a forma final do governo humano, e como tal, constitui o fim da história” (FUKUYAMA, 1992, p. 11).

Ao propagar a morte da história e ao afirmar o capitalismo como resultado final da história da humanidade, Fukuyama não pode ser nada além do que um mero ideólogo do capital. Isso porque a ideologia serve como forma de escamoteamento da realidade. Ainda como forma de tentativa de velamento das relações entre diferentes classes sociais, outro autor se tornou um ideólogo de classe. Drucker, que tem sido utilizado para justificar que não vivemos mais dentro do capitalismo, mas, no que ele chamou de pós-capitalismo, chega a afirmar que, na sociedade do conhecimento: “o capital serve ao empregado, quando sob o Capitalismo o empregado servia ao capital” (DRUKER, 1993, p. 42).

Mas como a história não acabou e o capital, claramente, não serve ao trabalhador, por trás dessas teorias que se tornaram hegemônicas na criação de significados sociais e justificadoras da atual forma de exploração do trabalhador pelo capital, as consequências se mostram como uma tentativa justificadora da realidade como forma de mascarar a existência conflituosa entre classes sociais antagônicas. A posição de classe que ocupa um indivíduo perpassa todo o seu desenvolvimento. Por isso, os significados sociais que esses ideólogos propagam ajudam a disseminar visões de mundo que tendem a obscurecer e limitar o desenvolvimento da consciência do indivíduo.

Concluída a construção do contexto da pesquisa, percebemos que se tem mantido praticamente intacta a importância da discussão da categoria consciência de classe para o desenvolvimento da ciência psicológica. Com esta reconstituição histórica, tem-se como necessário e fundamental a discussão entre as diferentes áreas do conhecimento e a sua possibilidade de articulação para a construção do conhecimento dentro da psicologia. Tendo refinado a busca quantitativa, fomos atrás do que nos revelava os dados qualitativos, para apreender aquilo que estava produzido.

Tendo dito isso, devemos entender que a contradição, pela qual elementos da realidade se opõem, é a base, também, para a compreensão da relação existente entre

consciência individual e consciência de classe. De um lado, um indivíduo, membro genérico da espécie humana, inicialmente, pouco desenvolvido; de outro, a sociedade dividida em classes antagonistas, cheias de contradições a serem interiorizadas por esse indivíduo. Dessa forma, aspectos característicos do indivíduo genérico se contrapõem aos aspectos gerais vindos da sociedade. Mas entre eles, temos em cada situação particular, uma síntese, que culmina, de um lado, com o desenvolvimento da autoconsciência desse indivíduo, assim como o desenvolvimento geral da própria sociedade.

Em termos epistemológicos podemos dizer que lidamos com a certeza que o movimento que constitui a consciência do indivíduo tem como percurso: mover-se do geral ao individual, passando pelo particular. Na especificidade da nossa pesquisa este pressuposto exigiu que examinássemos como aquilo que se apresentava na consciência social se mostra presente nas relações internas de uma classe e pode ser apreendido pelos membros dessa mesma classe e ser reconhecido como interesse dela. Como esse reconhecimento decorre da apreensão das características e funções da classe e essa se dá pela atividade trabalho, cada sujeito pode então entender quem é, qual é o seu lugar social, o que promove o desenvolvimento e ampliação da autoconsciência, através da mediação da realidade.

Eis a dialética entre o geral e o particular, mediada por um instrumento, o trabalho, que carrega as características do geral e do particular, porque decorre de ambos e por isso pode criar um campo de relação entre ambos, no qual eles se implicam. Em Fausto, de Goethe (1984), teríamos essa explicitação feita pela linguagem artística e literária, como um poema, transposto para concretização teatral, quando diz: “Do céu ao inferno, através do mundo” (GOETHE, 1984, p.25). Talvez seja para indicar esse mesmo tipo de relação a qual só pode ser mediada, que na análise de Hamlet, de Shakespeare, Vigotski afirma: “No limiar entre esses dois mundos, através da tragédia” (VIGOTSKI, 1999a, p.181). Entre dois polos, entre a consciência social mais geral e a consciência individual mais singular existe a tragédia da ausência de consciência de classe que impede que se reconheça como existindo para si.

Precisamos, por isso, entender como os diferentes instrumentos mediadores estão distribuídos desigualmente pela realidade e como eles determinam o desenvolvimento da consciência. Para tal, nos aprofundamos nos estudos de três diferentes autores que nos ajudaram a entender o processo que vincula a consciência de classe e a consciência individual: Vigotski, Marx e Lenin.

Para entendermos as tragédias manifestadas e vividas pela ausência da consciência, voltamo-nos a obra vigotskiana por ela contemplar uma discussão da importância de classe social para a compreensão do processo de desenvolvimento individual. Entretanto o retorno a Marx e Lenin se faz necessário porque estes autores sempre apontaram a importância da materialidade das relações sociais como base para a construção da sociedade e dos homens, mostrando as imposições limitantes do capitalismo e seu papel na manutenção da desigualdade social. Mas não apenas se restringiram ao estudo e conhecimento das determinações sociais que são produzidas pelo movimento de ampliação do capital, mas objetivaram a transformação do real. Reconhecemos que em ambos os autores existem importantes fundamentações acerca do entendimento da realidade, e assim como notou o maior sociólogo brasileiro:

Para o marxismo, a contribuição de Lenin representa um acréscimo substantivo em duas direções. Primeiro, ele repôs o marxismo como política em suas bases revolucionárias [...]. Segundo, ela traz consigo a primeira descrição teórica e a primeira formulação prática da revolução proletária como processo histórico e vivido (FERNANDES, 2013, p.238).

É justamente por isso que as obras destes autores mantêm a “vitalidade e a atualidade [...], estimulando notadamente os jovens a nela buscar os fundamentos para uma renovada *crítica radical*, teórica e prática, ao mundo que aí está [...]” (NETTO, 2013, p.14. Destaque no original). Como estes são sólidos pilares da teoria vigotskiana, consideramos que estudá-los enquanto uma unidade, que possui diferentes momentos, para compreender a interfuncionalidade da consciência de classe e consciência individual é uma forma de retomar parte do pensamento crítico, produzido ao longo da história da humanidade.

No cerne da psicologia soviética, interessa-nos especificamente a teoria psicológica vigotskiana que, ao longo do seu desenvolvimento, teve uma história de diferentes interpretações que mostraram seu caráter complexo e multideterminado. No Brasil, também a teoria psicológica de Vigotski recebeu diferentes interpretações, que indicam a fragmentação que sua obra havia sofrido. No Brasil, a escola de Psicologia Social desenvolvida por Lane, em São Paulo, que: “busca recuperar o individuo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade¹” (BANCHS, 1987, p.227. Tradução nossa). É também aí que os esforços para a ampliação dos estudos da teoria de

¹ “busca recuperar al individuo en la intersección de su historia como historia de su sociedad” (BANCHS, 1987, p.227).

Vigotski ganham intensidade, já que existiu: “o estímulo da professora Silvia Tatiana Maurer Lane (PUC/SP) [...], no sentido de influenciar gerações inteiras de pesquisadores, psicólogos e educadores a se aproximarem da fertilidade e do vigor, teóricos e práticos, da obra vigotskiana” (DALLA VECCHIA; PASQUALINI, s/d, p.6).

Mas, para suprir as lacunas de seus escritos, a teoria vigotskiana foi identificada como coincidente a de outros autores da psicologia soviética, apresentando-o como participante de uma unidade teórica que se manifestava de maneira monolítica nos continuadores de sua obra. Entretanto, sabe-se que não era essa a realidade e que por detrás da ideia de uma concepção mecânica de teoria monolítica escondia-se diversas explicações psicológicas diferentes, sendo a maioria delas derivadas de uma concepção vulgar daquilo que se convencionou chamar de marxismo-leninismo².

Para justificar as interpretações marxistas-leninistas, típicas da era de Stálin, foram necessários grupos inteiros de intelectuais e artistas para explicar ideologicamente a sua existência. As posições assumidas pelo estado soviético após a morte de Lenin deixam de contemplar a liberdade de pensamento e criação. Busca, então, cristalizar o que entendiam que seriam os fundamentos filosóficos e políticos da revolução soviética. A interpretação do materialismo histórico-dialético oferecida pelo Partido Comunista da URSS se torna um todo monolítico, marcado por uma unidade artificial de ideias. Como esta é bastante mecanicista, as ideias dialéticas e a valorização do ideativo e sócio, tal como vinha se desenvolvendo a teoria de Vigotski deixa de ser aceito e é censurada toda a produção com essas características na URSS.

Por isso que em 1936, dois anos após a morte de Vigotski, é publicada pelo Pravda³ uma Resolução que proíbe a sua obra em solo soviético. Este decreto afirmava que a produção e a prática psicológica e pedagógica, que teve na Paidologia, uma ciência que estuda a evolução física e psicológica da criança considerando as condições

² O termo *marxismo-leninismo* não significa uma simples condensação das teorias de Marx e Lenin, mas uma interpretação histórica que acabou por adular, simplificar e limitar os escritos de ambos os autores. A amplitude dada por uma análise que considera que qualquer elemento se efetiva apenas na superação de polos que se negam a todo o momento se transformou em uma simples dialética evolutiva, linear e com clara tendência positivista. Foi a típica manifestação do período stalinista em que “a teoria foi adulterada. Os pensamentos de Marx, Engels e Lênin – pensamentos radicalmente críticos e polêmicos – foram transformados num conjunto de dogmas simplificados a que se deu o nome de *marxismo-leninismo*. E foi esquematizado a ponto de poder ser expresso em fórmulas vazias de conteúdo e ser reduzido à dicotomia do “materialismo dialético” e do “materialismo histórico”” (NETTO, 1981, p.63). É por isso que “desaparecido Lenin, a ortodoxia “marxista-leninista” logo degeneraria num dogmatismo sem precedentes na história do marxismo, numa ideologia alienante, que expressava e servia aos interesses da nova classe dominante formada no curso da industrialização staliniana” (CLAUDÍN, 2013, p.690). Basta lembrarmos a afirmação simplista com relação à oficialidade do dogma staliniano: “O materialismo dialético é a teoria geral do Partido marxista-leninista” (STALIN, 1982, p.13).

³ Órgão oficial de informação na URSS.

ambientais que a cercam, uma de suas expressões; baseadas no pensamento dialético que reconhecia a existência do mundo ideal como oposto ao material era um erro porque fugia da determinação material. Por isso se apregoa que é inviável a continuidade dessas abordagens teóricas e “o CC⁴ do PCR reconhece que o trabalho de ensino e educação nelas é completamente insustentável, beirando a irresponsabilidade criminal” (PRESTES, 2012, p.249). E continuava: “o CC do PCR⁵ considera a teoria e a prática da assim chamada paidologia se baseiam em postulados cientificamente falsos e antimarxistas” (PRESTES, 2012, p.250). A necessidade de manter ideias diversas a do materialismo histórico dialético como sendo o próprio criou uma ideologia chamada de marxismo-leninismo na época stalinista, e guiado por essa o PCR a enxergar inimigos nos mais inteligentes intelectuais do marxismo.

É nesse contexto em que se buscava transformar opiniões em ciência, com vistas a garantir unanimidade em torno de um projeto político que já exigia mudanças, que a teoria vigotskiana é proibida. Baseado no que depois se revelou como mentiras e calúnias, o decreto do CC do PCR ainda determinou o que custaria caro para a história da psicologia soviética: “[...] Abolir o grupo de paidólogos das escolas e confiscar os livros de paidologia. [...] Submeter à crítica na imprensa todos os livros teóricos dos paidólogos atuais, publicados até a presente data” (PRESTES, 2012, p.251).

Vigotski, ainda no período final de sua vida, já estava sendo perseguido pelas instituições stalinistas e como reconheceu a sua filha, Vigodskaia: “[...] meu pai morre em junho 1934 de uma tuberculose. Sua morte poderia ter sido outra se tivesse seguido vivendo⁶⁷” (GOLDER; GONZALEZ, 2006, p.110. Tradução nossa).

Esta particularidade histórica refletiu diretamente na psicologia soviética. Rubinstein, um de seus importantes representantes, chega a afirmar que a “psicologia soviética se encontrava frente à tarefa de estruturar um sistema psicológico sobre os novos princípios marxistas-leninistas⁸” (RUBINSTEIN, 1977, p.101. Tradução nossa). E ainda que:

⁴ Comitê Central.

⁵ Partido Comunista Russo.

⁶ A morte, a que ela se refere, poderia ter acontecido como as dos alunos e amigos de outro genial intelectual daquela época: Mikhail Bakhtin. Isso porque ele escreveu alguns livros, como *Marxismo e Filosofia da Língua* e *O Freudismo*, colocando como autores, seus alunos. Seriam eles Volochínov e Medviédev, ambos mandados para a longínqua Sibéria, onde desapareceriam, sem deixar notícias, para sempre.

⁷ “[...] mi padre muere em junio de 1934 de una larga tuberculosis. Su muerte podría haber sido muy otra si hubiese seguido viviendo...” (GOLDER; GONZALEZ, 2006, p.110).

⁸ “psicología soviética se encontrava ante la tarea de estructurar un sistema psicológico sobre los nuevos principios marxistas-leninistas” (RUBINSTEIN, 1977, p.101).

Apenas a resolução do Comitê Central do P.C. da União Soviética de 4 de julho de 1936 desmascarou algumas teorias altamente prejudiciais e reacionárias, que inibiam com suas falsas frases pseudo-marxistas o desenvolvimento da psicologia, desagregando-a através de conceitos não científicos⁹ (RUBINSTEIN, 1977, p.103. Tradução nossa).

A pergunta que não pode deixar de ser feita é: como poderia ser Vigotski anti-marxista e idealista, se todos os estudos que havia publicado, nos 10 últimos anos da sua vida, serviam, justamente, para a criação de uma nova psicologia, com sólidas bases materialistas-históricas? Durante vinte anos sua obra ficaria, completamente, inacessível. Mas não existe linearidade na história e como diria o Fogo-Fátuo de Goethe: “[...] em via de regra, o nosso curso se faz em ziguezague” (GOETHE, 1984, p.180).

O renegado Vigotski foi reabilitado depois da morte de Stálin. Esse processo inicia-se em 1956, três anos após a morte de Stálin¹⁰, quando durante o XX Congresso do PCUS, do qual Nikita Khrushchev era o Secretário Geral e denunciou as perseguições e os crimes praticados durante a época stalinista. Assim, ao iniciar o período de desestalinização na URSS a produção científica e as contribuições fundamentais que construíram nas áreas das ciências humanas e sociais, ao criticarem o capitalismo e nos mostrarem suas determinações limitantes, que apreendemos como naturais por estarmos imersos nele; e nos possibilitaram conhecer a teoria psicológica de caráter materialista histórico-dialético não mecanicista construída por Vigotski.

Com o reconhecimento da importância de Vigotski, parte de sua obra voltaria a ser publicada, ainda que de forma resumida. A publicação de *Pensamento e Linguagem* vem para o Brasil como um resumo do escrito original, depois de anos de proibição. Quando, em uma entrevista, a filha de Vigotski é perguntada:

A senhora sabe que a edição americana de *Michlenie i retch* é resumida. O que pensa sobre isso?

Guita: Naquela época, nós ficávamos contentes que tivesse saído daquele jeito. [...] De fato esse livro foi o impulso para que o mundo ocidental conhecesse Vigotski, ninguém o conhecia (PRESTES, 2010, s/p.).

⁹ “Sólo la resolución del Comité Central del P. C. de la U.S. del 4 de julio de 1936 desenmascaró algunas teorías sumamente perjudiciales y reaccionarias, las cuales inhibían con sus falsas frases seudomarxistas el desarrollo de la psicología, disgregándola por medio de conceptos anticientíficos” (RUBINSTEIN, 1977, p.103).

¹⁰ Lembremos que toda a velha guarda bolchevique que participou da Revolução foi processada e vergonhosamente condenada a morte nos famosos processos de Moscou das décadas de 1920-1930.

Adicionalmente ainda foram publicados textos inéditos. Por isso, retomarmos as raízes dos escritos de Vigotski no século XXI, quase um século após a revolução russa, significa nos apropriarmos do núcleo essencial da sua obra, mas não indica que o tomamos como a única manifestação da psicologia soviética, pois ainda que Vigotski tenha sido “o grande autor da psicologia soviética, [embora] esta o transcende: havia a Escola de Leningrado (de Rubinstein), os seguidores da reflexologia de Bekhterev; os pavlovianos, os reactólogos de Kornílov, os criadores da teoria do *set* de Uznadze” (TOASSA, 2009, p.17. Destaques no original).

A multiplicidade de significações contrárias que carrega a teoria vigotskiana se deve a complexidade com a qual o autor tratou o seu objeto de estudo, assim como a trajetória irregular de suas publicações. Sabendo da existência dessas diferenças, nos propusemos a ir à raiz de sua obra, compreendendo que o momento em que nos encontramos, pouco tempo depois das republicações de vários de seus escritos, é privilegiado para tentativa de se apropriar da essencialidade do seu pensamento. É necessário reconstruir a teoria vigotskiana para fazer o balanço de sua real contribuição, assim como dos pontos débeis que se mostraram falsos.

Retomar a radicalidade do pensamento vigotskiano, com a posição de que somente se considerando a marcação da classe social como momento indivisível no desenvolvimento individual, significa também retomar a crítica feita pelo pensamento e a prática de Marx e Lenin. Assim, como forma de contraposição ao fenômeno histórico limitador do marxismo-leninismo de Stalin, voltar aos escritos originais de Marx e Lenin constitui verdadeiro movimento de apropriação da história crítica. Sobre essa contraposição temos um avanço no que Lukács (2010) chamou de renascimento do marxismo¹¹, cuja direção é o reconhecimento da deformação interpretativa derivada de um período histórico particular, depois de seus longos anos de dogmatização.

Sabendo de todas as contradições que permeiam nosso trabalho, os capítulos, que se seguem a esta Introdução, mostram o resultado de nossos estudos. A dissertação se articula da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, discutimos a formas de manifestação das diferentes gradações de consciência. Começamos pela sua forma de manifestação mais ampla dada na consciência social, em que o Estado e a religião são formas determinadas de

¹¹ “A elaboração de fundamentos teóricos, para a práxis efetiva, baseados em uma historicidade concreta e verdadeira é uma das mais importantes questões do atual renascimento do marxismo, nesses complexos de questões que o próprio Marx não pôde trabalhar” (LUKÁCS, 2010, p.324).

expressão da consciência hegemônica de um período histórico. Como estamos em uma sociedade dividida em classes, em seguida adentramos a discussão da classe social e a forma de manifestação de suas consciências. E com isso, finalmente, adentramos nas possibilidades de construção e desenvolvimento da consciência individual. Para tal, retomamos escritos de Vigotski para defender a posição de que este sempre considerou a classe social como determinação para o desenvolvimento da consciência individual.

No segundo capítulo, discutimos a importância da mediação, como forma de considerar as passagens dos diferentes momentos em que as consciências necessitam para se manifestar. Para tal, tomamos a afirmação de que toda a relação humana é mediada. Sabendo disto, discutimos três formas de complexas mediações as quais estão submetidos os indivíduos: a mediação na esfera produtiva da sociedade, tendo em Marx uma ampla discussão de como ela se dá no processo de ampliação do capital; a mediação da esfera política, que tem nas discussões de Lenin e dos Sovietes, enquanto órgãos de classe, na Revolução Russa uma expressão histórica que mudaria os rumos do século XX; e a passagem da mediação interpsicológica para relações intrapsicológicas com Vigotski. As diferentes esferas de consciência só podem ser compreendidas se considerarmos os diferentes momentos de mediação que indicam a complexidade de todas as relações humanas.

No terceiro capítulo, retomamos uma importante categoria de análise da psicologia de Vigotski: o pensamento criativo e sua relação com a ação criadora do homem. Acreditamos que a discussão do homem, enquanto criador de instrumentos para a transformação da realidade, é uma discussão importante a ser retomada dentro da psicologia.

No momento final desta dissertação, tecemos ainda alguns comentários da possibilidade de discussão da criação individual ter a necessidade de articulação com a classe que o indivíduo pertence. A expressão máxima desta criação está na potencialidade da elaboração de instrumentos que sirvam para a organização interna da própria classe. Defendemos aqui a interdependência necessária entre classe social e indivíduo na psicologia.

1. AS CONSCIÊNCIAS

“[...] o Estado é a expressão ativa, autoconsciente e oficial, o fundamento dos males sociais e a compreender-lhes o princípio geral. [...] Quanto mais agudo ele é, quanto mais vivo, tanto menos é capaz de compreender os males sociais” (MARX, 2010, p.62).

[...] a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica. [...] O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o reflexo de si mesmo, [...] o homem faz a religião, a religião não faz o homem. (MARX, 2013, p.151).

Na medida em que se sabe que a experiência individual de cada pessoa é condicionada pelo seu papel em relação ao meio e a pertença a uma classe é exatamente o que determina tal papel, fica claro que a pertinência de classe determina a psicologia e o comportamento do homem (VIGOTSKI, 2004, p.286-287).

Com o desenvolvimento da psicologia, enquanto ciência particular, as preocupações que eram parte da filosofia se transferem para esta área. É isto o que acontece com a discussão da consciência na modernidade. Dentre os diferentes ramos da ciência psicológica, a teoria sócio-histórica busca explicar a consciência individual como processualidade psíquica que se forma nas relações sociais para orientar cada um nessas mesmas interações sociais. Porém, como já foi teorizado por Leão (2012 p.64)

[...] o psiquismo e sua instância fundamental, a consciência, constituem-se porque os seres humanos se formam nos grupos sociais em que vivem, levando-nos a pensarmos e agirmos como membros destes grupos. Tais explicações foram possibilitadas pelo enfoque dialético sobre a gênese das funções e dos sistemas psicológicos constituintes da consciência, que desvelou a irreduzibilidade dos aspectos fisiológicos em psíquicos e vice-versa.

Nas sociedades capitalistas o grupo fundamental no qual cada um se desenvolve é a classe social e, portanto, torna-se essencial o entendimento dessa para analisarmos os aspectos subjetivos, individuais que nos fazem sujeitos sociais e indivíduos particulares, tais como

[...] a afetividade, a atividade, a consciência e a personalidade surgem, se estruturam e se desenvolvem em um determinado meio social, lidamos com a condição em que cada indivíduo tem determinadas possibilidades de desenvolvimento condicionadas pelo seu meio concreto; concordamos que diferentes meios socioculturais oferecem possibilidades diversas de desenvolvimento aos indivíduos. (LEÃO, 2012, p. 65)

Conforme os princípios estruturantes da teoria marxiana¹², que se expressam nos fundamentos sócio-históricos, o conceito de classe se refere a um grupo de indivíduos que ocupam uma mesma posição nas relações de produção, em determinada sociedade. Devida a essa coincidência de relações na atividade de produção da vida, a nossa classe é que condiciona, de modo categórico, os nossos exercícios sociais. E isso é demonstrado quando nos casos de conflitos, apesar de compartilharmos pensamentos e comportamentos de indivíduos de outras classes, as diferenças se mostram valorizando a posição da classe a que pertencemos.

O que geralmente indica o que será valorizado é o valor emocional que é construído e atribuído ao fenômeno por cada sujeito durante a interiorização dos acontecimentos e processos vividos nas relações de produção. A abrangência dessas vivências e a capacidade de determinação das classes sociais decorrem das relações de produção regularem tanto a distribuição dos meios de produção e dos produtos quanto a apropriação dessa distribuição e do trabalho. Elas expressam as formas sociais de organização voltadas para a produção. Por isso, reafirma-se que são os fatores decorrentes dessas relações que provem a divisão no interior das sociedades.

Em termos categóricos, sabemos que as classes sociais decorrem da divisão social do trabalho e por isso representam um fracionamento efetivo da sociedade devido a exploração do trabalhador de uma classe por outra, o que implica na luta constante entre estes elementos contrários. Esse enfrentamento é o que caracteriza as relações sociais estabelecidas pelos homens entre si para se apropriarem dos meios de produção e transformarem a natureza.

Especificamente na sociedade capitalista essas interações sociais para a produção definiram dois grupos distintos em confronto: os capitalistas, que são os detentores dos meios de produção, o capital, que permite a transformação da natureza e a produção das mercadorias; em oposição a esses estão os trabalhadores, também

¹² A distinção entre teoria marxiana e marxismo é diferenciada por Netto, quando diz: “penso que a obra original de Marx (a obra marxiana) é uma teoria da sociedade burguesa e da sua ultrapassagem pela revolução proletária; [...] sustento que não existe algo como “o marxismo”; defendo a tese de que há marxismos, vertentes diferenciadas e alternativas de uma já larga tradição teórico-política. A hipótese de um marxismo único, puro e imaculado remete mais à mitologia política e ideológica do que à crítica racional” (NETTO, 2009, p.8-9).

chamados aqueles que só possuem seus corpos e as suas forças para trabalhar. A síntese fundamental dessa luta de opostos é que a produção na sociedade capitalista só se realiza porque capitalistas e trabalhadores entram em relação: a relação necessária, mas de enfrentamento e que por isso exige a interposição de diversos mediadores. O principal motivo do enfrentamento é que o capitalista paga ao trabalhador um salário para que trabalhe para ele e, no final da produção, tem um mais valor gerado pela apropriação dos produtos produzidos além do que o salário pagou, o que caracteriza a exploração do trabalhador pelo capitalista. Por isso, toda a estruturação da teoria marxiana sustenta que existe um conflito permanente e insolúvel entre as duas classes no capitalismo.

Entretanto, é nesse processo de oposição entre as classes diversas que as relações entre os homens se estabelecem e geram os processos interpsicológicos, seja no interior do seu grupo ou nas instituições onde as lutas se concretizam. Por isso, quando a psicologia se propõe a explicar o movimento intrapsíquico que determina a consciência dos indivíduos, tem que considerar sobre a gênese e a função da consciência pessoal. Portanto, as investigações da ciência psicológica exigem que se indague porque o indivíduo deve saber de si e da sua existência, principalmente quando se admite que este é eminentemente um sujeito social. A maioria das conclusões sócio-psicológicas demonstram que a consciência sobre a realidade do mundo e de si mesmo é o que orienta as atividades humanas. Por isso, com a consciência pouco desenvolvida os indivíduos não se tornam sujeitos sociais e políticos nem se diferenciam dos demais objetos, o que impede que aja sobre eles e os transformem de maneira a favorecer a vida no meio.

O sujeito particular que deve se individualizar na generalidade da sociedade, apresenta-nos, então, uma nova preocupação: como se particularizar em um grupo que preexiste a si e que condiciona a sua vida. A compreensão destes processos decorre do entendimento de que existe uma realidade que antecede aos indivíduos. Portanto, ainda que já saibamos que há elementos que executam a função de intermediários para relacionar estas formas diferentes da realidade, a precedência da matéria sobre as ideias e a independência de ambas nos levam a deduzir que foram necessárias mediações para criar as características subjetivas dos humanos.

Nesta dupla relação, as lutas geradas para o atendimento das necessidades da vida em sociedade servem como força motriz para o desenvolvimento individual e o indivíduo, ainda que limitado pela sua singularidade, transforma a realidade social. Para

tanto, cria instrumentos para operar sobre ela, e esta capacidade própria do sujeito humano impõe que a ciência psicológica considere ambos os polos em relação: a sociedade, que determina o indivíduo que, por sua vez, transforma sua realidade. Então, é assim que se estabelece a ligação entre o sujeito e o meio social, mas mediada por meios que promovem esta relação, que é conflituosa devida à resistência de um a ação do outro para transformá-lo.

A ciência para entender os aspectos psíquicos do homem tem que apreender esta lógica das relações capitalistas, que são as inerentes à sua natureza social. Essa necessidade é atendida quando conseguimos saber como estão disponibilizados os instrumentos de produção e reprodução da vida para cada classe, pois são eles que estabelecem a relação do grupo com a sociedade em geral. Estes são os mesmos recursos criados ao longo da história para permitir a intervenção dos homens sobre a natureza, mas por serem ferramentas, podem ter as suas funções inerentes alteradas de acordo com as necessidades e serem utilizadas conforme a criatividade, posta em atividade pela necessidade. Então, desde que os homens tornaram as sociedades divididas em grupos, as ferramentas passaram também a servir, como mediatizadores das relações entre o indivíduo e a sociedade, perpassando pela sua classe social. Em decorrência desses processos, quando o homem muda o meio, o uso dos instrumentos faz com que mude a si mesmo.

É sobre essa lógica do que é a humanização que a teoria vigotskiana é concebida. A entendemos sustentada pela síntese da tripla história do homem: a dada pela história natural da espécie, que se mostra em sua filogenia; outra que se expressa na história social do desenvolvimento do indivíduo, em sua ontogenia; e a que decorre da interiorização da cultura, em sua sociogenia. Entretanto, ainda que a origem da consciência seja a relação imediata com a natureza, a constituição da consciência individual depende dos aspectos superiores sociais dominarem as características inferiores.

É deste modo que as funções psicológicas natas, dadas pela filogênese, se transformam em funções psicológicas próprias à sociedade: há uma via de desenvolvimento da filogênese sendo alterada na ontogênese e outra via que cria novas funções mediadas pelas relações sociais. Então, seria por essas duas possibilidades que a mediação da classe social seria fundamental por promover a apropriação destas durante a ontogênese e culminar com a possibilidade de apropriação da história social da humanidade.

Sendo assim, a tripla gênese histórica do homem tem seu processo explicado pelas três categorias da dialética: a generalidade, a particularidade e a singularidade. Elas devem ser usadas para esclarecermos o processo de formação do sujeito. Ou seja: é a partir da filogênese, que nos faz iguais porque reproduz as características da espécie em cada um, que podemos entender a base biológica que permite o desenvolvimento para as características humanas, porém, mediado por elementos das duas origens anteriores. Mas, sem essa base material não poderíamos entender a constituição dos aspectos psicológicos que faz a singularidade de um indivíduo. Essas características dadas na filogênese, tornam possível estabelecer as relações particulares na ontogênese, quando se dá a diferenciação dentre os iguais e forma a base para a apropriação da generalidade da cultura, com sua sociogêneses. É ao final desse longo processo que o mundo externo pode ser compreendido, abstraído e generalizado na consciência do homem.

O sujeito, que é único e indivisível, concretiza a síntese de destes processos históricos de desenvolvimento. É nele que se mostram as relações existentes entre a filogênese e a ontogênese, para cujo estudo se torna necessário se problematizar. Como não é possível estudar a história do desenvolvimento de um membro da espécie de forma separada da história da espécie humana, foi preciso elaborar um método de estudo sistematizado. Sobre essa relação, uma das primeiras contribuições dos estudos de Vigotski (2012b) foi demonstrar a impossibilidade de se afiançar o paralelismo pelo qual a história da evolução da espécie se repetiria no desenvolvimento individual.

Essa negação presente em uma das teses de Vigotski se converteu em premissa ao declarar que “Ao comparar os dados da ontogênese e da filogênese jamais partimos da concepção de paralelismo biogenético com o propósito de se falar em uma história do desenvolvimento da criança como repetição, reincidência de formas de pensamento dominantes em etapas passadas da história humana¹³” (VIGOTSKY, 2012b, p.62. Tradução nossa). Com isso, reafirmou a determinação social e rompeu com algumas das explicações tradicionais na psicologia de que a história da criança repete a história anterior da humanidade.

São as funções psicológicas superiores, as características mais avançadas constituídas pelo desenvolvimento do ser humano, que explicam as relações existentes

¹³ “Al comparar los datos de la ontogénesis y la filogénesis jamás partíamos de la concepción del paralelismo biogenético con el propósito de hallar en la historia del desarrollo del niño la repetición, la reincidencia de formas de pensamiento dominantes en etapas ya pasadas de la historia humana” (VIGOTSKY, 2012b, p.62).

entre as funções superiores e inferiores. Assim, a psicologia aprendeu como partir da aparência, de como se mostram os fenômenos que lhe interessam, para compreender a sua essência, considerando a determinação da, sua gênese. É esse o movimento que Vigotski frisa quando nos lembra “[...] que o desenvolvimento das formas superiores do comportamento historicamente formadas, passam de maneira distinta do que o desenvolvimento de funções elementares [...]”¹⁴ (VIGOTSKY, 2012b, p. 181). Foi preciso, então, sair da superficialidade aparente, da forma como as funções superiores se mostram nos processos da consciência, para entendermos a raiz do próprio desenvolvimento da filogênese.

Nos membros da espécie humano a condição de ser ciente se desenvolve porque tem como substrato a estrutura corporal que lhes são próprias. Isso porque o corpo humano é a condição necessária para o estabelecimento de qualquer relação extra corporal, por ser composto de diversos órgãos que se especializam para as diferentes atividades do homem. O que dá, inegavelmente, essa possibilidade é o cérebro, já que “qualquer sistema psicológico complexo [...] é, no fim das contas, produto de determinada estrutura cerebral” (VIGOTSKY, 1999b, p.130). Portanto, o órgão das atividades psicológicas superiores é o cérebro e sem ele não há base para o desenvolvimento da consciência. Mas Vigotski não retira esta tese do nada, mas se apropria das discussões de Lenin, que retoma a tese materialista na qual a consciência de um indivíduo só pode ser considerada se tomarmos como base o substrato material do cérebro. Assim, se pergunta: “A sensação existe sem “substância”, ou seja, o pensamento existe sem cérebro. Existem realmente filósofos capazes de defender esta filosofia descerebrada?”¹⁵ (LENIN, s/d, p.44. Tradução nossa).

É assim que chama aqueles que desconsideram que a consciência, ou qualquer atividade humana, precisa de uma base material para se desenvolver: filósofos descerebrados. Para corroborar sua tese, afirma que parte do materialismo e sua inter-relação com o conhecimento, pelo homem, de determinado objeto. E afirma que:

E isto é precisamente o materialismo: a matéria agindo sobre nossos órgãos dos sentidos, suscitando a sensação. A sensação depende do cérebro, dos nervos, da retina, etc., quer dizer, da matéria organizada de uma determinada maneira. A existência da matéria não depende da sensação. A matéria é o

¹⁴ “[...] que el desarrollo de las formas superiores del comportamiento históricamente formadas, transcurren de manera distinta que el desarrollo de las funciones elementales [...]” (VIGOTSKY, 2012b, p. 181).

¹⁵ “[...] la sensación existe sin “sustancia”, es decir, el pensamiento existe sin cerebro ¿Es que hay en realidad filósofos capaces de defender esta descerebrada filosofía?” (LENIN, s/d, p.44).

primário. A sensação, o pensamento, a consciência são o produto supremo da matéria organizada de uma maneira especial. Tais são os pontos de vista do materialismo em geral e particularmente de Marx e Engels¹⁶ (Lenin, s/d, p.51. Tradução Nossa).

Aqueles que partem do materialismo devem entender que, necessariamente, existe a matéria independentemente da idealização que os homens fazem da realidade. Desconsiderar o cérebro, enquanto substrato material da atividade consciente é abandonar o materialismo em detrimento de explicações metafísicas. Por isso, a noção de que a realidade é anterior a consciência, ou seja, a matéria precede a existência, é o princípio sustentador do materialismo. Assim, sabendo que a verdade objetiva é dada a partir do movimento da matéria, que existe independentemente do pensamento do sujeito que a concebe em seu interior, explica que, a consciência a partir da concepção de Marx.

Desta forma, consideramos que o motivo da vinculação da consciência humana ao cérebro é o fato da sua plasticidade permitir que suas áreas se especializem e tornem possível todos os processos psíquicos. É essa especificidade do cérebro que sustenta a nossa diferenciação uma vez que

[...] as unidades estruturais e funcionais na atividade cerebral, específicas do homem, dificilmente podem ocorrer no reino animal e de que o cérebro humano dispõe, em comparação com os animais, de um princípio localizador, graças ao qual chegou a se transformar no órgão da consciência humana (VIGOTSKI, 1999b, p.200).

Mas, o cérebro não é um órgão que se organiza e funciona independentemente das atividades dos homens. São as condições sociais manifestadas nas relações interpsicológicas com outros membros de sua espécie durante as atividades práticas dos indivíduos, que tornam possível o desenvolvimento da consciência. Se for então verdade que “todas essas funções agem em estreita conexão com a atividade externa [e] apenas posteriormente parecem interiorizar-se, transformando-se a atividade interna” (VIGOTSKI, 1999b, p.199), é preciso que a atividade desse indivíduo se inter-relacione com o desenvolvimento do próprio cérebro para que todo esse processo ocorra. Portanto, no plano ontogenético, o desenvolvimento de centros cerebrais, determinados

¹⁶ “Y esto es precisamente materialismo: la materia, actuando sobre nuestros órganos de los sentidos, suscita la sensación. La sensación depende del cerebro, de los nervios de la retina, etc., es decir, de la materia organizada de determinada manera. La existencia de la materia no depende de la sensación. La materia es lo primario. La sensación, el pensamiento, la conciencia es el producto supremo de la materia organizada de un modo especial. Tales son los puntos de vista del materialismo en general y de Marx y Engels en particular” (LENIN, s/d, p.51).

pela atividade do indivíduo, criam as condições para a constituição e o desenvolvimento da consciência.

1.1. A consciência de ser consciente

Mas, como então o materialismo histórico dialético explica a consciência? Como já vimos, primeiramente, a consciência individual precisa de uma base material para que possa se desenvolver. Mas, também demonstra que não é a consciência do homem que determina a sua vida e sua posição na estrutura social, mas são as suas condições sociais, expressas na classe que integra que determinam sua consciência.

Assim sendo, reconhecemos que as práticas sociais se desenvolvem independentemente da vontade dos sujeitos humanos uma vez que, como já se afirmou: a existência precede a consciência. A existência é engendrada nas relações sociais estabelecidas para a produção, que é a base de toda a ordem social e condiciona o ser social conforme o estágio da capacidade de produção. Em síntese, estamos defendendo que cabe à psicologia na investigação da consciência individual tomar metodicamente o princípio que a vida social é a gênese que pode explicar a consciência social e a do indivíduo.

Entender a própria consciência significa ir a origem de qualquer forma de sua manifestação, seja a social, a das classes ou a dos indivíduos; partir sempre do entendimento de que existe um mundo para aquém das abstrações criadas pelos humanos. Portanto, a própria consciência que os homens têm de si, enquanto indivíduos e membros de uma determinada classe, só pode existir, tendo como princípio ontológico fundamental, o desenvolvimento das forças de produção de determinado período histórico. Afinal, a ideia, assim como qualquer manifestação de representação da realidade só é concebida se existir como base estrutural e estruturante uma forma de produção e reprodução da própria existência humana, de onde derivam as expressões das transformações do próprio mundo.

Esse fundamento nos remete a consideração da teoria sobre o trabalho e por ela à compreensão que é o modo de produção calcado na posse dos instrumentos de trabalho por quem não os utiliza e a exploração do mais valor que promovem a luta de classes. Nesta sociedade, esta luta é a força motriz da sociedade porque visa a posse dos instrumentos e o fim da exploração dos homens sobre outros homens. Portanto, a

consciência desses fundamentos inerentes a sociedade de classe constitui a consciência social, que é a superestrutura social, a forma de fazer a explicação ou o velamento das relações de enfrentamento entre os homens. Tendo compreendido que essas bases tornam possível a existência da consciência, passamos a tratá-las de modo particular.

1.2. A consciência social

Pelas considerações acima apresentadas, sabemos que a consciência social é a compreensão da totalidade das relações entre as classes sociais de determinado período histórico. Como essa totalidade decorre das relações sociais, a noção sobre ela depende de levarmos em consideração a atividade trabalho, que é a origem ontológica do ser humano e das classes sociais e, conseqüentemente, da luta que elas travam e que força o desenvolvimento da sociedade.

Dada a sua característica de ser processual e derivada da atividade produtiva, historicamente, a consciência era prática e comum porque os homens tinham apenas os conhecimentos adquiridos pela imitação e aqueles dados pelos costumes e tradições, sob a forma de narrações e lendas. Esta consciência se desenvolve e se aprimora a medida que amplia as necessidades do grupo e, conseqüentemente, a produtividade. Portanto, é em decorrência das necessidades que os indivíduos passam a se relacionar uns com os outros e nessa relação constroem uma forma de entender a vida, que constitui a consciência social.

A consciência social decorre da vida em grupo e cumpre funções societárias específicas, como a de fixar os resultados do conhecimento e da prática em objetos materiais como, por exemplo, nas ciências. Ela serve, ainda, para expressar os interesses dos grupos sociais e de toda a sociedade e se manifesta em diversos campos da vida em comum, que se manifestam como as formas de consciência social, tais como: a ideologia política e jurídica, a moral, a arte, a ciência, a filosofia e a religião. Porém, devida a crescente irracionalidade do sistema metabólico de produção e reprodução do capital dá-se a constituição e manutenção da consciência social alienada.

Sob o capitalismo a sociedade se dividiu em duas classes fundamentais, mas uma delas se tornou dominante. Essa dominância decorre da sua primazia econômica sobre a classe dos trabalhadores, porém, essa pode ser revertida quando essa classe se

tornar consciente de sua condição. Portanto, a classe burguesa dominante cria formas de explicação da sociedade que se tornam o modo de se ter ciência da realidade. Assim, e conseqüentemente se constrói a consciência social.

O perverso é que essas explicações promovem a elaboração de ideias sobre o que seja o mundo e estas passam a justificar e induzir a reprodução do modo de produção. A esse processo se denomina de superestrutura, pois potencializa a relação de domínio do capitalista sobre o trabalhador. As representações mentais das coisas concretas ou abstratas que compõem a superestrutura ao não explicarem a realidade vivida pela classe trabalhadora e lhes oferecerem diferentes explicações para aquilo que vivenciam; tornam as relações travadas entre os homens algo místico e fantasmagórico, que serve como velamento das contradições reais da sociedade.

O argumentado acima indica que a superestrutura social faz uma mediação entre a realidade e as classes sociais e que a mediação estabelecida para a classe social burguesa explica a essa como é a sua vida, não abarca a diferença de como os trabalhadores a experimentam. Marx foi quem desvelou a função alienante para a classe trabalhadora das mediações promovidas pela superestrutura. Destacou que dentre as instituições que agem sobre a consciência deve-se arrancar o véu místico que a religião usa para encobrir a realidade e também desmascarar a natureza de classe do Estado.

Nos indicou ainda que a garantia de que mediações não mais poderiam iludir dependia de a sociedade vir a ser organizada por homens que tivessem consciências plenas sobre as propriedades das relações sociais e, que, assim evitariam a exploração de uma classe por outra, bem como a de homens por outros homens.

Mas enquanto isso não acontece, continua necessário que a psicologia entenda as formas de manifestação das classes sociais dominantes que se apresentam na organização das super-estruturas, as quais medeiam a constituição das consciências individuais e as fazem cindidas entre sentidos e significados díspares. Para o nosso trabalho, escolhemos duas formas de manifestação da consciência social, tal como se apresentam no estado e a religião.

1.2.1. O Estado

Se é o trabalho o responsável pela potencialização das características do gênero humano, é, também ele, que torna possível a existência de uma complexa estruturação de classes que lutam por seus interesses a todo o momento. É, como resultado dessa luta, que se criam os elementos mediadores superestruturais que se erguem da base do trabalho. É o caso do Estado, que nem sempre existiu, mas que é: “antes um produto da sociedade, quando essa chega a um determinado grau de desenvolvimento” (ENGELS, s/d, p.184).

Sabendo disso, temos claro que o que se concebe por Estado, não deve ser entendido como uma entidade metafísica, que existe independentemente dos homens. Pelo contrário, aparece como um instrumento resultante de milhares de anos de existência da própria humanidade, ou seja, foi criado pelos próprios homens em suas diversas relações sociais. Mas, com a própria complexificação da sociedade, que surge como aprimoramento do trabalho humano, o Estado ganha um aparente caráter autônomo, como se não mais dependesse dos homens, transformando-se em uma entidade que mistifica, para, assim, mediar as suas relações antagônicas. É por este instrumento que se desenvolvem formas de expressão da consciência social de determinado período.

Foi isso, Marx explicou quando disse que “o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições coletivas são mediadas pelo Estado, adquirem por meio dele uma forma política” (MARX, 2012, p.76). Sendo o Estado instrumento de controle da classe dominante, que se mostra como defensor dos interesses de todas as classes, e faz com que a realidade apareça como entidade mistificada.

É nesse sentido que entendemos a crítica de Marx à concepção hegeliana de que o Estado poderia ser concebido enquanto existência autoconsciente do Espírito Ético. O problema é que essa concepção deixa de considerar as relações entre os homens reais, afinal: “Se Hegel tivesse partido dos sujeitos reais como a base do Estado, ele não precisaria deixar o Estado subjetivar-se de uma maneira mística (MARX, 2013, p.50)”. Se é verdade que: “Os homens fazem a sua própria história” (MARX, 2011, p.19), então é verdade que o Estado, também, é produto da história dos homens.

Assim, a compreensão da ideia de que o Estado é manifestação do Espírito, só poderia resultar em uma mistificação da própria realidade dos homens, deixando de lado

que quem cria, organiza e mantém o Estado são eles próprios em determinadas relações sociais. Afinal: “[...] quem pôde jamais duvidar que o Estado age por intermédio dos indivíduos?” (MARX, 2013, p.52).

Mas, como é que o Estado pode ser uma instituição com a qual uma classe social dominante faz valer as suas concepções jurídicas para garantir o seu domínio? É por cumprir essa função e por ela obscurecer a realidade dada na infraestrutura que o Estado o se torna um aspecto que interessa a psicologia da consciência. Porque,

Quanto mais poderoso é o Estado e, portanto, quanto mais político é um país, tanto menos está disposto a procurar no princípio do Estado, portanto no atual ordenamento da sociedade, do qual o Estado é a expressão ativa, autoconsciente e oficial, o fundamento dos males sociais e a compreendê-los o princípio geral. O intelecto político é político exatamente na medida em que pensa dentro dos limites da política. Quanto mais agudo ele é, quanto mais vivo, tanto menos é capaz de compreender os males sociais (MARX, 2010, p.62).

Tendo asseverado que o Estado é um dos responsáveis por construir a consciência social hegemônica e fazer o velamento ideológico para a classe dominante, como forma de manter desigualdades sociais e, conseqüentemente a exploração, Marx deixa claro que o próprio Estado deve ser, inevitavelmente, um dos elementos a ser criticado em qualquer análise. Afinal, a luta de classes se revela, inclusive, no interior do próprio Estado: “essas determinações minuciosas [...] não foram de modo algum produto das lucubrações parlamentares. [...] Sua formulação, seu reconhecimento oficial e sua proclamação estatal foram o resultado de longas lutas de classes” (MARX, 2014, p.354-355).

É justamente devido ao domínio dos meios de produção que a classe dominante cria a superestrutura, pois essa lhe garante a manutenção dos meios de produção e a ampliação da sua dominação sem ter que recorrer a coerção física. Por ter essas funções, o Estado não pode ser outra coisa além de um instrumento de domínio de uma classe mais poderosa por sobre outra. Ou seja,

Como o Estado nasceu da necessidade de conter as oposições de classes, mas ao mesmo tempo surgiu no meio do conflito subsistente entre elas, ele é, em regra, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, converte-se também em classe politicamente dominante, adquirindo assim novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida (ENGELS, s/d, p.186).

A forma mais destacada da atuação do Estado como expressão da consciência social dominante é que ele age como determinação da classe dominante sobre a consciência de classe e dos indivíduos da classe popular se mostra nas leis promulgadas pelo Estado. Elas apresentam um claro caráter classista, assim entendidas a partir das contradições que existem na luta perpétua entre trabalhador e detentores dos meios de produção.

Portanto, temos como reconhecer que o Estado, já foi o instrumento criado ao longo da história da humanidade com objetivo de harmonizar relações conflituosas, no capitalismo se transforma em um elemento superestrutural capaz de tergiversar as relações entre os homens, criando uma consciência social que possibilita a obnubilação das relações sociais reais.

1.2.2. A religião

Outra das formas de constituição da consciência social é expressa nas maneiras pelas quais os homens criam explicações de suas relações. A religião expressa uma das formas de se dar explicações destas relações, servindo como um dos elementos que explicitam a maneira pela qual a consciência social se manifesta.

Construir abstrações da realidade, em nome do interesse de uma classe particular, e fazê-las parecerem interesses gerais de toda a sociedade é uma das características dos elementos que mascaram e mistificam as relações entre os próprios homens. Tal como o Estado, organizado a partir dos interesses da classe dominante que tenta harmonizar relações que são contraditórias, a religião se mostra, também, como um elemento que dissimula as relações entre os homens. Portanto, Marx analisou a religião, como outra forma de autoalienação, e sua necessária inter-relação com o trabalho. Por isso afirma que:

Para uma sociedade de produtores de mercadorias, cuja relação social geral de produção consiste em se relacionar com seus produtos como mercadorias, ou seja, como valores, e, nessa forma reificada [*sachlich*], confrontar mutuamente seus trabalhos privados como trabalho humano igual, o cristianismo, com seu culto do homem abstrato, é a forma de religião mais apropriada, especialmente em seu desenvolvimento burguês, como protestantismo, deísmo etc. (MARX, 2014, p.153-154. Destaques no original).

Portanto, para Marx a explicação da realidade material¹⁷ deveria-se partir dos próprios homens, e não de alguma abstração criada ao longo da própria humanidade. Por isso, Marx afirma que: “A religião é, desde o início, a *consciência da transcendência* que provém dos poderes *reais*.” (MARX, 2013, p.78. Destaques no original).

Dessa forma, podemos entender que quando Marx afirma seu materialismo, se opõe frontalmente a qualquer explicação teológica, dizendo que:

[...] a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica. [...] O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o reflexo de si mesmo, já não será tentado a encontrar apenas a aparência de si, o inumano, lá onde procura e tem de procurar sua autêntica realidade. Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente (MARX, 2013, p.151).

Retomando que o lugar para se explicar as relações do mundo só pode ser encontrado nas complexas relações que os homens travam entre si, diz: “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos [...]” (MARX, 2013, p.151). Sabendo muito bem disso, Marx afirma:

A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é, depois de desmascarada a forma sagrada da autoalienação [*Selbstentfremdung*] humana, desmascarar a autoalienação nas suas formas não sagradas. A crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a crítica da religião, na crítica do direito, a crítica da teologia, na crítica da política (MARX, 2013, p.152. Destaques no original).

Marx, dando fundamento de que é necessário sair das relações aparentes dadas pelas diferentes unidades de análise da superestrutura, como o Estado, o direito e a religião, mostra que devemos partir da crítica a esses elementos para nos aprofundarmos na essência das relações entre os homens. A religião, tal como incessantemente criticada por Marx, se mostra como um dos elementos responsáveis pela tergiversação da

¹⁷ Lembremo-nos, por exemplo, que a discussão sobre o papel do materialismo com relação à religião ganhou novo impulso com Feuerbach, depois de ter sido escamoteada pela filosofia medieval da patrística e da escolástica. Afirma: “Um Deus só para si não é nenhum Deus – precisamente isto nada mais significa que: um Deus sem homem é não-Deus; onde não existe nenhum homem, também não existe nenhum Deus; se tiras de Deus o predicado da humanidade, então tiras dele também o predicado da divindade; se desaparecer a relação com o homem, desaparece também a sua essência” (FEUERBACH, 2007, p. 343).

realidade, impedindo que, a explicitação das contradições materiais seja desvelada. Se, em determinado momento, se propõe a analisar a complexa relação entre a religião e seu papel de mascarar algumas relações no capitalismo, Marx está certo de que a sua crítica aparece, então, como momento inicial de desvelamento de uma relação de encobrimento da realidade, já que:

Se conheço a religião como autoconsciência humana alienada, o que conheço nela como religião não é minha autoconsciência, porém minha autoconsciência alienada nela confirmada. Assim, meu próprio eu, e a autoconsciência que e a essência dele, não são confirmados na religião, mas na abolição e revogação da religião (MARX, 2011, p.185).

Compreender porque a religião aparece como forma de tentar aliviar o sofrimento de uma brutal relação da realidade significa compreender como ela transforma a relação entre homens em uma mera ilusão alegórica. Tal como a mercadoria, que cria uma relação ilusória entre os homens; o Estado, que tenta se elevar acima deles; a religião esconde o porquê da existência da miséria do real, criando uma relação fantasmagórica entre homens. Mitigar a realidade significa abrandá-la. Sair do terreno celestial para compreender como o responsável pela criação de todas as ilusões é o próprio homem, é necessidade fundamental para a compreensão de que todas as relações travadas na sociedade se são pelos homens. Uma consciência de classe para si deve conseguir dar explicações reais para situações reais, sem ter que fazer valer da ilusão religiosa. Por isso: “O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e com a natureza” (MARX, 2014, p.154).

As relações explicadas através da religião criam formas de manifestação da consciência social. Assim como o Estado, a religião tem a função de transferir os significados sociais sobre a maneira com o qual diferentes grupos indivíduos lidam com a realidade. A religião se mostra também como uma determinação com a qual a consciência social de um período histórico se manifesta.

Estas determinações sociais, que expressam a consciência social da história, se mostram como relações sociogenéticas. Isto significa que, no processo de desenvolvimento do indivíduo, estas representações sociais da realidade se mostram como marcação da sociedade sobre o indivíduo.

Para qualquer sujeito, ter consciência, no nível individual, das transformações que provoca e sofre por suas atividades, depende da qualidade da apropriação da sociogênese, que é um dos seus constituintes. Saber que a sociedade tem origem na atividade dos homens e que ela existe como um processo em transformação, possibilita a superação das funções psicológicas primárias decorrentes da vida animal e herdadas da filogenese, inicialmente hegemônicas, e organiza o desenvolvimento das funções e processos psicológicos superiores, construídas socialmente. Ou seja, se sabemos ou não da verdade sobre a nossa intervenção e constituição da realidade, inclusive a nossa, será a partir das diferentes relações sociais, nas quais as características sociais existentes são gradativamente apreendidas pelo indivíduo em seu processo ontogenético, particular, que as relações interpsicológicas são abstraídas, generalizadas, e se tornam o centro dominante do processo do desenvolvimento da consciência. Por isso, foi somente depois de a psicologia ter passado a considerar a história como constituinte do homem e estruturante de sua consciência, em oposição à “um anti-historicismo sumamente profundo e de princípio” (VIGOTSKI, 2010, p.484), vigente na psicologia adaptacionista é que pudemos compreender a consciência.

Ainda que derive das relações sociais próprias de um período histórico, as qualidades da consciência destacadas por Vigotski são aquelas capazes de deformar a realidade externa para possibilitarem a construção das nossas representações do mundo, o que tradicionalmente é chamado de realidade interna. Dessa forma:

Nossa consciência encontra-se encerrada entre dois limiares, vemos apenas um pequeno fragmento do mundo; nossos sentidos nos apresentam um mundo compendiado em extratos que são importantes para nós. E no interior desses limiares absolutos, tampouco se capta toda a diversidade de mudanças e matizes, mas a percepção das mudanças depende de novos limiares. É como se a consciência seguisse a natureza por saltos, com omissões, com lacunas. A psique seleciona certos pontos estáveis da realidade em meio ao fluxo geral. Cria para si ilhas de segurança no fluxo de Heráclito. É um órgão selector, uma peneira que filtra o mundo e o modifica de forma que seja possível agir. É nisto que se encontra seu papel positivo, não o reflexo (também o não-psíquico é capaz de refletir; o termômetro é mais exato do que a sensação), mas no ato de que nem sempre se revela exato refletir, ou seja, deformar subjetivamente a realidade em benefício do organismo (VIGOTSKI, 1999b, p.284).

As significações gerais dadas pela marcação da consciência social servem como base o desenvolvimento da consciência individual. Mas em sociedades cindidas em classes, esta incidência da consciência social passa, necessariamente, pelo crivo de como uma classe está inserida no ordenamento social.

Somente então é que se pode falar que há a sociogênese, ou seja, que se deu a apropriação da história social anterior, que ocorre de forma indireta, por um único indivíduo. O desenvolvimento do domínio do processo sócio-genético sobrepuja e se torna determinante nas relações do indivíduo, tornando-as orientadas pela cultura. Mas para que isso aconteça, é necessário um longo processo de desenvolvimento ontogenético, já que é através das relações particulares entre os homens, que se torna possível à apropriação e a interiorização da história social e o desenvolvimento de uma consciência individual.

Para tal, é necessária a compreensão que as relações sociais que precederam a aquele indivíduo, se mostram em sua estrutura interna consciente como situações abstraídas do seu contexto material e generalizadas. Mas, mesmo assim, não podem ser divididas, senão como objeto de estudo, já que:

O que agora está unificado em um indivíduo como uma estrutura única, integral, de complexas funções psíquicas superiores internas estava constituída há muito tempo na história do desenvolvimento por processos isolados, divididos entre diversas pessoas. Simplificando, as funções mentais superiores são um produto das formas sociais coletivas de comportamento (VIGOTSKY, 2012b, p. 226. Tradução nossa)¹⁸.

Mas, como não se pode separar esse movimento do real, sintetizado na consciência do indivíduo, é necessário compreender a incidência da consciência social como algo integral no processo pelo qual a classe se mostra como marcação no desenvolvimento da consciência individual. A gradação entre consciência social, consciência de classe e consciência individual se mostra como diferentes momentos da totalidade das relações sociais.

Deixemos claro que são diferentes momentos que não coincidem e muitas vezes se antagonizam. Um indivíduo não é sua classe que, por sua vez, não é a sociedade. É bem possível que a consciência de um indivíduo se confronte com os interesses de sua classe, assim como os interesses de uma classe particular sejam diferentes daqueles expressos pelas significações mais amplas da consciência social. Mas, para compreendermos este movimento em que sociedade, classe e indivíduo estão submetidos é necessária a consideração das determinações que mostram a representação de cada uma delas.

¹⁸ “Lo que ahora está unificado en un individuo como una estructura única, íntegra, de complejas funciones psíquicas superiores internas estaba constituida antaño en la historia del desarrollo por procesos aislados, repartidos entre diversas personas. Dicho simplemente, las funciones psíquicas superiores son un producto de las formas sociales colectivas de comportamiento” (VIGOTSKY, 2012b, p. 226).

Em princípio, por essas explicações, teríamos que a classe social medeia a relação da sociedade com seus membros a partir da superestrutura. Entretanto, a superestrutura oferece explicações com significados e sentidos incoerentemente articulados entre si e que dificultam a apreensão e o pensamento sobre o si mesmo e os seus para a classe trabalhadora. Temos, então que reconhecer que o conteúdo superestrutural compõe uma falsa consciência para esta classe e que como tal promove consciências alienadas para os seus membros. Entretanto, saber da transformação que ele promove na realidade por sua atividade dota o trabalhador de inteligência, que lhe permite ter ciência da sua alienação. Por isso, defendemos que poderá supera-la porque transforma o mundo e a si mesmo.

1.3. A consciência de classe

A representação que uma classe faz de si mesma está submetida às determinações dadas através das representações sistematizadas e organizadas nas formas de consciência social. Tendo isto em mente, consideramos que a consciência de classe se manifesta como a representação da realidade refletida pelos interesses de determinada classe em cada período histórico. Daí que, entender como se constitui historicamente a consciência de cada classe exige saber como, em diferentes épocas, uma classe conseguiu subjugar outra, compelindo-a para sua própria organização social.

Por isso que um estudo da consciência individual, como objeto de interesse da psicologia, deve partir do entendimento dos conflitos e contradições da vida material, e não do indivíduo por si mesmo, como um ser isolado. Dessa forma, na consciência social, aquela que se apresenta como totalidade das relações entre as classes sociais de determinado período, criam-se diversas estruturas referentes às experiências das classes, que manifestam todo o antagonismo no plano ideal dessas relações materiais reais. Daí que entender as distintas concepções das classes sociais sobre a realidade e seus antagonismos, é condição para nos apropriarmos das bases que tornam possível o desenvolvimento da consciência de determinada época. As consciências sociais, de classe e individuais sempre derivam das relações materiais reais.

É a realidade material que, sempre, impõe as condições necessárias para que a consciência social, tanto quanto as das classes, que se manifestem como forma de

reconhecer o seu papel na produção do trabalho, ou de um indivíduo, tomado isoladamente, se desenvolva. Assim, com o próprio desenvolvimento da vida material criam-se, com a especialização de cada atividade, divisões cada vez maiores entre as classes e os homens que as integram. Isso porque a

[...] divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à separação do trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, à separação da cidade e do campo e à oposição entre os interesses de ambos. Seu desenvolvimento posterior leva à separação entre trabalho comercial e [trabalho] industrial. Ao mesmo tempo, por meio da divisão do trabalho, no interior desses diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. (MARX; ENGELS, 2013, p.89).

Em sociedades com complexas estruturas na organização das classes sociais, a divisão social do trabalho acaba por fracionar e isolar, cada vez mais, os próprios homens em sua atividade trabalho. Como consequência, a possibilidade de ampliação e desenvolvimento de uma consciência de classe se torna mais difícil devido às diferentes e inúmeras mediações que o trabalho promove. Cada secção e subdivisão do trabalho obstaculiza o entendimento possível de todo o processo da atividade. Portanto, há a prevalência de um processo reificado e parcializado que se torna preponderante tão logo as sociedades se complexificam.

Para o entendimento do que é a consciência de classe faz-se necessária a utilização de uma categoria que mostra como o movimento social se mostra como impulsionador do desenvolvimento das transformações da realidade. A dialética marxiana utiliza a luta de classes como categoria explicativa do movimento da realidade. É por isto que:

A história de todas as sociedades que já existiram é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, chefe de corporação e assalariado; resumindo, opressor e oprimido estiveram em constante oposição um ao outro, mantiveram sem interrupção uma luta por vezes aberta - uma luta que todas as vezes terminou com uma transformação revolucionária ou a ruína das classes em disputa (MARX; ENGELS, 2005b, p.9).

A constante luta entre elementos contrários se tornou o eixo central para a explicação do desenvolvimento da sociedade. Assim, para entender a representação que uma classe social faz de si mesma significa compreender a própria realidade em que está inserida. Para tal, precisamos analisar como uma classe dominante, de determinado

período histórico, organizou a forma de produção do trabalho de acordo com seus interesses. Entende que é inevitável luta de polos contrários, que impulsionam o desenvolvimento da humanidade, baseada no antagonismo entre as classes sociais. É esse enfrentamento constante e ininterrupto, em que os interesses fundamentais de cada grupo e a forma como cada um deles dirige sua atividade na sociedade, que proporciona as condições para o desenvolvimento da sociedade e a superação do momento histórico anterior. Afinal, “Sem antagonismo não há progresso. Essa é a lei que a civilização seguiu até nossos dias. Até o presente as forças produtivas se desenvolveram graças a este regime de antagonismo das classes”. (MARX, 2007, p.58-59).

Assim sendo, deixa claro que devemos levar, sempre, em consideração a contradição para a compreendermos as diferentes formas de organização social. Entender esse antagonismo significa apreender no movimento do real como a oposição entre as diferentes classes sociais se manifesta na produção e reprodução das relações sociais de determinado período histórico.

Em sua análise, sustentada pelo reconhecimento da luta de classes, como lei geral para explicação do desenvolvimento da sociedade, Marx (2011) realiza uma análise das classes sociais que compunham a estruturação da sociedade capitalista. Assim, compreende como a composição de classes condiciona, necessariamente, a forma política pela qual se faz valer os interesses particulares de uma classe em detrimento de interesses gerais.

Para tal, demonstra que as classes sociais fundamentais que se mantêm em lados opostos são a burguesia e os trabalhadores. Mas, entre os dois pólos existem as classes de transição, que ocupam um lugar secundário na disputa entre o capital e o trabalho. Como classes intermediárias, Marx entende a pequena burguesia, como o grupo que tenta harmonizar as relações sociais que são, por essência, irreconciliáveis. Os representantes desse estrato têm a sua atividade baseada na tentativa de conciliação dos dois pólos antitéticos, mostrados inevitavelmente em oposição. Assim:

O que os torna representantes da pequena burguesia é o fato de que sua mentalidade não ultrapassa os limites da vida, de que são conseqüentemente impelidos, teoricamente, para os mesmos problemas e soluções para os quais o interesse material e a posição social impelem, na prática, a pequena burguesia. Esta é, em geral, a relação que existe entre os *representantes políticos* e literários de uma classe e a classe que representam (MARX, 2011, p.50. Destaques no original).

O papel intermediário ocupado pela pequena burguesia é uma determinação para que a sua visão de mundo seja estreita e parcializada. Por isso, a pequena burguesia aparece como defensora de valores morais pelos quais não podem ser levados à suas últimas consequências. Ela não consegue se desprender de sua posição vacilante de pertencer a um polo, mas sentir-se atraída pelo seu oposto. A representação que faz de sua consciência é uma limitação que indica o seu entendimento parcializado, cujos interesses e visão de mundo não conseguem apreender a totalidade do movimento social. É por isto que:

[...] a pequena burguesia, ou seja, *uma classe de transição* na qual os interesses de duas classes perdem simultaneamente suas arestas, imagina estar acima dos antagonismos de classes em geral. [...] Mas se na prática seus interesses mostram-se sem interesse e sua potência, impotência [...] (MARX, 2011, p.53. Destaques no original).

A teoria marxiana das classes sociais trabalha com a concepção de que as duas classes fundamentais no processo de desenvolvimento do capitalismo são a burguesia, detentora dos meios de produção, e a classe trabalhadora, aquela que tem de vender sua força de trabalho para sobreviver. Todas as outras classes que se mostram intermediárias entre estes dois polos apresentam um caráter transitório decorrentes de sua atividade. Como polarização das relações sociais, é somente dessa forma que a monstruosa máquina construída a partir da gênese e ampliação do capital consegue manter as suas engrenagens funcionando, já que:

A partir do momento em que ele entra na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. Mediante a compra da força de trabalho, o capitalista incorpora o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos que constituem o produto e lhe pertencem igualmente. De seu ponto de vista, o processo de trabalho não é mais do que o consumo da mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, que, no entanto, ele só pode consumir desde que lhe acrescente os meios de produção. O processo de trabalho se realiza entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. Assim, o produto desse processo lhe pertence tanto quanto o produto do processo de fermentação em sua adega (MARX, 2014, p. 262-263).

Ter de vender a sua força de trabalho, para o trabalhador, significa se transformar em mercadoria para quem compra. Se é somente pela força de trabalho que todas as potências existentes, em germe, na natureza e no homem podem se desenvolver, quando se compra a força de trabalho de outrem para se fazer reproduzir o capital, o resultado é que alguém tem de se apropriar do mais valor produzido pelo

trabalho. É isso que se chama exploração, já que: “a igual exploração da força de trabalho é o primeiro direito humano do capital”. (MARX, 2014, p. 364). Assim, aquele que trabalha não mais detém o produto final do processo de seu trabalho, enquanto aquele que se apropria do trabalho do outro participa, ainda, do processo de distribuição desse produto resultante da força de trabalho. Eis a contradição fundamental e insolúvel da relação capital e trabalho. Eis a oposição frontal entre patrão e empregado. Eis a diferença daqueles que “nada têm a perder fora as suas correntes; têm o mundo a ganhar” (MARX, 2005, p.65).

É dessa forma, pela apropriação do mais valor do trabalho resultante da apropriação do produto do trabalho alheio, que se torna possível a reprodução da relação de exploração do homem trabalhador, membro de uma determinada classe social, pelo homem, detentor dos meios que possibilitam a reprodução do capital.

Mas, ao mesmo tempo em que o capital cria a burguesia e a desenvolve, criam-se, também, o germe revolucionário da classe social que pode vir a sucedê-la:

À medida que a burguesia se desenvolve, desenvolve-se em seu seio um novo proletariado, um proletariado moderno; desenvolve-se uma luta entre a classe proletária e a classe burguesa, luta que, antes de ser sentida pelos dois lados, percebida, entendida, apreciada, compreendida, confessada e proclamada em voz alta, apenas se manifesta previamente em conflitos parciais e momentâneos, em fatos subversivos. Por outro lado, se todos os membros da burguesia moderna têm o mesmo interesse enquanto formam uma classe perante outra classe, têm interesses opostos, antagônicos, quando colocados uns diante dos outros. (MARX, 2007, p.111-112).

Assim como outrora classes se afogavam no decorrer da história, elevava-se os donos do capital como uma classe ascendente. Assim, Marx explica a potencialidade de uma classe que consegue se formar no reconhecimento dos seus próprios interesses.

Mas será que esta condição material dada aparece para a classe trabalhadora como uma representação real das relações de exploração? Ou os elementos constituintes da consciência social conseguem tergiversar estas relações, fazendo com que as representações criadas não coincidam com os seus interesses? Para responder a estas perguntas, é fundamental entender que cada classe social pode criar uma imagem de si mesma que não coincide com a realidade objetiva. Enquanto classe, ela pode não se enxergar como detentora de direitos que precisam ser arrancados a força. Nada impede que sua atividade de classe seja de acomodação frente a sua situação de desigualdade. Por outro lado, ela pode ter reconhecido seus interesses de classe adotando uma de organização interna que objetive o alcance de seus objetivos. Podem ter compreendido

as determinações de sua deplorável situação, entendendo que a história é um campo aberto para que na guerra de classes ela consiga fazer “a expropriação dos expropriadores” (MARX, 2013, p.60)

Entre o reconhecimento e o não reconhecimento, podemos lembrar que a consciência de classe se dá na formação material da classe em si, mas que o seu reconhecimento só se faz quando ela se reconhece como classe com interesses para si mesma. É isto que Marx que nos diz na discussão da gênese da classe trabalhadora, assim como o seu respectivo processo de formação de consciência:

A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Assim essa massa já é uma classe diante do capital, mas não o é ainda para si mesma. Na luta [...] essa massa se reúne, se constitui como classe para si mesma. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe. [...] A condição de libertação da classe trabalhadora é a abolição de qualquer classe [...]. Entretanto, o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de classe a classe, luta que, levada à sua mais alta expressão, é uma revolução total. Aliás, será de se admirar que uma sociedade baseada na *oposição* das classes chegue à *contradição* brutal, a um choque corpo a corpo como última solução? (MARX, 2007, p.154-156. Destaques no original).

É a partir dessa diferenciação, na luta do proletariado pelo seu reconhecimento enquanto classe em sua oposição ao capital, neste movimento de oposição no decorrer da história, é que é possível que o desenvolvimento de uma representação que a classe faz de si mesma. Reconhecer seus interesses de classe se dá na possibilidade de desvelamento das contradições que ensejam esta relação conflituosa.

Para tal, desenvolver a consciência ampliada de uma classe pode significar se opor as formas de manifestação da consciência social dominante. Isto porque, classes sociais diferentes possuem interesses sociais distintos. A grande questão é saber com quais instrumentos criados em seu interior podem potencializar o reconhecimento da classe em si para a classe para si. A criação de instrumentos que consigam analisar e sintetizar as diferentes formas de manifestação da consciência social dominante deve servir como alavancadores para a transformação da condição da classe.

Daí resulta, que a única classe portadora das aspirações de emancipação frente à burguesia, que consegue sintetizar todas as contradições em uma sociedade dividida em classes sociais, seria o proletariado. Por isso, a tese central de que com a ampliação do desenvolvimento da indústria traria como consequência o desenvolvimento de uma classe que carrega os germes revolucionários:

[...] na formação de uma classe com grilhões radicais, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum direito particular porque contra ela não se comete uma injustiça particular, mas a injustiça por excelência, que já não possa exigir um título histórico, mas apenas o título humano, que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas – uma esfera que é, numa palavra, a perda total da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um reganho total do homem. Tal dissolução da sociedade, como um estamento particular, é o proletariado (MARX, 2013, p.162).

Assim, tendo firmado o entendimento de que só o proletariado pode compreender a totalidade das relações sociais e que, por isso, pode transformar radicalmente a sociedade, a luta de classes, que aparece na organização da produção e reprodução da vida do homem, se manifesta em todos os âmbitos de sua vida, inclusive nas super-estruturas criadas sobre a base do trabalho. Essas super-estruturas se mostram como a consciência social da classe dominante de determinada época, já que a classe que domina os meios de produção também constrói elementos mediadores para reproduzir e ampliar seu domínio em todas as esferas sociais. Este é o caso do Estado e da religião que, enquanto formas de organização da consciência social, servem como elementos mediadores tergiversadores e mistificadores da consciência da classe dominada, servindo como instrumentos mantenedores de dominação.

Assim, fazendo a crítica às ilusões das explicações metafísicas da religião e da concepção do estado enquanto manifestação autoconsciente do espírito, Marx deixa claro que só é possível compreender as complexas relações sociais através das contradições de classes que impulsionam o desenvolvimento histórico. Portanto, se quisermos compreender como se torna possível o desenvolvimento da consciência de classe, é preciso compreender as classes sociais em sua atividade prática real.

É necessário prestar atenção para a existência de um movimento dialético entre a sociedade e os seus sujeitos, o qual evita que dificuldade do desenvolvimento da consciência da sua classe, para os trabalhadores seja uma fatalidade que os fará sempre reproduzir a percepção do mundo da classe que lhe é oposta. O primeiro ponto a considerar é que a consciência de uma classe se firma em seu enfrentamento, devido às disputas abertas e veladas, com as outras classes. Por isso, é que:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios para a produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2013, p.47. Destaques no original).

Devemos então, considerar que a relação de interesses de classes tem, como fundamento essencial, o fato que não apenas existe classes sociais com características opostas, mas que há uma dinâmica pela qual elas se relacionam entre si. Com isso, uma classe que foi dominante em determinado momento pode não ser em outro período da história. Para uma nova classe ascender ao domínio, tendo por base a defesa dos interesses gerais de toda a sociedade, é preciso que ela consiga explicitar as contradições materiais existentes e possa sintetizar, em sua ação, uma possibilidade de resolução para essas contradições.

A consciência social que exerce a dominação ideológica das explicações mais amplas da sociedade se articula com a consciência de classe desenvolvida por quem domina. Esta dominação das ideias que explicam a sociedade só existe porque há, no âmbito da materialidade das relações interpessoais, o domínio econômico de quem detém a força para dominar.

Essa disputa pela hegemonia é constante e permanente na sociedade capitalista, porque a forma como os homens produzem e reproduzem a sua existência estruturam as diferentes concepções de mundo de cada classe, e, portanto, aqui podemos vislumbrar uma das possibilidades de questionamento da alienação necessária, pois se trata do movimento do real que aparece refletida em suas concepções de mundo.

Como a consciência de classe para si não é outra coisa senão o reconhecimento das próprias relações estabelecidas pelos homens em sua atividade trabalho, ela pode ter como consequência uma ação consciente dos homens em sua atividade, já que a consciência não está, indubitavelmente, separada de suas próprias atividades práticas. Por isso, Marx (2010) afirma que: A revolta [...] começa exatamente [...] na consciência daquilo que é a essência do proletariado. A própria ação traz esse caráter superior (MARX, 2010, p.68-69).

Temos, então, a indicação das possibilidades das consciências individuais se tornarem cientes da realidade nos processos de relações grupais. Nestes, desvelar a

aparência das relações que encobrem a realidade e transformá-las em ação contra os meios de exploração é uma condição inicial para o reconhecimento e a tomada de consciência. Assim, o modo superior de representação da realidade de uma consciência ampliada e desenvolvida se dá pela potencialidade dela dirigir a ação dos indivíduos. É dessa forma que a atividade dos indivíduos aparece como o coroamento de um comportamento consciente.

Aqui nossa pesquisa desvelou-nos que há no materialismo histórico-dialético indicações para aprofundarmos os estudos das possibilidades de ampliação da consciência individual como uma das forças para alterar as correlações de força na sociedade.

Mas ao voltarmos-nos para estas análises na teoria psicológica de Vigotski temos a indicação que seu objetivo foi promover, além da revolta consciente contra as injustiças sociais que impedem a constituição plena do psiquismo, o entendimento da necessidade de uma nova forma de organização conscientemente planejada da sociedade. Portanto, aqui vamos buscar contemplar as duas possibilidades de análise, pois se é verdade que “A consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste Sein*], e o ser dos homens é o seu processo de vida real” (MARX; ENGELS, 2013, p.93-94. Destaques no original); Marx, em *O Capital* nos deixou as pistas do que entendia por organização consciente da sociedade e em Vigotski as formas de manifestação da consciência individual.

Esta deveria se dar através da associação de homens livremente organizados pelo seu trabalho, onde aquele que produz é quem detém o poder de distribuir os produtos decorrentes de sua atividade. Por isso a sua indicação fundamental foi que a “figura do processo social de vida, isto é, do processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa quando, como produto de homens livremente socializados, encontra-se sob seu controle consciente e planejado” (MARX, 2014, p.154).

Reorganizar a forma de produção do trabalho, tendo como objetivo final a apropriação, pelo trabalhador, do mais valor correspondente a sua atividade, é também e principalmente para a psicologia, considerar a possibilidade de uma sociedade em que não possa mais haver o misticismo do Estado, tampouco da religião. Por isso que continuamos buscando que a psicologia se dedique para a organização consciente dos homens em decorrência e como promotora da mais alta forma de relação social.

O desvelamento que nos importa é mostrar a função enganadora das instituições da superestrutura, que se manifesta como a consciência social dominante, mas, na verdade é a expressão da classe dominante de cada época, porque:

Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também, consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que as suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX; ENGELS, 2013, p.47).

Então, relembando da relação dialética entre essas formas de manifestação do homem e da sociedade, temos que destacar que essa consciência individual ciente do homem como produtor da realidade, certamente, exige fazer saber à classe que ela é, na verdade, para si mesma. A classe para si mesma é aquela que consegue organizar suas atividades com vistas eliminar as contradições que impedem que ela se torne sujeito de sua própria história. Para que isso aconteça é necessário que todas as contradições existentes fiquem, por sua vez, desnudas de qualquer véu que possa tentar encobri-las.

1.4 A consciência individual

Assim posto, fica demonstrado que é “a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção” (MARX, 1982, p. 25-26) que tem origem o ser consciente. Ou seja, negando a cisão entre a sociedade e o indivíduo entendemos que a constituição de ambos decorre do mesmo conflito promovido pelas oposições das necessidades dos homens e as das sociedades, acima destacados, o que explica a consciência social e, também, a individual.

No caso do indivíduo, no interior das ações sociais antagônicas ele estabelece relações particulares. Mas que por serem determinadas socialmente, incidem sobre as suas propriedades construídas pela história da espécie, dadas como herança biológica. É como resultado dessas relações que cada um pode desenvolver algumas características que são próprias de sua história particular. Isso porque os indivíduos da espécie conseguem articular nos seus desenvolvimentos individuais as suas histórias de vida,

uma vez que na ontogênese a história da espécie se encontra com a história social e a mediação da particularidade age para colocar, em diferentes planos, as diferentes gêneses históricas.

Ou seja, depois que a criança nasce ela toma contato com as especificidades das práticas culturais do grupo onde nasceu e, ainda que a cultura seja universal, sua concretização difere em cada coletividade conforme as condições sócio-históricas, e apesar de serem processos que tem linhas de desenvolvimento diferentes, em algum momento, a particularidade ontogenética faz com que esses planos se confrontem. É neste momento em que os elementos constituintes de significações mais amplas da consciência social se apresentam como particularidades para o desenvolvimento da consciência individual. A história da espécie e a história do indivíduo se encontram com as objetivações dos produtos criados pelo gênero humano em sua história. É assim que a gênese social incide no desenvolvimento da consciência do indivíduo.

É por isso que para o homem, enquanto ser genérico e membro da espécie humana, diferentemente de outros tipos de animais, é necessária uma terceira gênese para o seu desenvolvimento, na qual ele consiga se apropriar da história das gerações anteriores acumulada em sua coletividade como cultura. São estas relações sociogenéticas que abrem a possibilidade de transmissão e apropriação dos produtos do trabalho acumulado desde as gerações precedentes, e, através delas são formadas as relações terciárias. São terciárias, pois podem ir além das relações primárias, dadas na filogênese, e secundárias, na ontogênese.

Nas relações terciárias os comportamentos próprios de cada grupo social, enquanto particularidade da sociedade em geral, são responsáveis pela transformação e modificação de todas as relações naturais anteriores, tanto as interpsicológicas como as intrapsicológicas. Como é por elas que a cultura é apropriada e se mostra no indivíduo, também revelam as transformações deste, Vigotski destacou que no “[...] processo da sociogênese das funções psíquicas superiores se configuram as funções terciárias tomando como base um novo tipo de vínculos e relações entre os diversos processos¹⁹” (VIGOTSKY, 2012b, p. 244. Tradução nossa). Estas relações complexas pelas quais a consciência individual vai gradativamente se apropriando dos elementos presentes na

¹⁹ “[...] el proceso de la sociogénesis de las funciones psíquicas superiores se configuran las funciones terciarias basadas en un nuevo tipo de vínculos y relaciones entre los diversos procesos” (VIGOTSKY, 2012b, p. 244).

consciência social são possíveis pela transmissão que a linguagem faz dos significados existentes no plano social.

Então, uma vez mais é a consideração da dialética que pode demonstrar como a psicodinâmica da consciência decorre das mudanças nas relações do conjunto da atividade consciente promovida pela palavra, que é um produto social, coletivo. Isso porque a gênese da linguagem está de tal forma imbricada com os processos práticos da atividade trabalho que a comunicação foi estabelecida uma vez que a “compreensão racional e [...] a intenção de transmitir idéias e vivências exige, necessariamente, um sistema de meios cujo protótipo foi, e continuará sendo a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho” (VIGOTSKY, 2010, p. 11).

Ou seja, para entender a influência da sociedade na consciência individual através das palavras temos que considerar que ela se dá por tornar o psiquismo estruturado de forma semântica. Por isso, o processo de desenvolvimento passa a ter na utilização das palavras uma forma de concretização da realidade que é de extrema complexidade, e cuja constatação é que a palavra se torna uma forma de representação da realidade exterior. O que recompõe a relação filogenética, ao demonstrar que a forma embrionária e não desenvolvida da consciência apareceu, como princípio teórico, quando: “Também no nível filogenético, de que falou a V. I. Lenin, a linguagem, ao que parece, desempenou um papel decisivo ao assegurar na consciência humana as figuras lógicas repetidas milhões vezes na prática humana²⁰” (VIGOTSKY, 2012b, p. 163. Tradução nossa). Ou seja, A linguagem se transforma com o próprio desenvolvimento da atividade, especialmente o trabalho social produtivo, do homem, adquirindo um caráter cada vez mais sofisticado.

Por estar vinculada com o trabalho e, portanto, à transformação que os homens promovem no seu meio, a linguagem verbal pode representar os processos decorrentes das relações interpsicológicas entre os homens, ganhando a capacidade especificar e de generalizar objetos que existem no mundo real. Isto dá a possibilidade de utilizar elementos representativos para objetos que não estão diretamente disponíveis. É através da palavra que expressa o significado grupal de um fato ou relação e ganha importância

²⁰ “También en el plano filogenético, del que habló V. I. Lenin, el lenguaje, al parecer, ha desempeñado un papel decisivo al afianzar en la conciencia humana las figuras lógicas repetidas millonésimas veces en la práctica humana” (VIGOTSKY, 2012b, p. 163).

como meio de desenvolvimento sociogenético e, ao mesmo tempo, mantem a sua íntima relação com a consciência.

Entretanto, as relações do homem com a realidade em que vive não se encerram na palavra, mas, pelo contrário, esta cria novas formas de ligações com o mundo em que vive. A palavra sintetiza as relações sociais anteriores a cada homem, que se mostram de forma abstraída e generalizada, ampliando o entendimento que ele tem sobre a sua realidade. Tendo isso em mente, podemos entender como se constitui uma das propriedades fundamentais que a palavra carrega: o sentido individual, a compreensão dos aspectos da vida que aparecem representadas pela consciência individual. Ou seja, o sentido é a expressão da função semântica da consciência, através da qual se mostra a relação entre as palavras e as coisas, ou seja, entre a linguagem, o pensamento e o comportamento.

Justamente pelo poder de transmissão da palavra, em que ela pode agir como atividade comunicativa entre aquilo que é de um indivíduo para outros é que ela serve como processo que perpassa relações interpsicológicas. Isto dá a possibilidade dela ser estruturante da consciência humana, já que: “A consciência em seu conjunto tem uma estrutura semântica” (VIGOTSKY, 1999b, p.186).

Devido aos dois componentes da palavra: o sentido individual e o significado social é que a palavra, pode se colocar como mediador sgnico, entre o sujeito particular e a realidade social e assim torna possível a apropriação da realidade por cada um. Daí decorre que o próprio desenvolvimento da consciência só pode ser compreendido se for tomado como uma das manifestações da relação entre o pensamento e a palavra. É por isso que Vigostki (1999b) chama a atenção para uma importante contribuição de Lenin a respeito de seu estudo sobre o processo de abstração e generalização na consciência:

Neste sentido, parece-me admirável a observação de V. I. Lênin sobre Hegel, quando diz que o mais simples fato de generalização encerra uma convicção a respeito do mundo exterior, do que ainda não temos plena consciência. Quando realizamos a generalização mais simples, não temos consciência das coisas como se existissem individualmente, mas numa conexão regular, subordinadas a uma determinada lei (VIGOTSKI, 1999b, p.122).

Essa tese leniniana, elaborada a partir de sua leitura materialista da dialética de Hegel, culminaria com uma das mais conhecidas contribuições dos trabalhos de Vigotski: a demonstração que a palavra, que é a forma mais desenvolvida da linguagem verbal, tem como função essencial a abstração e generalização das complexas relações

sociais existentes na realidade. Mas pelo caráter polissêmico que carrega a palavra, ou seja, por ela ter em sua estrutura diferentes significados das relações com que cada indivíduo trava com a realidade, é que cada um dos significados é diversificado.

Muitos destes significados não são apenas diferentes, mas contrários. Isto significa que eles carregam diversas formas de expressão e manifestação das determinações constituintes do objeto que representa. Esta constatação é feita por Lenin quando diz que: “[...] as palavras por vezes têm “sentidos opostos” (não apenas diferentes, mas opostos)” (LENIN, 2011, p.100).

Isto só se torna possível a partir da apropriação individual da palavra, que inicialmente é linguagem exterior e tem como papel possibilitar a comunicação entre as pessoas. Esta linguagem exterior ao começar a representar o pensamento prático se torna complexa e passa a ser interiorizada, culminando com o processo de desenvolvimento da linguagem interior: ou seja, a palavra se sintetiza com o próprio pensamento, gerando o pensamento realizado através de palavras.

É por isso que no processo de ampliação da consciência do indivíduo, o momento fundamental é aquele em que ocorre a transição à consciência capaz de operações com objetos abstraídos das características físicas e concretas: quando as palavras já interiorizadas adquirem a função conceitual e como tal permitem que se pense sobre elas mesmas e em quem as utiliza. Porém, dada a forma sócio-histórica contemporânea de distribuição da cultura regulada pela escola, esse momento da constituição do pensamento conceitual tem coincidido com a fase denominada de adolescência, quando, então a consciência pode se transformar em autoconsciência. É quando a relação de interiorização do mundo, no desenvolvimento psicológico, ganha um significado qualitativo para a apropriação dos significados sociais.

Os processos de desenvolvimento da autoconsciência permitem que o indivíduo domine, no plano da atividade consciente individual as relações, processos e os produtos complexos da história da humanidade, ou seja, se torna sujeito da cultura e pode, então, se compreender e discernir. Portanto, a autoconsciência tem uma importância central para o entendimento dos processos psicológicos uma vez que são os seus processos, dirigidos conscientemente, que constroem a concepção individual do que é a realidade e cada um dos sujeitos nesse real. Daí ela ser determinante para que ocorra:

[...] a estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das idéias coerentes sobre o mundo. A base para esse fato é o pensamento em conceitos, e para nós toda a experiência do homem culto atual, o mundo externo, a realidade externa e nossa realidade interna são representados em um determinado sistema de conceitos (VIGOTSKI, 1999b, p.123).

A diferenciação entre a autoconsciência e consciência social mais ampla, enquanto diferentes graduações de compreensão do indivíduo e da sociedade, se mostra um momento em que se torna possível a transição de uma à outra. É por este processo que a história social da humanidade, a medida em que é interiorizada, passa a ser refletida na atividade consciente do indivíduo.

De forma contrária a qualquer concepção que explica o desenvolvimento das funções psicológicas superiores a partir de seus elementos isolados, as explicações da teoria psicológica sócio-histórica demonstram que o homem não é um ser cindido, mas uma unidade inquebrantável, e que deve ser compreendida em sua unidade integral. Para Vigotski, é na concretude das relações sociais que está a possibilidade de entendimento da estrutura do psiquismo e, por isto, conclui que são nas “[...] complicadas relações entre a linguagem e o pensamento, [que está] o problema da consciência em seu conjunto e de suas faces isoladas. [...] Agora se abre por completo ao pesquisador que deseja aplicar o método da unidade em substituição ao dos elementos²¹” (VIGOTSKI, s/d, s/p. Tradução nossa).

É essa a tripla gênese do homem que torna possível a constituição geral da consciência. Cada momento desses processos sintetiza o entendimento que o homem elabora da realidade, durante todo o processo das suas diversas formas de atividade que transformam a ambos. É nesse movimento que se mostra a interiorização da realidade. Mas, como a mediação entre o homem e seu meio é, geneticamente dupla e já tratamos da linguagem, resta-nos reafirmarmos a função fundamental do trabalho, como um dos processos que relacionam os homens e o seu meio.

É no interior das classes sociais que estão disponibilizados os instrumentos físicos de trabalho e em decorrência desses os instrumentos sócio-psicológicos a serem utilizados para a produção e reprodução da vida. São as operações com ambos que os concretizam como meios de mediação que explicitam como a manifestação da realidade social se mostra na consciência individual.

²¹ “[...] complicadas relaciones entre el lenguaje y el pensamiento, el problema de la conciencia en su conjunto y el de sus facetas aisladas. [...] ahora se le abre por completo al investigador que desea aplicar el método de la unidad en sustitución del de los elementos” (VIGOTSKI, s/d, s/p).

Mas, quanto mais desenvolvida vai se tornando a atividade trabalho, mais complexos se tornam, também, os elementos mediadores que permitem as atividades dos homens e, em decorrência, para o uso e controle dos instrumentos e do trabalho. A própria divisão social do trabalho torna-se mais intrincada por ser resultado dessas atividades e, em consonância, as formas de organizações sociais passam a abarcar vários elementos e ou diferentes aspectos que mantem relações de interdependência; muitas vezes de difícil compreensão.

1.5 O lugar da classe social na consciência

Depois de apreendermos a tripla gênese do homem e a forma como ele amplia a sua consciência, com a consideração de aspectos do desenvolvimento sócio-genético, precisamos levar em conta uma especificidade que a história social do homem apresenta e que dá valor determinante em todo o processo de desenvolvimento. A constatação de que a estruturação da sociedade em classes sociais antagônicas e com interesses divergentes aparece como meio necessário de apreensão dos elementos da sociogênese.

Defendemos a tese, e tentaremos mostrá-la em seus pormenores, que Vigotski, desde que escreveu seu primeiro texto até as suas últimas conferências, sempre considerou que as determinações nos quais estão submetidos os homens em seu processo de desenvolvimento da consciência exige, necessariamente, a consideração de que a sociedade está dividida em classes. Este é um aspecto fundamental para a teoria vigotskiana, caso contrário podemos ser levados ao erro de que o processo de desenvolvimento da consciência é o mesmo para todos os indivíduos de diferentes classes sociais, algo que não se mostra em consonância com a centralidade do pensamento vigotskiano. Vejamos como a discussão da classe social se explicita no decorrer da construção teórica vigotskiana. Para tal, realizamos um estudo cronológico de suas obras para corroborar aquilo que defendemos.

Consideramos este ponto central para que a psicologia se desenvolva enquanto ciência. Uma das contribuições que este trabalho pretende realizar é trazer à tona a discussão da interdependência que existe entre classe social e consciência individual. A psicologia precisa considerar que indivíduos de classes sociais diferentes têm desenvolvimentos desiguais, pois as possibilidades que qualquer sujeito encontra para

alargar seu desenvolvimento estão determinadas pelos instrumentos disponíveis para a classe a que pertencem.

Notamos, então, que no decorrer dos escritos de Vigotski, as idéias referentes ao conceito de classe social tem uma maior constância nos seus escritos iniciais. Consideramos que isso se explica porque era quando ainda estava desenvolvendo os fundamentos de sua base teórica e, que se fez necessário partir do exame de conceitos que posteriormente fundamentariam suas explicações dos processos psíquicos. Outro aspecto que consideramos relevante é que já lida com as proposições de superação da sociedade dividida e das suas consequências para os indivíduos, pois se trata dos momentos em que as ações políticas que levaram à Revolução estão acontecendo. Com o decorrer dos anos, ainda continuou trabalhando com o conceito de classe social, mas de uma maneira não tão incisiva, e de uma forma mais refinada. Assim, vemos como Vigotski havia se apropriado dos constructos teóricos e assenta a sua teoria em sólidos fundamentos materialista-históricos.

Tomamos como seu trabalho inicial em psicologia o livro *Psicologia Pedagógica*, de 1924, onde afirma que a educação, tal como qualquer atividade criada e desenvolvida ao longo da história da humanidade, carrega, sempre, a expressão de classe de determinado período histórico. Como se trata de uma obra redigida para a formação de professores, destaca que:

É necessário levar em conta que a educação teve caráter de classe sempre e em qualquer parte, independentemente de seus apólogos ou apóstolos terem ou não consciência desse fato. Ocorre que, na sociedade humana, a educação é uma função social perfeitamente definida, sempre orientada pelos interesses da classe dominante [...] (VIGOTSKI, 2004, p.75).

Mas, para ele (2004), não é apenas a educação que carrega as determinações de classe. Todas as normas, que se desenvolvem em diferentes períodos históricos, estão, necessariamente, embebidas das contradições inerentes às relações de classe que se constroem em dada época. Por isso, alerta que a organização da sociedade de classe atinge várias esferas e que os professores deveriam saber para ajudar a construir a superação:

As normas são perpassadas inteiramente pela estrutura de classe da sociedade que as gerou e a qual servem à organização de classe da produção. Elas condicionam todo o comportamento do homem e, neste sentido, é legítimo falar do comportamento de classe do homem. [...] Uma vez que o meio social é por sua estrutura de classe, naturalmente todos os novos vínculos trazem a

marca desse colorido de classe no meio. É por isso que alguns estudiosos ousam falar não só em psicologia de classe mas também em fisiologia de classe. [...] Por isso cada indivíduo na sociedade moderna, queira ele ou não, é forçosamente a expressão dessa ou daquela classe.

Na medida em que se sabe que a experiência individual de cada pessoa é condicionada pelo seu papel em relação ao meio e a pertença a uma classe é exatamente o que determina tal papel, fica claro que a pertinência de classe determina a psicologia e o comportamento do homem (VIGOTSKI, 2004, p.286-287).

A importância fundamental que Vigotski dá à importância da consideração da classe social como sendo a base para a manifestação das atividades dos indivíduos que dela pertencem é clara. Todas as expressões individuais são marcadas pelo colorido de sua classe. Os indivíduos que dela fazem parte estão encharcados de todas as suas determinações, assim como das possibilidades que elas dão. E, como princípio estruturante de qualquer ciência, é mister que a psicologia considere este dado real para se compreender o movimento pelo qual os indivíduos, com suas expressões subjetivas, são afetados pelo pertencimento a uma classe específica.

Mas quais seriam, então, as implicações de se considerar a classe social para a ciência psicológica? Em uma destas considerações, a educação deve ser considerada sempre como um meio pelo qual se fazem valer os interesses de certa classe. Assim como em qualquer outra atividade humana, a educação não está isenta das contradições presentes na organização e estruturação da sociedade em classes. Ela é sempre um dos meios pelas quais os interesses de uma classe são passados para todas as classes. Geralmente quem detém a hegemonia na sociedade, tem também em suas mãos a maneira dominante dos instrumentos pelos quais serão passados as significações sociais. Quando, Vigotski, trata do assunto, nos diz:

Acontece que o trabalho humano, ou seja, a luta pela subsistência, assume necessariamente as formas de luta social e em função disso coloca em idênticas condições os indivíduos de massa de pessoas [...] a educação sempre se orienta por uma linha de classe.

Para o psicólogo, isso significa que o sistema de estímulos, que forma o sistema de comportamento da criança, é constituído de estímulos de classe. (VIGOTSKI, 2004, p.287).

No decorrer deste escrito, Vigotski continua tratando da educação e sua necessária inter-relação com a classe, e nos traz uma importante discussão a respeito da educação do comportamento moral em determinado período histórico. Toda a educação, assim como a educação moral, sempre teve como base não uma moral universal, única,

igual para todos; mas uma moral particular, que deriva da maneira como uma classe dominante, que hegemoniza os instrumentos de aprendizagem, entende o mundo.

É justamente por causa destas considerações que continua afirmando que a educação em sociedades cindidas em classes antagônicas:

[...] do ponto de vista da psicologia social cabe considerar a moral como certa forma de comportamento social elaborada e estabelecida segundo os interesses da classe dominante, como forma diferente para as diversas classes. É por isso que sempre existiram a moral do senhor e a moral dos escravos, e é por isso também que as épocas de crises eram épocas das maiores crises morais. [...] Esses ideais de classe são próprios de todos os demais sistemas de educação. (VIGOTSKI, p.296).

Se, este livro, terminado de escrever em 1924, e publicado apenas em 1926, mostra que a posição de Vigotski com relação as classes sociais não eram apenas panfletária, mas sim uma coerência em manter um discurso coerente com o conjunto de ideias que defendia.

Em 1927, quando escreve *O Significado Histórico da Crise na Psicologia*, a noção de classes sociais aparece, novamente, em toda a discussão elaborada no texto. Em sua análise da crise da psicologia, assim como dos pressupostos que sustentam as suas diferentes teorias, utiliza a discussão sobre o papel ideológico que permeia as idéias que determinadas ciências sustentam, as quais contribuem para mascarar o conteúdo da realidade, e sua, necessária, relação com a classe social a que elas servem, nos diz:

Por mais estranho que pareça, precisamente como foi levada à sua forma filosófica, quando parece velada por várias capas e se encontra muito longe de suas raízes diretas e das causas sociais que engendraram, somente agora descobre o que quer, o que é, de que tendências sociais procede, a que interesses de classe serve (VIGOTSKI, 1999b, p.221).

Nenhuma teoria psicológica pode ser considerada como independente das classes que existe na organização da sociedade. Todas as teorias se baseiam em pressupostos que indicam a sua origem e seu desenvolvimento, assim como os interesses a que servem em sua atividade real. Todo o objeto que uma teoria elege como sendo de seu interesse está permeado de explicações que indicam os interesses de uma classe em detrimento de outra. É por isto que a ciência, assim como qualquer outra exteriorização do trabalho do homem e como atividade realizada em determinada época,

nunca pode ser neutra e sempre age, na prática, como sendo a expressão de classe de um período.

Tendo isto em mente, é que Vigotski afirma que por detrás de qualquer princípio estruturante de qualquer teoria se escondem, algumas vezes de maneira mais intrincada, os conflitos e contradições que existem na sociedade. A luta de classes que existe enquanto movimento do real se mostra também como uma luta de classes no plano ideal, já que:

Porque no campo da ideologia rege a lei, descoberta por Engels, da concentração de idéias em torno de dois pólos – o idealismo e o materialismo -, que correspondem aos dois pólos da vida social, às duas principais classes que lutam. A natureza social das idéias manifesta-se com muito mais facilidade em um fato filosófico do que como fato científico: termina o seu papel de agente ideológico oculto disfarçado de fato científico e fica desmascarada, começando então a participar como um elemento a mais na luta dos tipos de idéias (VIGOTSKI, 1999b, p.222).

Porém, quando a ciência não abandona o compromisso de classe, Vigotski indica, como no excerto acima, que é melhor que se mantenha como ideia, pois, assim, pode ser melhor apreendida e desmascarada.

Isso leva Vigotski a afirmar, então, que: “Nesse sentido, podemos dizer que cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (VIGOTSKI, 1999b, p. 368).

Em seus Manuscritos de 1929, também conhecido como Psicologia do Homem Concreto, - cuja ênfase no concreto indica que estava demarcando que a função dos estudos psicológicos é lidar com a realidade concreta; mas que diferentemente dos homens abstratos, a psicologia deve considerar que são homens, que não têm valor de verdade, ou seja, tal como outros elementos da natureza não são falsos nem verdadeiros, e suas condições dependem das circunstâncias, como o lugar e o tempo em que vivem. Daqui retoma uma afirmação clássica de Marx²² a respeito de consciência de classe, para esboçar nesse escrito a forma como deveria ser entendida a personalidade:

²² Sobre esse trecho, sobre a nota de rodapé que acompanha esse escrito de Vigotski, Puzirei localiza a citação presente no livro a Filosofia da Miséria de Marx, que diz: “As condições econômicas transformaram no início a massa da população em trabalhadores. O domínio do capital criou para esta massa situação igual e interesses comuns. Desta forma, esta massa já é uma classe em relação ao capital, mas ainda não para si mesma. Na luta... esta massa une-se, ela constitui-se como classe para si” (VIGOTSKI, 2000, p.41).

Em forma puramente lógica a essência do processo do desenvolvimento cultural consiste exatamente nisso. Marx: sobre a classe. A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade (VIGOTSKI, 2000, p.24).

Mais adiante, continua, agora comentando sobre as funções e processos psicológicos, que refletiriam, apesar das devidas mediações, as determinações da classe social, por serem moldados pela atividade:

E elas (por exemplo, percepções das estruturas da forma etc.) nem sempre são comuns a toda a humanidade. Mas se as funções elementares têm muito em comum, é assim porque em todos os grupos e classes sociais há muito em comum (VIGOTSKI, 2000, p.35).

Vigotski continua falando sobre as intrínsecas relações entre o desenvolvimento individual e a mediação exercida pela classe social a que pertence. Portanto, a proposição de Vigotski é que mesmo nas sociedades onde as formas infra e superestruturais se desenvolveram a ponto de velarem, pela ideologia e outros fatores psicológicos como a intelecção da realidade, as diferenças entre as classes, as suas determinações não podem ser ignoradas. E, que nessas circunstâncias um dos dificultadores para os estudos psicológicos são as mediações.

Mas uma relação muito mais complicada entre estes dois fatores pode ser observada em uma sociedade altamente desenvolvida que adquiriu uma estrutura de classes complexa. Aqui a influência da base sobre a superestrutura psicológica do homem não se dá de forma direta, mas mediada por um grande número de fatores materiais e espirituais muito complexos. Mas, até mesmo aqui, a lei fundamental do desenvolvimento histórico humano, que proclama serem os seres humanos criados pela sociedade na qual vivem e que ela representa o fator determinante na formação de suas personalidades, permanece em vigor (VIGOTSKY, 2004, s/p).

Deixa ainda mais clara sua visão de mundo e o entendimento que deveria existir, entre a psicologia e a realidade concreta de uma sociedade pós-revolução, o compromisso político de lutar pela igualdade material entre os diversos indivíduos. Novamente, indica que a personalidade é o aspecto psicológico a ser constituído de forma pelo processo de desenvolvimento já indicado em seus Manuscritos de 1929. Ou seja, que para entendermos e influenciarmos neste complicado processo, devemos, necessariamente, levar em consideração a classe social, pois:

Do mesmo modo que a vida de uma sociedade não representa um único e uniforme todo, e a sociedade ela mesma é subdividida em diferentes classes, assim também, não pode ser dito que a composição das personalidades humanas representa algo homogêneo e uniforme em um dado período histórico, e a psicologia tem que levar em conta o fato básico que a tese geral que foi formulada agora mesmo, só pode ter uma conclusão direta, confirmar o caráter de classe, natureza de classe e distinções de classe que são responsáveis pela formação dos tipos humanos. As várias contradições internas que são encontradas nos diferentes sistemas sociais encontram sua expressão tanto no tipo de personalidade quanto na estrutura da psicologia humana naquele período histórico. (VIGOTSKY, 2004, s/p).

Utiliza, mais uma vez, Marx para afirmar a base teórica-metodológica que parte para fazer sua análise de como entende a relação trabalho, classes sociais e personalidade. Dessa forma:

Nas descrições clássicas do período inicial do capitalismo, Marx enfatiza freqüentemente o tema da corrupção da personalidade humana que é provocada pelo crescimento da sociedade capitalista industrial. Em um dos extremos da sociedade, a divisão entre o trabalho intelectual e o físico, a separação entre a cidade e o campo, a exploração cruel do trabalho da criança e da mulher, pobreza e a impossibilidade de um desenvolvimento livre e completo do pleno potencial humano, e no outro extremo, ócio e luxo; disso tudo resulta não só que o tipo humano originalmente único torna-se diferenciado e fragmentado em vários tipos nas diversas **classes** sociais que, por sua vez, permanecem em agudo contraste umas às outras, mas também na corrupção e distorção da personalidade humana e sua sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral em todas estas diferentes variantes do tipo humano (VIGOTSKY, 2004, s/p).

O processo de desenvolvimento da personalidade deve partir das relações sociais reais, em que a classe social é determinação para qual a sociedade faz a sua marcação no indivíduo. Nem mesmo a personalidade, aquele recôndito que a princípio parece estar tão afastada das relações sociais mais amplas, consegue se livrar da incidência da classe a que pertence um indivíduo.

Em *Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores*, escrito em 1931, Vigotski afirma que não se pode compreender o desenvolvimento da criança e do adolescente sem a consideração da classe social à que pertence. Por isso, faz uma crítica as limitações da psicologia compreensiva de Spranger²³, e sua tentativa de explicação do desenvolvimento da adolescência a partir da particularidade de apenas uma classe, já que ele:

Aplica suas deduções e teses somente ao adolescente alemão de uma determinada época histórica e de uma determinada classe social: ao

²³ Foi um filósofo e psicólogo alemão, aluno de Wilhelm Dilthey.

adolescente da classe educada, um adolescente burguês daquele tipo histórico se forjou nos últimos 100 anos [...]. Como processos de uma mesma ordem; a diferenciação de tipos de adolescentes das distintas épocas históricas, classes sociais, nacionalidades e a diferença de tipos de adolescentes de sexo e idade distintos, ou seja, os determinantes históricos e biológicos do desenvolvimento psíquico formam uma linha única²⁴ (VIGOTSKI, 2012a, p.27. Tradução nossa).

Os processos e funções psicológicas são desenvolvidos em diferentes lugares e épocas com suas respectivas particularidades na forma de organização e estruturação de classes. Isto deve ser considerada pela psicologia para a apreensão de como as relações interpsicológicas se transformam em intrapsicológicas. A impossibilidade de se considerar o processo de desenvolvimento sem a devida importância histórica é, em fundo, um grave problema teórico-metodológico.

Com isso, deixa-se de levar em consideração as particularidades de cada formação histórica, assim como o pertencimento e a posição de classe que cada indivíduo possui. Neste mesmo texto, quando relata que Stern²⁵ realizou uma experiência de crianças de classes sociais diferentes, faz outra crítica metodológica, já que não seria possível se compreender a complexa relação existente entre a linha do desenvolvimento da linguagem infantil e do pensamento, já que ele classificou as crianças com atraso mental. Nos diz:

Quando Stern tentou comparar o pensamento de crianças de famílias educadas e não educadas, se deu conta de que as crianças não educadas apenas se diferenciavam do pensamento cotidiano das crianças das classes educadas mas em muitos casos quase não manifestavam atraso no conteúdo de seu pensamento em comparação ao seu contemporâneo do meio culto²⁶ (VIGOTSKI, 2012a, p.270-271. Tradução nossa).

Em *Paidologia del Adolescente*, de 1931, no desenvolvimento do pensamento do adolescente e a formação de conceitos, trata, de forma exaustiva, da psicologia de classes, retomando Blonski²⁷, assim como fizera em seu *Psicologia Pedagógica*. Aqui,

²⁴ “Aplica sus deducciones y tesis tan sólo al adolescente alemán de una determinada época histórica y de una determinada clase social: al adolescente de la clase culta, un adolescente burgués de aquel tipo histórico que se forjó en los últimos 100 años [...]. Como procesos de un mismo orden; la diferenciación de tipos de adolescentes en las distintas épocas históricas, clases sociales, nacionalidades y la diferencia de tipos de adolescentes de distinto sexo y edad, es decir, las determinantes históricas y biológicas del desarrollo psíquico forman una línea única” (VIGOTSKI, 2012a, p.27).

²⁵ Stern foi um psicólogo alemão, conhecido por ter criado o Q.I: quociente de inteligência.

²⁶ “Cuando Stern intentó comparar el pensamiento de niños procedentes de familias cultas e incultas, se dio cuenta de que los niños del medio inculto apenas si se diferenciaban del pensamiento cotidiano de los niños de las clases cultas y en muchos casos casi no manifestaban retraso en el contenido de su pensamiento en comparación con su coetáneo del medio culto” (VIGOTSKI, 2012a, p.270-271).

²⁷ Blonski é considerado o iniciador das discussões marxistas dentro da psicologia russa.

não utiliza de forma superficial a influência das classes sociais, tampouco o faz de forma secundária, em seu escrito, mas realiza uma longa discussão sobre a psicologia de classe e a sua complexa relação com a realidade. Um indivíduo não é apenas uma imitação de sua classe, cuja relação se reduz a um reflexo mecânico:

A psicologia de classes não surge, é claro, pela via da imitação externa. O processo de sua formação é, sem dúvida, mais profundo. Na criança, a psicologia de classes é o produto de sua colaboração com o mundo que a rodea ou, simplesmente, o resultado da vida em comum, da atividade e interesses comuns. Ou seja, a identificação com uma classe não é o resultado de um processo de imitação externa, mas uma comunidade de vida, atividades e interesses²⁸ (VIGOTSKI, 2012b, p. 65. Tradução nossa).

O pertencimento a determinada classe não indica de forma mecânica como se dará o desenvolvimento do indivíduo. Os interesses de uma classe podem não coincidir, e isto não é raro, com alguns dos interesses dos indivíduos que fazem parte dela. A não coincidência entre ambos momentos mostra o caráter complexo pela qual as relações exteriores ao indivíduo são construídas.

É por isto que não existe uma simples imitação externa no processo pelo qual a classe incide sobre o indivíduo, mas se dá de forma complexa quando a classe social se mostra como meio pelo qual as potencialidades podem ou não ser desenvolvidas. As possibilidades dadas a partir da posição de classe que um indivíduo ocupa, em uma sociedade complexa, abrem caminhos pelo qual funções e atividades possam servir como potencializadoras de seu desenvolvimento. Mas assim como abrem possibilidades, podem também mostrar a sua própria impotência de realização. Não são atributos mecânicos, mas potencializadores da ação humana.

É por isso, também, que condena Busemann por deixar de levar em consideração, em seus estudos, a noção de classe social, já que é a partir de suas diferenças que: “devem buscar no pertencimento de classe do adolescente e não em um ou outro grau de seu bem-estar material. Por esta razão a inclusão de adolescentes de diversas origens sociais em um mesmo grupo, como faz Busemann, nos parece

²⁸ “La psicología de clases no surge, claro está, por la vía de la imitación externa. El proceso de su formación es, sin duda, más profundo. En el niño, la psicología de clases es el producto de su colaboración con el mundo que le rodea o, dicho simplemente, el resultado de la vida en común, de la actividad e intereses comunes. Es decir, la identificación con una clase no es el resultado de un proceso de imitación externa, sino de una comunidad de vida, actividad e intereses” (VIGOTSKI, 2012b, p. 65).

errado²⁹” (VIGOTSKI, 2012b, p. 239. Tradução nossa). Todas as diferentes fases de desenvolvimento pelo qual o indivíduo se apropria dos diferentes elementos criados na história humana sofrem a incidência de sua classe.

Algumas potencialidades, abertas pela posição de classe que um indivíduo pode ocupar, se dão através do domínio da linguagem falada e da apropriação relações generalizadas que se estabelecem na palavra. É por isso que: “a formação de conceitos abre para o adolescente o mundo da consciência social e impulsiona inevitavelmente ao intenso desenvolvimento da psicologia e da ideologia de classes, a sua formação³⁰” (VIGOTSKI, 2012b, p.66. Tradução nossa).

Não por acaso, é a partir dessa centralidade que a classe social tem na teoria vigotskiana, que é possível afirmar que o desenvolvimento da personalidade do adolescente da classe trabalhadora chega a formas superiores de autoconsciência antes do adolescente da burguesia: “Em determinados aspectos, por exemplo, no sentido da tomada de consciência da própria personalidade a partir da classe social, o adolescente trabalhador chega antes que o burguês aos estágios superiores de autoconsciência³¹” (VIGOTSKI, 2012b, p.242. Tradução nossa). Ou seja, de acordo com a materialidade do desenvolvimento das forças produtivas, é possível, então, existir diferentes formas de desenvolvimento individual da própria personalidade, de acordo, com as necessidades criadas pela realidade objetiva de uma sociedade dividida em classes. Não existe, na vigotskiana, uma teoria da personalidade desvinculada de classe social. Ambas estão radicalmente interligadas e possuem dependência mútua.

Em 1933 e 1934, já perto de sua morte, em um texto chamado O Problema da Consciência, editado com as anotações de um caderno pessoal de Leontiev, a respeito das falas de Vigotski em uma reunião de trabalho do grupo, afirma que:

Conhecemos toda uma série de leis formais da consciência: sua continuidade, sua relativa clareza, sua unidade, sua identidade, o fluxo da consciência.
Doutrina da consciência na psicologia classista: aparecem duas concepções principais sobre a consciência [...] (VIGOTSKI, 1999b, p.173).

²⁹ “han de buscarse en la pertenencia de clase del adolescente y no en uno u otro grado de su bienestar material. Por esta causa la inclusión de adolescentes de diversa procedencia social en un mismo grupo, tal como hace Busemann, nos parece errónea” (VIGOTSKI, 2012b, p. 239).

³⁰ “la formación de conceptos abre ante el adolescente el mundo de la conciencia social e impulsa inevitablemente al intenso desarrollo de la psicología y la ideología de clases, a su formación” (VIGOTSKI, 2012b, p.66).

³¹ “En determinados aspectos, por ejemplo, en el sentido de la toma de conciencia de la propia personalidad desde el punto de vista de clase social, el adolescente obrero llega antes que el burgués a los estadios superiores de la autoconciencia” (VIGOTSKI, 2012b, p.242).

Aqui, deixa claro que é a partir de uma concepção classista da psicologia que desenvolve sua base teórica e que constrói os elementos estruturantes de sua concepção de psicologia. Com esse retorno a gênese dos escritos vigotskianos, em seus diferentes momentos, conseguimos compreender a forma pela qual a classe social aparece, em todos os momentos, na obra vigotskiana; e podemos afirmar que foi um autor que jamais relegou a segundo plano a discussão de classe social, assim como seu necessário entendimento para a explicação do desenvolvimento de qualquer dos processos psíquicos superiores. Assim, Vigotski entendia que a consciência do indivíduo só poderia ser entendida se levássemos em consideração, necessariamente, a classe social a que pertence o indivíduo. foi um legítimo psicólogo de classe.

Se as relações terciárias, aquelas responsáveis pela ampliação do domínio da gênese social do desenvolvimento da consciência, passam a ter uma relação de soberania com relação as gêneses anteriores. E essas relações, em sociedades de classes, só podem ser entendidas se considerarmos a posição de classe que aquele indivíduo ocupa em uma sociedade complexa.

É claro que Vigotski não retira essa concepção de homem e classe social a partir de seus próprios escritos. Existe uma tradição teórica derivada do marxismo, que Vigotski se apropria, utilizando-a como base para fazer a crítica e a, conseqüente, superação das explicações da psicologia de seu tempo.

Assim, levando-se em consideração que a visão de mundo que adota e fundamenta sua teoria, é fundada e sedimentada pelo materialismo histórico-dialético, que depois da Revolução de 1917, se torna hegemônica na URSS. São essas as proposições que embasaram Vigotski em toda a sua atividade. A epistemologia adotada na URSS lhe permitiu promover mudanças em todas as áreas em que atuou, como por exemplo, no campo da educação, o que o colocou como um dos intelectuais atuantes na reformulação da concepção e implementação da estrutura educacional soviética, junto a nomes como de Krupskaja³², Makarenko³³ e Pistrak³⁴.

Em grande parte de seus textos Marx, Engels, e Lenin são citados exaustivamente. São eles os responsáveis por dar a Vigotski a base teórico-metodológica com que iria desenvolver sua teoria psicológica. Isso está, completamente, em consonância com a ideia que expressa quando afirma que: “quem

³² Krupskaja foi companheira de Lenin e uma das responsáveis pela reorganização da educação no período pós-revolucionário.

³³ Makarenko foi um professor responsável pela criação de um novo modelo de educação para crianças.

³⁴ Pistrak foi um dos responsáveis pela edificação da educação socialista.

pega um lenço alheio pega o odor alheio [ou seja] tem uma boa dose de odor desses sistemas, isto é, do espírito filosófico dos seus autores” (VIGOTSKI, 1999b, p.256).

Assim sendo, somente conseguimos entender a teoria de Vigotski, se a considerarmos como uma unidade indissolúvel das proposições dos autores que compartilhavam a visão de mundo de onde parte. Isso significa que, para analisar o próprio Vigotski, precisamos ser coerentes com o que o próprio autor propunha. A visão de psicologia de Vigotski está encharcada do odor destes autores, que servem como base teórica dos princípios estruturantes de sua psicologia.

Se, Vigotski, no momento em que se apropriava das concepções materialista-históricas, que levam reconhecem que a sociedade capitalista se estrutura em classes sociais, ponderava que: “nossos marxistas afirmam com razão que cada coisa pode ser considerada como um microcosmo, como um modelo global [...] [assim] cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence” (VIGOTSKI, 1999b, p. 368). Tanto reconhece a determinação da classe sobre a consciência individual que no final de seu *Pensamento e Linguagem*, uma de suas últimas obras, datada de 1934, o ano em morreu; disse:

A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana (VIGOTSKI, 2010, p.486).

Engels, em seu livro *Dialética da Natureza*, de onde Vigotski retirara as noções de microcosmos e célula, já falava que: “[...] o elemento fundamental de quase todo o desenvolvimento vital - a célula - foi descoberto faz apenas quarenta anos³⁵” (ENGELS, 2000, p. 23). Assim:

³⁵ E continuaria: “Finalmente, o uso do método comparativo, por sua vez, tornou possível e necessário, no domínio da investigação biológica (graças à acumulação crescente de material resultante de viagens e expedições científicas, empreendidas sistematicamente desde meados do século XVIII) a exploração mais minuciosa das colônias européias, em todos os países, por especialistas neles radicados (em geral, devido aos processos da paleontologia, da anatomia e da fisiologia, especialmente depois do emprego sistemático do microscópio e do descobrimento da célula). [...] E o foram, não somente depois da maturidade, como também em todas as fases de seu desenvolvimento. Quanto mais profunda e exata se ia fazendo essa investigação, tanto mais se ia desfazendo, entre suas mãos, aquele rígido sistema de uma natureza orgânica invariavelmente fixa” (ENGELS, 2000, p. 22).

Daqui, também utilizaria outra noção materialista da dialética, em que Engels diz: “Mas isso tem um limite; se conseguirmos, como na evaporação, pôr em liberdade as diferentes moléculas, podemos, em geral, continuar dividindo-as, mas somente com uma mudança total da qualidade: a molécula é decomposta em seus átomos e estes possuem propriedades inteiramente diferentes daquela. Em moléculas constituídas de diferentes elementos químicos, ao invés da molécula composta, aparecem os átomos desses elementos. [...]Mas também a molécula é qualitativamente diferente da massa do corpo a que pertence” (ENGELS, 2000, p. 36).

Quase ao mesmo tempo, verificou-se que o protoplasma e a célula, [...] existem com vida independente, tal como as formas orgânicas mais primitivas. [...] A nova concepção da Natureza ficava, assim, configurada em suas linhas gerais: tudo aquilo que se considerava rígido, se havia tornado flexível; tudo quanto era fixo, foi posto em movimento; tudo quanto era tido por eterno, tornou-se transitório; ficara comprovado que toda a Natureza se movia num eterno fluxo e permanente circulação.

Dessa forma, voltava-se às concepções dos grandes fundadores da filosofia grega: em toda a Natureza desde o menor ao maior, do grão de areia aos sóis, dos protistas ao homem, há um eterno vir a ser e desaparecer, numa corrente incessante, num incansável movimento e transformação. Tudo isso, apenas com uma diferença essencial: tudo quanto, entre os gregos, era uma intuição genial, tornou-se agora para nós o resultado de uma investigação severamente científica, ligada à experiência e, por conseguinte, o conhecimento se apresenta sob uma forma muito precisa e clara (ENGELS, 2000, p. 22-23).

Eis, aqui, o momento em que Vigotski, tendo, muito bem compreendido a relação existente entre classe social, mediada pelos diferentes grupos no qual o indivíduo faz parte, e o complexo desenvolvimento dos processos psíquicos, explica a interiorização da classe para o indivíduo. Sem a consideração de que a sociedade está dividida em classes sociais opostas, não é possível falar de teoria vigotskiana da consciência.

Todas as esferas nas quais o homem entra em atividade como ser produtivo estão necessariamente relacionadas com as classes sociais de determinado período histórico. Sejam elas a atividade científica, como se mostra em O significado histórico da crise na psicologia, sejam na atividade artística, em sua Psicologia da arte, ou sejam ainda na atividade consciente. Nada escapa a incidência das classes sociais no processo de desenvolvimento social.

Essa consideração se mostra como estruturante dentro da própria concepção de desenvolvimento da consciência individual em Vigotski. Sabendo disso, podemos situar a discussão de classes sociais, dentro da teoria vigotskiana, como tendo sua gênese em três pensadores fundamentais Marx, Engels e Lenin. No próximo capítulo, vejamos como a discussão da mediação se apresenta no centro das teorias materialistas histórico-dialéticas.

Somente considerando a mediação das diferentes atividades sociais é que conseguimos compreender as formas de transição dos momentos que correspondem às consciências que perpassam a sociedade, a classe e o indivíduo. a mediação das atividades econômico-políticas se mostram como determinações essenciais do processo de desenvolvimento da consciência individual. Defendemos que sem a devida consideração destes elementos não podemos compreender o movimento pelo qual a

sociedade desenvolve algumas potencialidades em detrimento de outras em alguns indivíduos. Considerar as mediações no processo de produção da vida e reprodução social significa compreender as determinações sociais as quais, em sociedades de classes, se desenvolvem os indivíduos.

2. TODA RELAÇÃO HUMANA É MEDIADA

Ora, se quero comer, tenho que trabalhar! (GORKI, 2011 p.99).

Não adianta nada ficar falando, o que conta é o trabalho (ZOLA, 2004, p.21).

[...] O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria* [...] (MARX, 2011a, p.111. Destaques no original).

Ainda que a mediação seja uma discussão histórica, que perpassa todos os momentos da filosofia, aqui queremos salientar como ela vai se destacar na ciência psicológica devido à importância que recebe na teoria elaborada por Vigotski (1924-1934). Nela, a mediação é tomada tal como foi apresentada no materialismo histórico-dialético, onde explica o modo como ocorrem determinadas relações do movimento do real. Isso porque é a partir desta categoria conceitual que se torna possível a apreensão dos diferentes momentos da realidade, em seu movimento, através de cada uma de suas particularidades.

A mediação é necessária porque a matéria é a realidade exterior e independente do entendimento dos sujeitos e não necessita destes para existir. Assim, com a ênfase das diferentes formas de manifestação da realidade deslocada para a sociedade, entende-se que a verdade, até mesmo dos processos psíquicos, advém da ação do homem sobre essa realidade, transformando-a. Daí que o fundamento para qualquer análise dos aspectos que existem no mundo é a descoberta das mediações que servem para a apreensão das transformações a cada momento do real. E o procedimento fundamental para compreender o movimento que vai do concreto ao abstrato passa pela descoberta das determinações intermediárias do próprio movimento concreto. Não se trata de organizar o mundo pela cabeça, mas organizar a cabeça pelo mundo.

A psicologia baseada no materialismo histórico-dialético passa então a considerar que a solução para se agir em determinado lugar onde se expressam as contradições da realidade, é dada na atividade prática do homem. Isto porque a mediação realizada pela atividade supera a oposição entre sujeito e objeto, e estabelece uma práxis. A práxis é a atividade que decorre da aplicação da energia física e psíquica dos homens aos conflitos e contradições da sociedade com o objetivo de supera-los.

O desvendamento da mediação tornou possível as explicações sobre a existência e ligação entre os diversos elementos que se contrapõem na realidade. Em toda a obra

marxiana ela permeia a discussão sobre as relações que perpassam as diferentes particularidades e que exigem explicações das suas transições para os momentos mais gerais de todo o *devoir* social. É por isso que a mediação fundamental se dá pelo trabalho, que desenvolve as potências da natureza conforme as necessidades do homem. Assim, a impotência dada pelas limitações naturais do homem é superada pela ampliação, com a instrumentalidade do mediador, da possibilidade de suas ações. É por isso que a processualidade do estudo do desenvolvimento da consciência humana só é possível através da compreensão dos elementos mediadores que possibilitam este processo.

Encontramos então no conceito de mediação uma das contribuições para a nossa pesquisa, que torna o conceito filosófico de *devoir*, de maneira geral, como indicação da síntese entre opostos que permite entender a constituição do psiquismo como uma das mudanças que ocorrem nas coisas, também analisada sob o conceito de: *se tornar*; indicando que nada é constante, exceto a mudança e a transformação que são permanentes na realidade. Então, fica explicada a dinâmica das funções, processos e do comportamento humano, uma vez que considerar a constância da transformação e a fugacidade das características individuais permitiu à psicologia tomar o homem como sujeito em constante processo de constituição e, portanto, capaz de se expressar nas diferentes formas de manifestação. Também a potência humana de ter consciência depende dos afetos externos aos indivíduos e, então, podemos entender porque a consciência é produto da mediação das relações interpessoais: é que ela só se torna possível pela existência de um número grande e complexo de intercessores cujos reconhecimentos permitem apreender a gênese e desenvolvimento de qualquer tipo de consciência.

O exame dos processos de transformação dos objetos e fenômenos nos diferentes momentos históricos demonstrou-nos que os distintos elementos intermediários que são criados ao longo da história humana, sempre tiveram como base e estrutura a mediação fundamental estabelecida pelo trabalho. Isso porque o trabalho é a energia humana que é aplicada por cada homem para alterar a realidade e facilitar a vida de cada um e de todos. E, como se trata de ação coletiva e histórica, a percepção de como era antes da interferência só é possível por outros instrumentos criados pelo homem para tal registro e, ao mesmo tempo para a conservação e transmissão.

Os diferentes elos intermediários de cada período são manifestações dadas pelas possibilidades que cada elemento mediador pode potencializar na prática humana. É por

isto que os instrumentos agem como potencialidade da ação humana. É assim, então, que entendemos que a mediação do trabalho é a expressão objetiva da própria essência do homem, já que:

O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto do trabalho e que lhe serve de guia de sua atividade sobre esse objeto. Ele utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas para fazê-las atuar sobre outras coisas, de acordo com o seu propósito. O objeto de que o trabalhador se apodera imediatamente – desconsiderando-se os meios de subsistência encontrados prontos na natureza, como as frutas, por exemplo, em cuja coleta seus órgãos corporais servem como únicos meios de trabalho – é não o objeto do trabalho, mas o meio de trabalho. É assim que o próprio elemento natural se converte em órgão de sua atividade, um órgão que ele acrescenta a seus próprios órgãos corporais, prolongando sua forma natural [...] (MARX, 2014, p.256-257).

Acontece que, com a complexificação do trabalho e de todas as atividades humanas, mais elos intermediários entre o homem e a natureza e entre os próprios homens, são desenvolvidos. É isto o que significa o complexo de coisas da qual Marx falava. É também por este motivo que as múltiplas relações sociais interpsicológicas travadas entre os homens pode ser considerada um complexo mediacional já que cada atividade de um homem medeia a atividade de outros homens, assim como surgem diversos elos dentro dos próprios mediadores. É possível, então, que falemos da mediação da mediação, ou melhor dizendo, de um sistema complexo de mediadores que se interpõem nas relações interpessoais. Todas as relações humanas são mediadas, assim como todo o complexo desenvolvimento da consciência de classe é interposto por diferentes mediadores.

O mais importante exemplo da ampliação da ação humana está na sua possibilidade de criar instrumentos para transformar a realidade e ampliar a compreensão do processo que engendra tais transformações. O instrumento, então, é potencializador da atividade humana, já que:

[...] nenhuma produção é possível sem um instrumento de produção, mesmo sendo este instrumento apenas a mão. Nenhuma produção é possível sem trabalho passado, acumulado, mesmo sendo este trabalho apenas a destreza acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido. O capital, entre outras coisas, é também instrumento de produção, também trabalho passado, objetivado (MARX, 2011c, p.41).

O instrumento é sempre reflexo de determinado período histórico, porque a sua função e elaboração decorrem das necessidades da interação com o meio em cada

momento, seja para o trabalho seja para as relações psicossociais. Ele encarna as contradições presentes na transformação da natureza e suas determinações sobre o próprio sujeito que realiza o trabalho instrumental, bem como as contradições provocadas pela constituição dos aspectos subjetivos a partir da ação sobre a matéria e as atividades sobre e com os demais sujeitos humanos. Em contraposição, o instrumento mostra as possibilidades e limitações que nele se encerram e as quais estão submetidos os homens no seu *dever* histórico.

Em síntese, na teoria marxiana o elemento mediador é a práxis, onde o sujeito é fruto das condições materiais através das quais ele se reproduz, ou seja, o ser humano é constituído pelo conjunto das relações sociais de produção e das forças produtivas as quais tem que dominar para viver. Nesta perspectiva, a teoria de Marx tem um cunho histórico e carrega um fundamento que é social, dando-lhe o caráter sócio-histórico.

Para tal, a mediação fundamental é a do trabalho, não só por articular a base infraestrutural com a superestrutural, mas, principalmente por organizar as formas fundamentais de relação na sociedade capitalista que são determinadas pela produção, distribuição e circulação de mercadorias. Estes são os diferentes momentos que encerram a totalidade das formas de produzir e reproduzir a existência do homem no sócio-metabolismo do capital. É o entendimento sobre como se trabalha que mostra com se dão as determinações para o estabelecimento das relações sociais necessárias para a produção e reprodução da sociedade e, portanto, para a constituição de qualquer forma de representação da realidade nas consciências.

Entende-se então que as necessidades decorrentes da vida exigem as funções e processos psicológicos superiores da consciência individual, que geram o discernimento sobre quem se é e onde estamos na sociedade de classe. Entretanto esses aspectos pessoais decorrem, sustentam e se manifestam a partir da base social material dada na produção e distribuição das mercadorias, e que determinam como são marcadas pela distribuição do produto do trabalho humano no interior da classe social.

É através das vinculações que acontecem no processo de produção e circulação que estão as situações que enfrentamos quando entramos em contato com os outros. Cada um desses momentos possui vários elementos de mediação que mostram toda a complexidade da organização social no capital.

Para a compreensão de como a mediação do trabalho se mostra como fundante do homem, tomamos a teoria de Marx como marco explicativo de como esta relação se estrutura. Assim, a teoria marxiana é o conjunto dos trabalhos e escritos que compõem a

obra de Marx (1818-1883), cuja contribuição é uma análise do processo de gênese e desenvolvimento do capitalismo como forma de ordenamento social. Para construí-la sintetizou em uma totalidade os princípios de três grandes conjuntos de ideias do século XIX: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês. Como já frisamos, demonstrou ser a dialética materialista histórica, o método teórico que investiga nas relações históricas do passado, as explicações das forças motrizes do desenvolvimento social que se mostram no presente e para a determinação das tendências do desenvolvimento social no futuro.

Pelas condições acima apresentadas, tomamos que apenas se levarmos em consideração a atividade trabalho, como explicação ontológica sobre como se constitui o ser humano, é que compreenderemos a gênese das classes sociais e, conseqüentemente, da luta que elas travam e que força o desenvolvimento da sociedade. Sob o capitalismo a sociedade se estruturou na oposição de classes antagônicas, momento em que apenas uma delas se tornou dominante. A dominância do capital, como relação social consolidada, decorre da sua vitória econômica sobre os trabalhadores, que pode ser revertida quando as contradições entre capital e trabalho se tornarem conscientes para os trabalhadores. Tomamos o mundo atual moldado aos interesses dominantes do capital, que criou “um mundo à sua imagem” (MARX; ENGELS, 2005, p.16). Os instrumentos que desenvolvem a consciência social dominante mascaram este antagonismo.

O perverso é que essas explicações promovem a produção de uma ideia do que seja o mundo que passa a explicar a reprodução destas relações a partir de uma superestrutura que potencializa a relação de domínio do capital sobre o trabalho. E, como as ideias que compõem a superestrutura não explicam a realidade da classe trabalhadora e ainda dá diferentes explicações para aquilo que vivenciam, elas tornam as relações travadas entre os homens algo com um caráter místico e fantasmagórico, que serve como velamento das contradições reais da sociedade. Mas como existe tal possibilidade? Como uma classe, caracterizada por sua pequena quantidade numérica, consegue submeter a maior parte dos indivíduos aos seus interesses? Em suma, como é possível uma classe que não trabalha concentrar a maior parte da riqueza?

Talvez se invertermos as questões, elas sejam mais bem colocadas. Como é possível uma classe numericamente superior permitir que, depois de uma jornada de trabalho exaustiva, alguém que não trabalha fique com o mais valor produzido através de seu trabalho? A resposta para estas nada simples perguntas remonta a uma indagação

que, num primeiro momento, parece simples: como foi construído o mundo tal como o conhecemos?

O apresentado acima indica que a superestrutura social faz uma mediação entre a realidade e as classes sociais e que a mediação estabelecida para a classe social se mostra como determinação para as relações interpessoais e para as explicações intrapsicológicas desenvolvidas pelos trabalhadores. Em princípio, por esse entendimento teríamos que a classe media a relação da sociedade com seus membros a partir da superestrutura. Entretanto, a superestrutura oferece explicações que são verídicas e com significados sociais e sentidos individuais coerentemente articulados entre si para os mantenedores do capital, mas dificultam a apreensão e o pensamento sobre si e os seus para a classe trabalhadora. Se trataria, então de tomar a visão superestrutural divulgada como um velamento da consciência para a classe trabalhadora e que como tal promoveria consciências não ampliadas para os membros da classe trabalhadora.

Entretanto, ao considerarmos as possibilidades mostradas pela teoria psicológica Sócio-histórica de os processos psicológicos do pensamento criativo e os das alterações na consciência que o tônus emocional e a própria expressão da emoção são capazes de promover, julgamos ser necessário analisarmos as categorias marxianas que descrevem as relações necessárias entre os sujeitos da classe trabalhadora. Nosso intuito aqui é buscar as suas próprias contradições que podem indicar a forma de desenvolvimento das consciências e negar assim a tese da imutabilidade fatalista da parcialização da consciência.

2.1 A mediação em Marx

Para a compreensão de como se articula a teoria marxiana, que nos dá a base para a compreensão dos princípios teóricos que fundamentam a explicação de como o movimento do real serve como substrato material para o desenvolvimento de qualquer abstração da realidade, inclusive a da consciência de classe, precisamos partir da centralidade do trabalho, já que ele se mostra como ontologia do ser humano. Por ter a característica de ser atividade fundante do homem, é através do trabalho que se torna possível a articulação de qualquer discussão relacionada à consciência, seja ela social, de classe ou individual, já que ele fornece a atividade material real em que os homens produzem e reproduzem a sua existência. Aqui, é clara a congruência entre as

concepções marxianas e os princípios da teoria psicológica de Vigotski, já que este parte do materialismo histórico-dialético de Marx para explicar o desenvolvimento da consciência individual.

Marx (2011a) toma a categoria trabalho como criadora da atividade humana e, como já mencionamos a consciência só pode se constituir quando representa a realidade que o trabalho social total constrói. Por isso insiste em tomar como ponto de partida que: “Certamente, o trabalho, *a atividade vital*, a vida *produtiva*, aparece [...] para o homem como único meio que satisfaz uma necessidade, a de manter a existência física. A vida produtiva, entretanto, é vida genérica. É vida criando vida” (MARX, 2011a, p.116. Destaques no original).

Ser a atividade vital, que constitui a essência humana, aquela que a diferencia de outras espécies, é a caracterização dada pela atividade trabalho. Sabendo que os homens carregam as características genéricas de sua espécie, estas se apresentam em seu aspecto geral na possibilidade comum dada a todos os membros do gênero humano.

O mundo dos homens só pode ser desvelado se tomarmos como ponto de partida a concepção de que é o trabalho que faz os homens serem homens. Para tal, compreendemos que quando o homem trabalha, ele está “Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2014, p.255).

É pela força de trabalho empregada pelo homem e acionada na atividade, que torna-se possível a alteração dos diferentes elementos da realidade. Mas, o homem produz instrumentos, que servem como potencializadores da sua atividade. A particularidade do instrumento se mostra na possibilidade dele servir como ampliador e facilitador do trabalho. É por isso que quando um instrumento é interposto entre a relação do trabalho direto e a natureza ele age de modo a expandir as possibilidades do trabalho humano.

Assim sendo, cada período histórico é acompanhado de um respectivo aperfeiçoamento instrumental que lhe é próprio. Então, em cada época foram elaboradas formas de manifestação de consciência, que estavam de acordo com o incremento das forças produtivas. Assim como a consciência que se desenvolve socialmente só pode ter como sua gênese a atividade trabalho, o resultado do avanço da técnica que perfeiçoou os instrumentos de trabalho leva necessariamente à complexificação das formas de manifestação das consciências porque amplia seu controle sobre o mundo.

Tão logo as forças humanas produtivas aperfeiçoam instrumentos para transformar o mundo, o acúmulo da força de trabalho torna possível uma forma de organização mais desenvolvida. É aqui que as intrincadas implicações da atividade trabalho ganham novos contornos, que desenham a época em que estamos, resultando que: “[...] toda sociedade se deve dividir em duas classes, os *possuidores* de propriedade e os *trabalhadores* sem propriedade” (MARX, 2011a, p.110. Destaques no original).

Mas, quanto mais aperfeiçoada vai se tornando a atividade trabalho, cuja mediação fundamental é organizadora do ordenamento social, mais imbricadas e complexas se tornam as relações que propiciam o desenvolvimento do homem. Isto permite o avanço ou restrição da consciência conforme a implicação que vai acarretar para cada uma das classes fundamentais, sendo a própria divisão social do trabalho resultado consumado da mediação desta atividade.

Entretanto, a produção em larga escala, resultante do trabalho, precisa ser distribuída entre os homens. Acontece que a organização da distribuição se mostra, historicamente, como unidade reprodutora de relações desiguais postas no modo de produção. A distribuição do produto do trabalho é parte importante desta totalidade social, já que é se “o trabalho é útil para outrem, ou seja, se seu produto satisfaz necessidades alheias é algo que somente a troca pode demonstrar” (MARX, 2014, p.160). Portanto, o trabalho é a infraestrutura social pela qual torna-se possível a construção de outros elementos que se erguem sobre esta base essencial. É somente por isso que:

A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. (MARX, 1982, p. 25).

As diferentes formas determinadas de consciência social existentes se mostram sempre como mediadoras das relações de consciência desenvolvidas na classe social e, com isso, no âmbito da consciência individual. Mas, sabendo que o ponto de partida para qualquer estudo é a análise decorrente da totalidade das relações sociais entre os homens, condicionada pela organização social do trabalho, o que nos interessa com esses princípios fundantes da teoria marxiana, é que o trabalho torna possível a compreensão de qualquer relação interpsicológicas. Já que elas são dadas a partir da

base infraestrutural, e se mostram para o indivíduo como fundamento para o desenvolvimento de relações intrapsicológicas.

O capitalismo, enquanto forma específica de organização da produção e circulação de mercadorias, além de determinar a organização do trabalho que passa a mediar o ordenamento da sociedade, interfere na maneira como que os trabalhadores são socialmente organizados em sua atividade, e por isso na forma de manifestação da consciência produzida neste período histórico. O capitalismo se refere a uma forma de organização social em que:

O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a *valorização* do mundo das coisas, aumenta em razão direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção com que produz bens (MARX, 2011a, p.111. Destaques no original).

No movimento de gênese e desenvolvimento do capital, o trabalhador se torna uma mercadoria determinada pelo mais valor que produz. A sua força de trabalho tem que ser vendida em troca de um valor que corresponda à necessidade de manutenção da sua vida. Esta troca, entre quem trabalha e quem detêm os meios de produção, é o que caracteriza o trabalho assalariado. Esta é a forma dominante de organização da atividade trabalho no capitalismo. O que se torna vantajoso para aquele que compra a força de trabalho alheia é que a partir do trabalho humano vivo, potencializado pelo trabalho morto do instrumento, se produz mais valor.

Portanto, a separação entre o trabalhador e as ferramentas de trabalho se mostra como característica determinante no capitalismo, ao contrário do que aconteceu com outros modos de produção em que “Em geral, o trabalhador e seus meios de produção permaneciam colados um ao outro como o caracol e sua concha” (MARX, 2014, p.333). O capitalismo, com o acelerado desenvolvimento da tecnologia e sofisticação de técnicas de aprimoramento de trabalho, acabou por aperfeiçoar os instrumentos sociais, culminando com o desenvolvimento instrumental do trabalho morto. Aquilo que outrora poderia ser produzido pelo trabalho vivo pode, agora, ser feito a partir do trabalho morto da máquina.

Por ter se tornado um equivalente a mera mercadoria, cuja determinação é dada no cíclico e instável desenvolvimento do capital, é que a sua classe adquire certas determinações que caracterizam os trabalhadores. Os homens se desenvolvem neste

processo histórico, mas como classe, eles guardam particularidades que os diferenciam de outros homens e,

[...] com isso, eles são postos como propriedade, como o corpo social orgânico, em que os indivíduos se reproduzem como singulares, mas como singulares sociais. As condições para essa sua forma de ser na reprodução de sua vida, no seu processo vital produtivo, foram postas somente pelo próprio processo histórico e econômico; tanto as condições objetivas quanto as subjetivas, que são apenas as duas formas diferentes das mesmas condições (MARX, 2011c, p.706).

A singularidade do sujeito individual se defronta com a generalidade do trabalho humano, que organiza toda a produção da vida social. É deste confronto que a singularidade se socializa e a sociedade se individualiza na consciência humana. Toda e qualquer subjetividade só pode ser compreendida se levarmos em conta o processo de vida real, tomando o trabalho como a imagem e semelhança do mundo dos homens, que determina toda e qualquer abstração da realidade. É por isso que o movimento do real, entendido como uma história em processo, se mostra no desenvolvimento das forças de produção. O trabalho, como mediação fundamental, amplia as potencialidades da ação humanas, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de desenvolvimento das potências humanas, o trabalho também pode agir de modo contrário. É o que acontece no capitalismo, momento em que numa relação mercadológica, uma classe de homens acaba por subjugar a outra classe, a partir do momento em que subtrai os instrumentos de produção e obriga outros homens a trocarem sua força de trabalho pelo seu equivalente em dinheiro, apenas, como um meio para a potencialização do seu domínio.

As forças motrizes do capital se mostram enquanto totalidade das relações em que a produção e a circulação de mercadorias se tornam hegemônicas dentro da organização social. É aí que o trabalho, enquanto ontologia humana, mostra toda a sua complexificação. Como resultado desta relação em que o trabalhador não detém os seus instrumentos, é que surge um tipo de relação específica do capitalismo: o estranhamento. O trabalhador que produz uma mercadoria para ser posta em circulação no mercado, ao final de todo o processo cíclico de operação do capital, não mais se enxerga como parte daquele produto, mas

[...] se defronta com o trabalho como poder estranho e dominador em proporções cada vez mais poderosas. A tônica não recai sobre o *ser-objetivado*, mas sobre o *ser-estranhado*, ser-alienado, ser-venalizado [...] – o não pertencer-ao-trabalhador, mas às condições de produção personificadas,

i.e., ao capital, o enorme poder objetivado que o próprio trabalho social contrapõe a si mesmo como um de seus momentos (MARX, 2011c, p.706. Destaques no original).

O trabalho, que detém a humanidade do próprio homem, pode também fazer com que, ao contrário de desenvolver as suas potencialidades, sirva como polo oposto, em que mostra toda a impotência do trabalhador. Todo o caráter de atividade orientada frente a transformação da realidade, no capitalismo, adquire uma forma de limitação da subjetividade humana, em que a reprodução do capital serve como um verdadeiro entrave para o desenvolvimento individual. O que demonstra que a ação mediacional do trabalho, que aumenta o caráter produtivo, não implica necessariamente em um aperfeiçoamento das características subjetivas dos homens.

Esse estranhamento é uma relação característica deste modo de produção, em que o trabalhador “Não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo” (MARX, 2011a, p. 114). Toda a possibilidade de desenvolvimento humano, que se mostra na exteriorização desta atividade, encontra uma limitação material, já que:

O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. Deste modo, ele se produz a si mesmo, e o homem como *trabalhador*, como *mercadoria*, constitui o produto de todo o processo. O homem não passa de simples *trabalhador* e, como trabalhador, as suas qualidades humanas existem apenas para o capital, que é para ele *estranho*. Uma vez que o trabalho e o capital são reciprocamente estranhos, relacionando-se apenas entre si de modo externo e acidental, esse caráter estranho tem de revelar-se *na realidade* (MARX, 2011a, p.123-124. Destaques no original).

O estranhamento se mostra como o não reconhecimento do trabalhador na sua atividade produtiva. Isso porque o produto de seu trabalho não lhe pertence, já que é obrigado a vender sua força produtiva para outro que possui meios de comprá-la. Mas não apenas o estranhamento entre o trabalhador e o produto de seu trabalho aparece como resultado das sínteses da realidade objetiva tornadas subjetivas. As relações de produção no capitalismo tornam-se tão complexas que o próprio resultado do trabalho humano, outrora palpável, adquire um aspecto tão fantasmagórico, que o trabalhador reconhece a mercadoria como independente de seu trabalho. É isso que Marx destaca quando afirma que existe um caráter fetichista da mercadoria, em que

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete

também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. [...] É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. [...] Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (MARX, 2014, p.147-148).

O caráter fetichista que encobre, no plano interpsicológico, as relações reais que determinam a forma de organização do trabalho social total é um efeito caracterizador das manifestações intrapsicológicas do trabalho no capitalismo. Portanto, ao considerarmos o processo de mediação do trabalho e seu produto para o desenvolvimento da consciência, percebemos que na fetichização o produto é recoberto pelas necessidades dos homens e assim atinge a subjetividade individual, permitindo que o modelo econômico se torne também o modelo psicossocial.

É por isso que entendemos que a própria mercadoria se mostra tão cheia de determinações intermediárias que promove o velamento entre o trabalhador e aquilo que ele produz. O antagonismo inerente às relações entre capital e trabalho causam as formas com as quais se tornam possíveis compreender o desenvolvimento das diferentes consciências na sociedade. Como é verdade que a organização da sociedade determina o desenvolvimento das formas de vida subjetivas, então o estranhamento e o fetiche da mercadoria são indicadores da existência de um velamento das relações sociais nas consciências dos trabalhadores, criando uma constituição de consciências diferentes de acordo com a posição ocupada por um indivíduo no processo de produção e circulação da mercadoria.

Um dos exemplos sobre como o mediador amplia as relações existentes entre diferentes elementos se mostra na forma dinheiro, como instrumento de troca e circulação de mercadorias. O meio pelo qual ele encarna as relações entre diferentes pessoas aparece na possibilidade dele potencializar relações que não poderiam ser concebidas sem a sua existência, pois:

O dinheiro, já que possui a propriedade de tudo comprar, de se apropriar de todos os objetos, é, conseqüentemente o objeto por excelência. A universalidade de sua propriedade é a onipotência da sua natureza; considera-se portanto, como um ser onipotente... O dinheiro é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, entre a vida homem e os meios de

subsistência. Mas o que direciona à *minha* vida *direciona* da mesma forma para mim a existência de outros homens. É para mim a outra pessoa (MARX, 2011a, p.167. Destaques no original).

Mas não é só o dinheiro que se apresenta como possibilidade de ampliar relações sociais por ser um poderoso mediador. Ele também torna possível a demonstração do movimento que força relações interpsicológicas. Por isso:

Na medida em que medeia a troca das mercadorias, *i.e.*, nesse caso, medeia a sua circulação, logo, é meio de troca, o dinheiro é *instrumento da circulação, engrenagem de circulação*; porém, na medida em que, nesse processo, ele mesmo é posto a circular, gira, cumpre um movimento próprio, ele próprio tem uma circulação, circulação monetária, curso do dinheiro (MARX, 2011c, p.133. Destaques no original).

A circulação posta em movimento pelo mediador indica que determinadas relações são forçadas pela sua utilização, assim como outras podem ser escamoteadas. A duplicidade do instrumento como mediação de relação entre as pessoas indica a potência de aumentar a ação humana, da mesma forma que pode tornar impotente um dos polos desta relação.

Tendo o dinheiro instrumentalizado determinadas relações entre os homens, ele termina por encobrir algumas relações, assim como desvela outras. As contradições encerradas na mediação do dinheiro, enquanto equivalente de sínteses de trabalho humano, ainda se mostram na forma em que o duplo valor de uma mercadoria apresenta na sociedade:

É importante notar que a riqueza enquanto tal, [...], é sempre expressa na potência mais elevada no valor de troca, em que ela é posta como mediadora, como a mediação dos próprios extremos de valor de troca e valor de uso. Esse termo médio aparece sempre como a relação econômica consumada, porque ele contém as antíteses e finalmente aparece sempre como uma potência unilateral superior diante dos próprios extremos; porque o movimento, ou a relação, que originalmente aparece como mediador entre os extremos necessariamente prossegue de forma dialética até que ele aparece como mediação consigo mesmo, como o sujeito do qual os extremos são apenas momentos, extremos dos quais ele supera o pressuposto autônomo para se pôr, por meio da própria superação destes, como a única coisa autônoma. (MARX, 2011c, p.261-262).

É por isso que é pela forma dinheiro que a multiplicidade do trabalho humano é sintetizada a um valor comum, onde todas as mercadorias podem ser trocadas por outras com diversos outros valores de troca quantificáveis. O valor de uso, que é o valor que existe como resultado da utilidade de um produto para satisfazer uma

necessidade, e o valor de troca, que é o valor concebido na circulação mediada da mercadoria, são manifestações da mediação instrumental do dinheiro, e se mostram como elos intermediários que unificam as contrariedades das relações sociais. Existe uma separação, então, dos valores de uso e de troca. Mas para que algo seja transformado em mercadoria, é necessária a dupla existência do valor de uso do objeto, assim como de seu valor de troca. Ou seja, para “se tornar mercadoria, é preciso que o produto, por meio da troca, seja transferido a outrem, a quem vai servir como valor de uso” (MARX, 2014, p.119).

Surge, neste momento a necessidade de um outro elemento da mediação nesta relação que possibilita diferentes a homens que trabalham terem o produto de seu trabalho trocados por outros produtos: este é o processo de troca. Assim: “a confirmação disso está na insólita circunstância de que o valor de uso das coisas se realiza para os homens sem a troca, ou seja, na relação imediata entre a coisa e o homem, ao passo que seu valor, ao contrário, só se realiza na troca, isto é, num processo social (MARX, 2014, p.158). Esta troca força relações entre homens, fazendo com que o valor de troca, como determinação intermediária, estabeleça relações interpsicológicas, mostrando a antítese entre diferentes momentos no processo de totalidade de produção e reprodução do capital.

O processo de troca, que utiliza a forma dinheiro como mediação, quando entra no meio de circulação, passa por um duplo processo de transformação. É a fórmula que Marx traduziu em M (mercadoria) – D (dinheiro) – M (mercadoria), momento em que a intermediação do dinheiro se mostra na impessoal relação de se trocar os produtos do trabalho coletivo do homem. A mercadoria se transforma em dinheiro, e, em seguida, o dinheiro se transforma em mercadoria. É uma dupla metamorfose. É um processo único que aparece em duas operações, já que: “Trata-se de um processo bilateral: do polo do possuidor de mercadorias é venda; do polo do possuidor de dinheiro, compra. Ou, em outras palavras, venda é compra, e M-D é igual a D-M” (MARX, 2014, p.182).

A primeira metamorfose aparece no momento em que a mercadoria se troca por dinheiro, com isso todo o trabalho humano que existe enquanto valor de uso para outros homens é apagado, e uma mercadoria se equivale a qualquer outra mercadoria, tendo seu valor medido pelo seu preço no mercado.

Ele se torna dinheiro real porque as mercadorias, por meio de sua venda universal [*allseitige Veräußerung*], fazem dele sua figura de uso efetivamente alienada ou transformada e, desse modo, sua efetiva figura de valor. Em sua figura de valor, a mercadoria se despoja de todo traço de seu valor de uso natural-espontâneo e do trabalho útil particular ao qual ela deve sua origem, a fim de se crisalidar na materialidade social e uniforme do trabalho humano indiferenciado. Não se percebe no dinheiro de que qualidade é a mercadoria que foi nele transformada. Em sua forma-dinheiro, uma mercadoria tem a mesma aparência que a outra (MARX, 2014, p.183. Destaques no original).

No segundo momento do processo de metamorfose, o dinheiro se transforma em mercadoria, sendo materializada, neste momento, uma relação de compra. Marx nos mostra que no final deste processo:

Sendo o dinheiro a figura alienada de todas as outras mercadorias, ou o produto de sua venda universal, ele é a mercadoria absolutamente vendável. [...] Como a mercadoria desaparece ao se transformar em dinheiro, neste não se percebe como ele chegou às mãos de seu possuidor ou qual mercadoria foi nele transformada (MARX, 2014, p.183-184).

Por se tratar de um processo constante e ininterrupto, o segundo momento do processo sempre equivale ao primeiro momento de um novo processo, e, assim, tornando possível a reprodução deste tipo de relação mercantil. A síntese deste múltiplo processo, que encerra diversas contradições em polos antitéticos, é a razão da transformação e do desenvolvimento das relações sociais mediadas pela forma de organização social do capital.

A metamorfose só é possível, pois existem dois pólos, nesta relação, que se opõem e exigem esta mediação constantemente e que, ao final do processo, se completam. As confrontações aparecem materializadas na relação entre vendedor e comprador, onde as pessoas que assumem esses papéis alternam ambas as relações, já que toda venda é uma compra e vice-versa. Forma-se, assim, um circuito que diferencia-se, essencialmente, da troca imediata de produtos. Enquanto na troca imediata, as relações se extinguem após a troca propriamente dita, onde os produtos são trocados pelos seus valores de uso, no processo de circulação, com o intercâmbio do dinheiro, torna-se possível a superação da troca imediata. Este é grande segredo da mediação que o dinheiro torna possível através da circulação de mercadorias. Ele amplia e potencializa as limitadas relações que existiam na troca direta de produtos. Ele estende as relações entre as diversas partes envolvidas no processo de produção e distribuição de mercadorias a níveis jamais alcançados. Ele consegue sintetizar o trabalho de

centenas de pessoas a um valor comum, resumindo o trabalho acumulado em uma relação entre apenas duas pessoas: o comprador e o vendedor. Ou seja, por trás do preço da mercadoria, desaparecem todas as complexas relações existentes entre inúmeros indivíduos, para serem encobertas por um valor comum. Eis o grande segredo do principal mediador de nossas relações dentro da atual forma de organização econômica.

Não nos surpreende que dentro de sua própria atividade o trabalhador se mostre em uma relação estranhada com o produto de seu trabalho. Quanto maior o complexo de coisas que se interpõem nas relações sociais, mais difícil se torna a compreensão de suas determinações. Também não nos espanta que, ao final de todo este processo, a mercadoria se transforme em um fetiche, em que o valor de troca se mostra como possibilidade de velamento da utilidade do valor de uso. A hipertrofia do valor de troca, no capitalismo, faz com que se mascare a utilidade do valor de uso real.

É por isto que as variadas mediações, dadas no processo de produção e circulação dos resultados do trabalho humano, são marcações que indicam o emaranhado caminho das múltiplas determinações a que estão submetidos os indivíduos. Sem esta categoria explicativa do movimento real as tentativas de compreensão da realidade se tornam parcializadas. São todas essas incidências que servem como possibilidades de construção de um mundo que aparece como dado para o homem.

Os aspectos acima destacados demonstram, então, que os processos de mediação originalmente exigidos para a produção e reprodução mostram que o trabalho, detém a humanidade do próprio homem, pode também fazer com que, ao contrário de desenvolver as suas potencialidades, sirva como polo oposto, em que mostra toda a impotência do trabalhador. Todo o caráter de atividade orientada frente a transformação da realidade, no capitalismo, adquire uma forma de limitação da subjetividade humana, em que a reprodução do capital serve como um verdadeiro entrave para o desenvolvimento individual. O que demonstra que a ação mediacional do trabalho, que aumenta o caráter produtivo, não implica necessariamente em um aperfeiçoamento das características subjetivas dos homens. Mas o que fazer para superar as limitações dadas no trabalho parcializado?

2.2 A mediação em Lenin

Depois de termos considerado, a partir da teoria marxiana, a forma de organização e estruturação da sociedade; com a explicação dos múltiplos mediadores que incidem no processo de produção e reprodução do capital, retomaremos algumas das importantes considerações de Lenin. Se Marx concebeu uma teoria geral do processo de gênese e desenvolvimento do capitalismo industrial do século XIX, seria responsabilidade de outro teórico a continuação da tradição revolucionária de sua teoria, conseguindo dar uma ação revolucionária prática à concepção teórica de Marx, já que como afirma Mazzeo: “A característica fundamental do pensamento leniniano é o constante arremetimento de sua produção teórica à prática revolucionária, mesmo quando incursiona pelos grandes temas da filosofia de seu tempo” (MAZZEO, 1995, p.33).

Não por acaso, Lukács chegou a afirmar que: “Lenin é o maior pensador que o movimento revolucionário dos trabalhadores concebeu desde Marx” (LUKÁCS, 2012, p. 29). Com isso, é impossível negar a importância de Lenin para a história recente. Tentar retomar algumas de suas discussões significa se apropriar de determinado momento da história vivida do século XX. Mas o que escreveu esse importante personagem, cujo “[...] feito extraordinário [...] foi transformar essa incontrolável onda anárquica popular em poder bolchevique” (HOBBSAWN, 1995, p.67)? Ou por que, depois de sua prematura morte, milhões de pessoas se abateriam? Como escreveu Maiakóvski quando disse, sobre seu enterro, que: “Lágrimas de neve caem dos olhos avermelhados” (MAIAKÓVSKI, 2011 p.122)?

Por detrás do personagem que transformaria o século XX, está a preocupação da transformação da realidade social russa, caracterizada por um grande atraso econômico e amplas desigualdades na composição de seus diferentes setores de classe. Para a concretização de seus objetivos, se apropria das discussões da teoria marxiana como instrumento de interpretação e modificação da realidade.

Se em Marx temos, em primeiro plano, uma discussão da atividade mediadora dentro do processo de produção e reprodução da sociabilidade do desenvolvimento do capital, em Lenin temos uma clara ênfase de interpretação da teoria marxiana com vistas a transformação prática da sociedade. Em seus estudos sobre Marx, Lenin afirma que: “Se, de uma forma geral, o materialismo explica a consciência pelo ser, e não ao contrário, ele exige, quando aplicado à vida social da humanidade, que se explique a consciência *social* pelo ser *social*” (LENIN, 1986a, p. 10-11. Destaques no original).

Portanto, o ser social não pode ser outra coisa além do que o produto do desenvolvimento das forças materiais de determinado período histórico. Mas, ao mesmo tempo em que é produto, pois toma como legado aquilo que as gerações anteriores tornaram possíveis através do que produziram, é também produtor de sua própria história. Nessa concepção de indivíduo enquanto produto e produtor, aquele que recebe uma herança dos que o antecederam e aquele que deixará algum legado para os que vierem é o que se torna possível qualquer desenvolvimento da história do homem. E é isto que Lenin faz com a teoria de Marx. Se apropria de seu legado intelectual e passa a explicar a consciência do ser social através da atividade dos homens.

É com a Revolução Russa que há um exemplo prático de como poderiam decorrer as atividades derivadas de uma interpretação materialista histórico-dialética da realidade, fazendo com que a mediação da esfera política ganhasse concretude. As discussões de Lenin, que tem papel ativo nos acontecimentos que culminam com a tomada de poder pelos bolcheviques, são fundamentais para entendermos o que se passa na transformação do regime do Czar, passando pela revolução burguesa em fevereiro de 1917, até a revolução proletária, em outubro do mesmo ano.

Assim, o que se mostra em Lenin como uma discussão a respeito da mediação tem clara correspondência com o momento de crise e ruptura revolucionária da realidade russa, e com isso, devemos considerar que estudar Lenin significa se apropriar desse momento de rompimento histórico, em que a realidade faria o duro papel de impor situações que ainda não haviam sido pensadas no plano teórico e, portanto, também não elaboradas no plano prático. Assinalamos que só ganham sentido, no estudo das materialidades das relações sociais, as discussões relacionadas à mediação no momento em que se objetivam a transformação da realidade em que vivemos, já que: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo” (MARX, 2005, p.120).

Este deslocamento promovido por Lenin das interpretações de Marx para uma ação política radical fez com que a discussão das ferramentas mediadoras mudasse para o desenvolvimento de instrumentos políticos capazes de criar uma crise institucional no poder dominante. Esta crise deveria criar um instrumento de poder dos trabalhadores para se contrapor ao instrumento do dominador, culminando em uma dualidade de poderes. É por isso que: “O marxismo, depois de Lenin, não é mais a mesma coisa, porque ele incorporou um “modelo” [...] que desloca o âmago do marxismo para a

reflexão política, ou seja, para as condições concretas da ação política e da transformação política [...]” (FERNANDES, 2013, p.232).

Tendo isto em mente, destacamos que grande parte da explicitação da capacidade mediadora da atividade política de Lenin encontra-se em discussões dentro do partido, assim como em panfletos, jornais e livros. Apropriando-se da concepção materialista de Marx, também afirma a importância de se considerar os momentos intermediários que servem de transição³⁶ para outros momentos na processualidade de qualquer transformação. Por isso que: “não somente a unidade dos contrários, mas também as transições DE CADA determinação, qualidade, traço, aspecto, propriedade a cada outra (a seu contrário)” (LENIN, 2011, p.185. Destaques no original) devem ser consideradas.

A processualidade das transformações da realidade só pode ser compreendida quando um polo do desenvolvimento social antagoniza seu polo contrário, saturando as diversas contradições que a determinam. Mas para um polo transformar-se em seu contrário é necessária a compreensão de que isto só é possível através de algum elemento intermediador que potencializa esta passagem. É por isso que: “tudo está *vermittelt* = “mediado”, unido num todo, ligado por transições” (LENIN, 2011, p. 108. Destaques no original).

Sabendo que somente com o entendimento de que através de elos de transição é possível a compreensão da multiplicidade do movimento real, é que se torna possível qualquer análise dos diferentes elementos que se contrapõem na realidade.

A multiplicidade de mediadores da realidade fez com que Lenin levasse em consideração a mediação do conhecimento teórico como forma de desenvolver uma interpretação adequada da realidade. É por isso que, como núcleo duro e princípio estruturante de seu pensamento, afirma que: “Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário” (LENIN, 1986a, p.96-97). A teoria só poderia ser entendida como uma mediação instrumental necessária para a ampliação da atividade prática.

A crítica, que é inerente a teoria, deve fundamentar a análise sistematizada da realidade. Neste sentido, quando uma abstração teórica deixa de considerar a arma da crítica como ponto fundamental à compreensão das relações da totalidade social, abre

³⁶ Podemos tratar mediação e transição como sinônimos. Por exemplo, Vigotski afirma que: “Graus de amnesia – graus de atuação mediada (transição) do pensamento a palavra – graus de atuação mediada do pensamento através do significado” (VIGOTSKI, 1999b, p184).

uma ampla brecha para que se transforme em mera ideologia. Por isso, a análise leniniana sempre considerou cada situação particular, em consonância com a amplitude do movimento mais geral, para a compreensão das determinações que medeiam as relações humanas.

A categoria mediação adquiriria grande valor explicativo para as análises leninianas. Um poderoso mediador que Lenin analisa, utilizando da categoria de mediação, é a intermediação dos bancos em determinado momento do desenvolvimento do capitalismo. Assim:

A operação fundamental e inicial que os bancos realizam é a de intermediários nos pagamentos. É assim que eles convertem o capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, em capital que rende lucro; reúnem toda a espécie de rendimentos em dinheiro e colocam-nos à disposição da classe capitalista.

À medida que vão aumentando as operações bancárias e se concentram num número reduzido de estabelecimentos, os bancos convertem-se, de modestos intermediários que eram antes, em monopolistas onipotentes, que dispõem de quase todo o capital-dinheiro do conjunto dos capitalistas e pequenos patrões, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um ou de muitos países (LENIN, 1986a, p.597).

Se for verdade que a mediação é essencial para a explicação dos diferentes momentos do desenvolvimento do movimento do real, então, ela pode dar subsídios para a explicação, inclusive, de como no decorrer do final do século XIX e começo do século XX, os bancos se transformariam em elementos mediadores fundamentais nas mãos de uma classe e serviram como potencializadores para a ampliação da dominação de uma classe por sobre outra.

A forma dinheiro, que já era um instrumento de circulação de capital e que usava uma forma ainda palpável, começa a ceder lugar a um depositário cada vez mais forte. O capital-fábrica se transformaria em capital-financeiro, e a forma do movimento de capital se complexificaria através destes mediadores. A era de imperialismo, que caracterizaria uma nova fase de desenvolvimento do capitalismo, trazia em si novas formas de mediações.

A força de uma classe, com o domínio de uma mediação tão refinada, se tornaria a tragédia da classe trabalhadora. Os elementos de dominação se tornaram tão potentes que não era mais necessário um elemento visível para instrumentalizar a dominação. Quanto mais refinada esta relação, maior é o nível de abstração da realidade necessário para a sua compreensão. A elevação da consciência, como processo de análise e síntese das relações sociais, se torna mais complexa e mais difícil de ser apreendida. Já que a

realidade, como toda a construção intrincada que lhe é inerente, só pode ser compreendida com o desvelamento dos elementos mediadores pelos quais perpassam todas as relações humanas.

Como complexo de coisas que se interpõem para os indivíduos, os mediadores se mostram como instrumentos criados pelos homens de acordo com o antagonismo de seus interesses. Também na esfera política são criados e desenvolvidos estes mediadores. Utilizar a mediação como explicação dos fenômenos da realidade foi a pedra de toque da análise da realidade russa, na qual Lenin se propôs a transformar. É verdade que os homens criam instrumentos para a transformação da realidade em que vivem, de acordo com as suas necessidades históricas, portanto a criação de um instrumento de poder que conseguisse elevar e potencializar a atividade dos homens precisava ser desenvolvido. Em um momento de crise social, um instrumento mediador, como uma ferramenta política criada pelos homens em uma sociedade cindida de classes, pode servir como impulsionador de suas atividades políticas.

Os Sovietes, como instrumentos políticos de decisão de classe, foram as ferramentas pelas quais a ampliação da consciência foi potencializada. Os Sovietes agiram como potência máxima da ação da classe trabalhadora. Foram o catalizador de toda a força e energia que existiam em germe e estavam dispersas na revolta dos trabalhadores, servindo como determinação dos rumos da organização política.

É por isto que Lenin, através do trabalho de análise concreta da situação russa, sintetiza a afirmação de que: “Os Sovietes são [...] um aparelho mediante o qual a vanguarda das classes oprimidas pode elevar, educar, instruir e guiar *toda a gigantesca massa* destas classes, que até então estava completamente fora da vida política, fora da história” (LENIN, 1986b, p.340. Destaques no original). Este instrumento de mediação política foi, então, utilizado na Rússia para eliminar a impotência da classe trabalhadora, com o objetivo de transformar aquela realidade.

Vemos aqui uma discussão sobre a mediação promovida pela educação com vistas a elevação da consciência, enquanto uma ferramenta potencializa o desenvolvimento consciente com o objetivo de deixar o elemento espontaneísta e inconsciente em segundo plano.

Fundamentalmente, a grande ascensão dos Sovietes como instrumentos da classe trabalhadora de se organizar nas cidades e no campo para ganhar poder e avançar rumo à revolução se mostra como claro delineador da mediação política sobre o desenvolvimento da consciência de classe. Para tal, a prática desenvolvida por Lenin é

responsável por promover a mediação do Sovietes para a ampliação da consciência, por ser capaz de centralizar, organizar e sistematizar concepções difusas na antiga Rússia.

É por isso que além de servir como mediador político, os Sovietes ainda tinham a função de dar um caráter pedagógico no processo de instrumentalização da consciência política da classe. A crise que se instalou na Rússia foi responsável pela determinação dos elementos materiais que serviram de base para o processo de criação da solução de problemas práticos. Frente a uma necessidade posta pela história, momento no qual as grandes questões são sempre elaboradas, os homens conseguem lidar com a criação de instrumentos para encontrar as respostas colocadas pela história, objetivando a superação de determinado momento.

A mediação dos Sovietes se tornam instrumentos dos trabalhadores. E como tal: “o Soviete de deputados operários [...] expressa directamente a consciência e a vontade da maioria dos operários e camponeses”. (LENIN, 1986b, p.18). Por isso que enquanto forma de organização superior do trabalho e mediação entre a classe trabalhadora e a realidade, deveria ser o único poder capaz de alçar o proletariado rumo a uma nova sociedade.

Mas, para alcançar determinado posto, de elevação da consciência trabalhadora a sua potência máxima é necessário unir todas as diferentes frações de sua classe em um organismo que expresse, na totalidade, a sua consciência. A tarefa de ligar diferentes e contraditórios interesses fracionados, mas que podem ser expressos como uma unidade de classe frente ao seu oponente, foi um dos pilares que construiriam o edifício de poder dos conselhos de trabalhadores. Já que:

Os operários conscientes são pelo poder único dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas, camponeses e soldados, pelo poder único preparado pelo *esclarecimento* da consciência proletária e pela sua libertação da influência da burguesia, e não por meio de aventuras (LENIN, 1986b, p.19. Destaques no original).

Para Lenin, o avanço de consciência de classe é inerente a forma de organização que os membros da classe adotam. A superação da consciência em si de uma classe é dada no seu reconhecimento de interesses e motivações. É o difícil processo em que a consciência de classe se torna para si. Neste processo de reconhecimento foi necessário o posicionamento contrário ao trabalho realizado de forma isolada, parcializada e individualizada, típica daqueles organismos que não possuem a clara consciência de qual caminho deve ser trilhado em sua oposição ao

capital. Quando uma luta de classes toma o caráter de luta aberta, há de existir o trabalho que contemple a totalidade das relações sociais. Este é o trabalho coletivo consciente, que consegue ser muito maior e mais poderoso do que aquele realizado a partir da soma das diferentes partes de trabalhos individuais. Ele demonstra toda a sua manifestação ordenada e organizada.

Sem organização, feita de modo sistemático e metódico, não pode haver contraposição a um poder dominante constituído ao longo de décadas. Mas como diferentes frações, com diferentes níveis de desenvolvimento de consciência do papel de sua classe, podem ser ligadas em uma atividade que expresse seus interesses? Para tal, é necessária uma vanguarda, uma linha de frente, com que se torna possível a dureza da ação de ampliação do entendimento da realidade. Por isso, como tática da vanguarda de classe um dos meios a ser evitado:

Não são as aventuras, não são os motins, não são as resistências isoladas, não são as tentativas desesperadas de opor-se isoladamente à reacção que podem ajudar neste assunto, mas somente a clara consciência da situação, a firmeza e a resistência da vanguarda operária, a preparação das forças para uma insurreição armada, cujas condições de vitória são agora terrivelmente difíceis mas possíveis, no caso de se verificar uma coincidência nos factos e tendências assinaladas no texto da tese (LENIN, 1986b, p.127).

Não são, nem jamais podem ser, as ações isoladas que podem fazer destruir o inimigo dos trabalhadores. Dessa forma, a análise conscienciosa, que expurga qualquer traço de atividade inconsciente colocando-a em constante submissão a consciência elevada, é responsável pela atividade superior dos trabalhadores.

A vanguarda, enquanto momento mais desenvolvido da consciência de classe, se mostraria com qualidades que deveriam manifestar e servir de encarnação das maiores aspirações da humanidade, já que “as melhores vanguardas exprimem a consciência, a vontade, a paixão, a fantasia de dezenas de milhares de homens [...]” (LENIN, 1986c, p. 332).

Saber separar os momentos em que o espontaneísmo das massas se mostra incapaz de resolver as soluções da realidade e se mostra na diminuição da atividade revolucionária é momento decisivo de uma análise das correlações de força da realidade.

A dialética da luta de classes nos momentos revolucionários, cheia de contradições, que ora se mostra favorável a um lado, ora inverte toda a correlação de força entre os elementos em conflito, impõe a necessária crítica da realidade. Este papel

de juiz da situação, provém do papel esclarecido de uma vanguarda. É sua a consciência que deve fazer uma análise sistematizada de sua atividade passada e presente, com vistas a transformar o futuro da história. A autocrítica se mostra como momento necessário e indispensável para que os erros cometidos na atividade prática não sejam novamente realizados.

Os Sovietes eram no plano da organização política um reflexo da mais alta atividade consciente dos homens. Somente por isso, conseguiram se tornar um instrumento político tão poderoso, capaz de monopolizar uma parte do poder dos operários. Mas não apenas esses instrumentos necessitavam de quem os dominassem, mas de uma vanguarda consciente de trabalhadores para fazer esse trabalho.

Mas, grandes trabalhos envolvem grandes desafios. Os problemas imaginados, em teoria, jamais poderiam ter sido levados até o fim no plano ideal com todas as nuances que a realidade pode conceber. Marx pensou a crítica ao capitalismo, criando uma explicação de sua gênese e desenvolvimento a partir de suas manifestações concretas. Abstraiu o movimento de ampliação do capital e suas implicações para a classe trabalhadora. Lenin, tomando sua teoria como instrumento, tratou de dar cabo a uma prática transformadora. Mas com uma revolução, novos problemas práticos surgiriam.

A necessidade de lidar com novos problemas e a respectiva aprendizagem prática dos problemas surgidos é condição para a reestruturação da organização social, já que: “Neste duro trabalho, trabalho de *aprendizagem* prática de construção da grande produção, está a garantia de que estamos no caminho certo, a garantia de que os operários conscientes da Rússia lutam contra a desagregação e a desorganização [...]” (LENIN, 1986b, p.611. Destaques no original).

A revolução se mostrou uma grande escola educadora da classe trabalhadora. Somente ela tornou possível encontrar a saída para velhos problemas seculares que se arrastavam na atrasada Rússia. A revolução conseguiu aperfeiçoar um dos melhores instrumentos criados na história da humanidade, como forma de organização do trabalho humano: os Sovietes. Se, em 1905 eles eram apenas uma potencialidade em aberto, a crise revolucionária de 1917 tornou por fazê-lo o instrumento principal de organização dos trabalhadores frente a desorganização dos poderes instituídos na Rússia.

Mas as soluções não veem prontas, são frutos de um longo trabalho coletivo em que, muitas vezes, erros são cometidos. Por todo o longo território do antigo império

russo, os conflitos e as oposições se mantinham. As lutas encarniçadas criavam novas cenas para o drama soviético. Mas qual deveria ser o comportamento da classe, e quais as características da classe, expressa nas manifestações da consciência individual, deveriam perpassar pelos seus membros para a aprendizagem e a elevação da consciência, em um momento de crise revolucionária, para a manutenção de um órgão de classe quando a própria luta se torna aberta? Lenin responderia que: “uma disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, de nosso partido, [...] o apoio mais completo e abnegado a ele por toda a massa da classe operária, isto é, por tudo o que ela possui de pensante, de honrado, de abnegado, influente [...]” (LENIN, 1986c, p.280-281).

Os Sovietes, com sua figura férrea de revolucionários disciplinados, eram a expressão daqueles que, com suas fortes mãos, poderiam manter uma revolução. A consciência mais avançada, aquela superior, que é capaz de reorganizar a produção do trabalho na sociedade e igualar a desigual distribuição de seus produtos, era emanada dos trabalhadores em sua organização, agora fundida na própria consciência da vanguarda dos indivíduos e da classe a que pertencem.

A consciência expressa por um órgão de classe, com sua análise crítica, deve mostrar as determinações do movimento real, em que algumas perguntas são feitas:

E a primeira pergunta que se põe é esta: como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como se comprova? Como se reforça? Primeiro, pela consciência da vanguarda proletária e pela sua dedicação à revolução, pela sua firmeza, pelo seu espírito de sacrifício, pelo seu heroísmo. Segundo, pela sua capacidade de se ligar, de se aproximar e, se quiserdes, de se fundir até certo ponto com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de mais com as massas proletárias, *mas também* com as massas trabalhadoras *não proletárias*. Terceiro, pela justeza da direção política que essa vanguarda exerce, pela justeza de sua estratégia e de sua tática políticas, com a condição de que as mais amplas massas se convençam desta justeza por *experiência própria* (LENIN, 1986c, p. 281. Destaques no original).

O papel da vanguarda, enquanto a responsável por fazer a leitura crítica e a análise do real, se mostra como basilar para o funcionamento de um órgão de classe. Não apenas para compreender o movimento real, mas para ir além, conseguir saber os passos do seu inimigo de classe, neutralizando as suas ameaças e potencializando a sua ação.

Novamente, Lenin se via frente às oposições. Não era apenas a revolução, como que por uma figura milagrosa, responsável pelo reino da liberdade. O árduo trabalho era, mais do que nunca, necessário. Os acordos eram, ainda, necessários com

algumas camadas que ainda não haviam aceitado a revolução. Nem todas as frações da classe trabalhadora conseguiram atingir o mesmo nível de consciência que todos. O trabalho da vanguarda é arrastar estes elementos para o mesmo nível de desenvolvimento consciente em que estão. Afinal: “Toda a questão consiste em *saber* aplicar esta tática para *elevantar*, e não para diminuir, o nível *geral* de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado” (LENIN, 1986c, p. 317. Destaques no original).

Vigotski tendo muito bem se atentado para esta verdade e utilizaria como princípio geral de sua teoria psicológica do desenvolvimento da consciência individual, a premissa de que o “desenvolvimento vai de baixo para cima” (VIGOTSKI, 1999b, p.198). Este princípio, utilizado como fundamento de sua psicologia individual, advém do entendimento de que todos elementos existentes tem uma forma determinada de desenvolvimento e transformação, que no plano consciente pode culminar com a ampliação da compreensão da realidade.

Se existem níveis desiguais de apreensão e sistematização da realidade entre membros da classe trabalhadora, o órgão de classe tem como dever diminuir as brechas que fazem com existem desenvolvimentos de consciência desiguais, na atividade de ampliar e arrastar aqueles que não conseguem sistematizar a representação psíquica do mundo. Os Sovietes serviram para elevar a consciência de classe e, conseqüentemente, a consciência individual dos trabalhadores.

Lenin, aprendendo as leis revolucionárias desenvolvidas através de sua ação prática, não apenas por tê-las estudados em teoria, mas por vivenciado e participado de modo ativo da revolução russa, teoriza um dos melhores ensinamentos da sua experiência:

A lei fundamental da revolução [...] consiste no seguinte; para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como dantes e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver e governar como dantes. Só quando os “*de baixo*” não *querem* o que é velho e os “*de cima*” não podem como dantes, só então a revolução pode vencer.

[...] para a revolução é necessário, em primeiro lugar, que a maioria dos operários (ou pelo menos a maioria dos operários conscientes, pensantes, politicamente activos) compreenda plenamente a necessidade da revolução e esteja disposta a dar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessem uma crise governamental que arraste para a política mesmo as massas mais atrasadas [...], que enfraqueça o governo e torne possível aos revolucionários o seu rápido derrubamento (LENIN, 1986c, p. 325. Destaques no original).

Se existem duas formas desiguais de desenvolvimento de consciências na estratificação de uma sociedade de classe antagônicas, é necessário inculcar/interiorizar em sua consciência a necessidade e a possibilidade de transformar sua condição. A ampliação, o esclarecimento e clareza desta necessidade é condição inicial para almejar a mudança. Mas ela não é o ponto final, que encerra este processo. A ampliação da consciência de uma classe tem que forjar a criação de um instrumento de mudança na realidade.

Este instrumento tem que estar em condições de atender às necessidades históricas colocadas naquele período. É pela ação instrumental, que potencializa a ação de uma classe, ampliando a consciência de seus membros, é que existe a possibilidade de romper com a imobilidade posta. O instrumento criado pelos homens de uma classe, tem que ser transmitido aos membros individuais pela mediação de sua vanguarda. É somente assim, que se criam as condições necessárias para que, em um momento das cíclicas crises do desenvolvimento do capital, a atividade consciente dos homens consiga tornar toda a consciência social parte da atividade humana associada de produtores livres. É somente assim que podemos entender que a tarefa da mediação se constitui como: “A tarefa imediata da vanguarda consciente do movimento operário internacional [...] consiste em saber *levar* as amplas massas [...] para esta sua nova posição” (LENIN, 1986c, p. 331. Destaques no original).

Foi assim que a revolução russa conseguiu retomar um dos melhores instrumentos criados na história da humanidade, como forma de organização do trabalho humano: os Sovietes. Se, em 1905 eles eram apenas uma potencialidade em aberto, a crise revolucionária tornou por fazer os Sovietes o instrumento principal de organização dos trabalhadores frente a desorganização dos poderes instituídos na Rússia.

2.3 A mediação em Vigotski

Tendo em Lenin, um intérprete do materialismo histórico-dialético a partir da realidade russa, Vigotski, analisa os seus escritos em busca de orientações metodológicas para a construção do conhecimento psicológico, assim como os de Marx e Engels. Sob as influências da dialética que mostra a totalidade entre a materialidade e

a subjetividade, entende e passa a demonstrar que toda a organização psíquica, também, exige que se leve em consideração os diferentes elos intermediários que promoveram o confronto entre os elementos contraditórios da realidade e levaram a que cada etapa do desenvolvimento fosse uma síntese com novas funções e processos psíquicos.

Essas mediações servem como pedra de toque para os princípios de sua teoria, como, por exemplo, a mediação da cultura para a humanização, a mediação da linguagem para a constituição do pensamento e a mediação da práxis para o desenvolvimento da consciência. Por isso, afirma que: “O fato central de nossa psicologia é o fato da ação mediada” (VIGOTSKI, 1999b, p.188). Tal como já destacamos acima, a situação pós-revolucionária na URSS, levou-o a destacar a constituição e desenvolvimento da consciência como foco da sua pesquisa em psicologia e, seguir a proposição da mediação do outro e da atividade reflexionada, como processos fundamentais. Sabendo disso, trata de desvelar quais são mediadores responsáveis pela processualidade do desenvolvimento da consciência. Portanto, a mediação foi tratada em diversas de suas obras, fazendo com que esta categoria ampliasse a sua significação.

A complexa relação entre os diferentes elementos que compõem a realidade e a forma pela qual o homem de apropria dessas características determina o desenvolvimento da atividade humana. Deixar de lidar diretamente com os objetos, mas poder fazê-lo mesmo quando eles não estão disponíveis, se torna uma característica fundamental da apropriação dos mediadores da processualidade da consciência. Por isso, a atividade humana superior, aquela construída pelas relações interpsicológicas e que são inerentes a cada sociedade em diferentes processos históricos, pode ser entendida como possibilidade de lidar com objetos, mesmo na ausência deles.

É pela mediação de algum instrumento, que seja inerente a uma determinada etapa de desenvolvimento histórico, que se torna possível a ampliação de qualquer atividade do homem. Vigotski aceita que os instrumentos criados em cada um dos momentos particulares do desenvolvimento histórico do homem são os indicadores das diferentes etapas do desenvolvimento da humanidade. São eles que determinam as potencialidades com que cada período histórico se defronta. Em momentos de crise, a criação de novos instrumentos é condição de transformação da própria realidade histórica.

Tal como os instrumentos exteriores, práticos, que são elaborados de acordo com a maneira como as diferentes classes sociais se antagonizam no desenvolvimento social,

o psiquismo tem seu análogo: a criação de processos psicológicos interiores que, também, diferem nas etapas do avanço da história. Os instrumentos práticos, exteriores encontram seus equivalentes nos signos, cujas funções são equivalentes às dos instrumentos físicos, que serão interiorizados da realidade: “a semelhança entre o signo e a ferramenta se baseia nas suas funções mediadoras comuns a ambos. Por isto, do ponto de vista psicológico, podemos incluí-los em uma mesma categoria³⁷” (VIGOTSKY, 2012a, p.93. Tradução nossa).

Portanto, os instrumentos exteriores se transformam, pela mediação que promove a interiorização da realidade, em ferramentas internas. É assim que Vigotski explica a duplicação da realidade e a possibilidade de operarmos sobre ela:

A atividade prática do homem, portanto, se faz duplamente mediada: por um lado, está mediada pelas ferramentas no sentido literal da palavra e, por outro, está mediada por ferramentas em sentido figurado, pelas ferramentas do pensamento, pelos mediadores, com a ajuda dos quais se realizam a operação intelectual, ou seja, mediada com a ajuda das palavras³⁸ (VIGOTSKY, 2012b, p.165. Tradução nossa).

Por isso, a atividade mediadora, comporta a multi-determinação da atividade consciente superior, permitindo que um complexo de coisas, aja possibilitando a ampliação real das relações interpsicológicas, já que a representação individual da realidade pode ser compartilhada com outros homens. Assim:

Em um nível mais elevado de desenvolvimento aparecem as relações mediadas dos homens, cuja característica fundamental é o signo pelo qual se estabelece a comunicação. Por isto se entende que a forma superior de comunicação mediada pelo signo, é o produto das formas naturais de comunicação direta; estas últimas, sem dúvida, se diferenciam essencialmente desta forma de comunicação³⁹ (VIGOTSKY, 2012a, p.148. Tradução nossa).

³⁷ “la similitud entre el signo y la herramienta se basa en su función mediadora común en ambos. Por ello, y desde un punto de vista psicológico, pueden incluirse ambos en una misma categoría” (VIGOTSKY, 2012a, p.93).

³⁸ “La actividad práctica del hombre, por tanto, se hace doblemente mediada: por una parte, está mediada por las herramientas en el sentido literal de la palabra y, por otra, mediada por las herramientas en sentido figurado, por las herramientas del pensamiento, por los medios, con ayuda de los cuales se realiza la operación intelectual, o sea, mediada con ayuda de las palabras” (VIGOTSKY, 2012b, p.165).

³⁹ “En un nivel más superior del desarrollo aparecen las relaciones mediadas de los hombres, cuyo rasgo fundamental es el signo gracias al cual se establece la comunicación. De por sí se entiende que la forma superior de comunicación mediada por el signo, es el producto de las formas naturales de la comunicación directa; estas últimas, sin embargo, se diferencian esencialmente de esta forma de comunicación” (VIGOTSKY, 2012a, p.148).

No nível psicológico, a transição de processos psicológicos imediatos para processo mediados por instrumentos transforma toda a relação entre as diferentes funções psicológicas. Isso porque os instrumentos construídos ao longo da história, assim como as influências que exercem sobre o psiquismo, só tornaram-se possíveis pela relação que estabelecem com a instrumentalidade do mediador. Tal como na passagem das funções psicológicas inferiores para as superiores, quando a mediação do instrumento, potencializa determinadas relações, e impulsiona a transição entre diferentes momentos do próprio desenvolvimento humano. Por isso:

A aplicação de meios auxiliares e a etapa a atividade mediadora reconstrói pela raiz toda a operação psíquica a semelhança de como a aplicação das ferramentas modifica a atividade natural dos órgãos e amplia infinitamente o sistema de atividade das funções psíquicas. Tanto um como o outro, chamamos, em seu conjunto, com o termo de função psíquica superiora ou comportamento superior⁴⁰ (VIGOTSKY, 2012a, p.95. Tradução nossa).

Então, a própria atividade mediadora transforma a atividade psíquica do homem, assim como as ferramentas transformam a relação do homem com a natureza. Em ambos os casos, a atividade humana se potencializa em sua realização. Tanto a atenção, quanto o pensamento, a memória e a linguagem, como funções psicológicas submetidas a influência da atividade mediada, transformam a sua condição.

É por esta processualidade que a atenção, inicialmente difusa, se transforma em atenção voluntária, que controla a atividade do homem, tal como se realiza nos diferentes períodos históricos. Por isso: “[...] a atenção voluntária é um processo de atenção mediado internamente cujo processo está completamente subordinado às leis gerais do desenvolvimento cultural e da formação de formas superiores de comportamento⁴¹” (VIGOTSKY, 2012a, p.224. Tradução nossa).

Assim como a atenção, também a memória, no processo de desenvolvimento ontogenético, se transforma em memória mediada, visto que: “já explicamos em termos gerais como a memória direta, eidética, natural, passa a ser mediada, cultural,

⁴⁰ “La aplicación de medios auxiliares y el paso a la actividad mediadora reconstruye de raíz toda la operación psíquica a semejanza de cómo la aplicación de las herramientas modifica la actividad natural de los órganos y amplia infinitamente el sistema de actividad de las funciones psíquicas. Tanto a lo uno como a lo otro, lo denominamos, en su conjunto, con el término de función psíquica superior o conducta superior” (VIGOTSKY, 2012a, p.95).

⁴¹ “[...] la atención voluntaria es un proceso de atención mediada arraigada interiormente y que el propio proceso está enteramente supereditado a las leyes generales del desarrollo cultural y de la formación de formas superiores de conducta” (VIGOTSKY, 2012a, p.224).

mnemotécnica⁴²” (VIGOTSKY, 2012b, p.136. Tradução nossa). A atividade de desenvolvimento das funções psicológicas naturais em desempenho mediado, superior, tem seu marco com a entrada da criança na escola e com o progressivo domínio de suas atividades psicológicas a partir da intervenção da cultura. Por isso, este controle sobre os processos psicológicos, que se dá pelo domínio de determinado mediador cultural, acontece de forma que todas as funções se desenvolvam. É esta particularidade do desenvolvimento psicológico que implica em que

O domínio de um instrumento psicológico e, por seu intermédio, da correspondente função psíquica natural, eleva esta última a um nível superior, aumenta e amplia a sua atividade e recria sua estrutura e seu mecanismo. Os processos psíquicos naturais não são eliminados com isso, mas entram em combinação com o ato instrumental e dependem funcionalmente, em sua estrutura, do instrumento utilizado (VIGOTSKI, 1999b, p.100)

Assim sendo, as funções psicológicas inferiores passam a ser mediadas e com isso ganham a possibilidade de se apropriar e transformar a realidade social, artificial, de uma forma mais ampla. Isto só é possível porque desde o nascimento da criança os instrumentos estão disponíveis para que ela se aproprie e os interiorize durante o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. É por isso que desde seu início, “o primeiro contato da criança com a realidade (incluído quando cumpre as funções biológicas mais elementares) está mediado socialmente⁴³” (VIGOTSKY, 2012b, p.285. Tradução nossa).

Mas, um dos mais importantes mediadores das relações humanas é a linguagem falada, que tem na palavra o mediador fundamental para o estabelecimento das relações humanas. Tão logo o desenvolvimento das palavras consegue transforma-las em signos, dá-se a mudança de todas as relações entre as funções psicológicas, já que

[...] todas as funções psíquicas superiores têm como traço comum o fato de serem processos mediatos, melhor dizendo, de incorporarem à sua estrutura, como parte central de todo o processo, o emprego de signos como meio fundamental de orientação e domínio nos processos psíquicos. No processo de formação dos conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, toma-se seu símbolo (VIGOTSKI, 2010, p.162).

⁴² “ya hemos aclarado en rasgos generales cómo la memoria directa, eidética, natural, pasa a ser mediada, cultural, mnemotécnica” (VIGOTSKY, 2012b, p.136).

⁴³ “el primer contacto del niño con la realidad (incluso cuando cumple las funciones biológicas más elementales) esta socialmente mediado” (VIGOTSKY, 2012b, p.285).

Ou seja, pelo papel mediador que as palavras da língua materna desempenham no estabelecimento das relações entre os objetos e seus nomes, as palavras acabam por desenvolver seu aspecto semântico, amplia seu significado.

Assim, a linguagem se organiza para tornar a linguagem em pensamento; uma função psicológica, permeada pela mediação social do signo. Essa complexificação da atividade psíquica torna a representação mais ampla, dando a possibilidade de construção e representação da realidade exterior na consciência individual. Por isso a atividade sócio da palavra medeia a processualidade do mundo dos homens em sua consciência. Os significados das palavras, construídos nas relações interpsicológicas, se transformam em atividade intrapsicológica, através da mediação. Por isso:

O pensamento não é só externamente mediado por signos como internamente mediado por significados. Acontece que a comunicação imediata entre consciências não é impossível só fisicamente mas também psicologicamente. Isto só pode ser atingido por via indireta, por via mediata. Essa via é uma mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e depois pelas palavras. Por isso o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras. O significado medeia o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado (VIGOTSKI, 2010, p.479).

Cada mediador, interiorizado a partir de uma função exterior, potencializa a compreensão do mundo, por organizar e sistematizar o ordenamento das relações de seus diferentes elementos. Mas, não encontra um limite apenas na forma de pensar a realidade. O seu papel é de ir além, de servir como orientador da atividade prática do indivíduo na realidade. A ação humana está intrinsecamente ligada a forma como a mediação é feita a partir da instrumentalidade dos objetos exteriores, convertidos em interiores. Tudo aquilo que existe como efetividade no pensamento pode ser confrontado com as possibilidades objetivas e se transformar em materialização real.

Mas o longo caminho do pensamento passa pela mediação da multiplicidade de signos para a materialização da palavra falada. Portanto, “*O pensamento é um processo interno mediado. <É o caminho de um desejo vago até a expressão mediada através do significado, ou melhor dizendo, não até a expressão, mas até o aperfeiçoamento do pensamento na palavra.>*” (VIGOTSKI, 1999b, p. 182. Destaques no original). Em sociedades com maior grau de complexificação, também a forma da mediação se aperfeiçoa. Esse é o caso de quando se lida com conceitos altamente elaborados e elevados, ou seja, que tem de “tem como peculiaridade ser mediada por outro conceito e incorporar, simultaneamente com a relação com o objeto, também a relação com outro

conceito, isto é, incorporar os elementos primários do sistema de conceitos” (VIGOTSKI, 2010, p.293).

O próprio mediador se torna mediador do mediador. A mediação de um conceito se transforma em elo intermediário para a compreensão de um conceito mais desenvolvido. É assim, também, que se relacionam os diferentes sistemas que se organizam a partir dos conceitos resultantes da atividade de abstração e generalização dos homens. Assim, “com o sistema surgem as relações dos conceitos entre si, a relação imediata dos conceitos com os objetos através de suas relações com outros conceitos, surge outra relação dos conceitos com o objeto: nos conceitos tornam-se possíveis vínculos supra-empíricos” (VIGOTSKI, 2010, p.379).

Conseguir dominar o mediador central dentro desta cadeia de elos de diferentes elementos mediadores significa elevar o entendimento das relações entre os diversos momentos que compreendem a particularidade de qualquer situação. Por isso:

Os conceitos científicos - com sua relação inteiramente distinta com o objeto mediados por outros conceitos - com seu sistema hierárquico interior de inter-relações são o campo em que a tomada de consciência dos conceitos, ou melhor, a sua generalização e a sua apreensão parecem surgir antes de qualquer coisa. Assim surgida em um campo do pensamento, a nova estrutura da generalização, como qualquer estrutura, é posteriormente transferida como um princípio de atividade [...] (VIGOTSKI, 2010, p. 290).

É somente pela complexificação cada vez maior das relações sociais, e com a criação de elementos mediadores cada vez mais refinados, que os signos conseguiram se tornar mediadores tão importantes. É por isso que uma das teses que defende Vigotski é a de que:

O emprego dos signos, em nosso entender, deve ser incluído na atividade mediadora, já que o homem influi sobre o comportamento através dos signos, ou em outras palavras, estímulos, permitindo que ajam de acordo com sua natureza psicológica. Tanto em um caso, como no outro, a função mediadora passa ao primeiro plano⁴⁴ (VIGOTSKY, 2012a, p.94. Tradução nossa).

Os signos ampliam a atividade mediadora e potencializam a compreensão do mundo pelos homens, assim como orientam a sua atividade prática na realidade. Por isso: “[...] a base estrutural das formas culturais de comportamento é a atividade

⁴⁴ “El empleo de los signos, a nuestro entender, debe incluirse también en la actividad mediadora, ya que el hombre influye sobre la conducta através de los signos, o dicho de otro modo, estímulos, permitiendo que actúen de acuerdo con su naturaleza psicológica. Tanto en un caso, como en el otro, la función mediadora pasa a primer plano” (VIGOTSKY, 2012a, p.94).

mediadora, a utilização de signos externos como um meio para o posterior desenvolvimento do comportamento⁴⁵” (VIGOTSKY, 2012a, p.153. Tradução nossa).

Esta atividade sgnica se torna a base das diferentes formas culturais, criadas pela atividade humana.  através do signo que o pensamento em conceitos da a possibilidade de descobrir “o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social⁴⁶” (VYGOTSKI, 2012b, p. 64. Tradução nossa). Com a apropriação de conceitos se abre uma possibilidade maior de entendimento das diferentes relações existentes entre os objetos da realidade.

O domínio que cada indivíduo tem de determinado conceito tem importância essencial, pois é:

[...] um recurso fundamental de sistematização e conhecimento da realidade exterior , também, um meio fundamental para compreender como se assimila adequadamente a experiência social historicamente formada da humanidade. O adolescente sistematiza e conhece pela primeira vez a grandeza da consciência social apenas em conceitos. Humboldt tem toda a razão quando diz que pensar verbalmente significa juntar o pensamento individual com o social. O pensamento atinge a sua plena socialização quando forma os conceitos⁴⁷ (VYGOTSKI, 2012b, p. 72. Tradução nossa).

Vygotski entra na discussão necessária entre a consciência, aquela que é, eminentemente, social; e a autoconsciência, formada como síntese do longo processo de desenvolvimento do social para o individual. Assim: “Sua autoconsciência [...] apenas na idade de transição, junto com a formação de conceitos, é quando avança de forma decisiva no caminho da autocompreensão, do desenvolvimento e estruturação da conscincia⁴⁸” (VYGOTSKI, 2012b, p. 72. Tradução nossa). Dessa forma: “A autoconsciência se adquire somente através do desenvolvimento, não é inerente à

⁴⁵ “[...] la base estructural de las formas culturales del comportamiento es la actividad mediadora, la utilización de signos externos como medio para el desarrollo ulterior de la conducta” (VIGOTSKY, 2012a, p.153).

⁴⁶ “el mundo de la conciencia social objetiva, el mundo de la ideología social” (VYGOTSKI, 2012b, p. 64).

⁴⁷ “[...] un recurso fundamental de sistematización y conocimiento de la realidad exterior es, asimismo, un medio fundamental para comprender cómo se asimila adecuadamente la experiencia social de la humanidad históricamente formada. El adolescente sistematiza y conoce por primera vez el mundo de la conciencia social tan sólo en conceptos. Humboldt tiene toda la razón cuando dice que pensar verbalmente significa juntar el pensamiento individual con el social. El pensamiento alcanza su plena socialización cuando forma los conceptos” (VYGOTSKI, 2012b, p. 72).

⁴⁸ “Su autoconciencia [...] sólo en la edad de transición, junto con la formación de conceptos, es cuando avanza decisivamente por el camino de la autocomprensión, del desarrollo y estructuración de la conscincia” (VYGOTSKI, 2012b, p. 72).

consciência⁴⁹” (VYGOTSKI, 2012d, p. 73. Tradução nossa). É pelo processo de desenvolvimento da consciência em autoconsciência que as complexas relações, inicialmente, intersíquicas se transformam em intrapsíquica, em uma relação mediação na complexidade do mundo.

⁴⁹ “La autoconciencia se adquiere sólo mediante el desarrollo, no es algo inherente a la conciencia” (VYGOTSKI, 2012d, p. 73).

3. O PENSAMENTO CRIATIVO

“O pensamento foge da folha meio rabiscada. Que desgraças inomináveis e vergonhosas nos chegarão amanhã?” (RAMOS, 1977, p.34).

A criação de instrumentos para a transformação da realidade é uma característica humana, que depende da apropriação da cultura. Isso porque um instrumento é exigido sempre que nos deparamos com as dificuldades de transformar algum aspecto da realidade para atender a alguma necessidade nossa, em decorrência do nosso corpo e ou do nosso psiquismo. Nessas condições, para vencermos as resistências do meio temos que potencializar aquilo que nos torna frágeis frente a sociedade. Essa é a função fundamental do instrumento, que pode potencializar o pensamento e a reflexão a partir do movimento do real oferecendo a possibilidade de imaginar, no plano ideal, a organização dos diferentes elementos que compõem a totalidade da realidade, operando-os de forma a construir soluções novas. Este é o processo que chamamos de pensamento criativo.

Aqui temos que fazer a distinção entre as funções desempenhadas nos dois tipos principais de pensamentos: o reprodutivo e o criativo. Ambos são processos voltados para a solução de problemas, mas, a diferenciação entre ambos é calcada na direção do movimento que existe entre os processos de pensamento produtivos e reprodutivos.

Os processos do pensamento reprodutivo são aqueles responsáveis por criar hábitos individuais e tornam-se os meios pelos quais a singularidade individual tem contato com os processos sociais mais gerais, permitindo assim que o passado permaneça no desenvolvimento da sociedade e garanta a continuidade de uma visão de mundo ou de um modo de produção da vida. Portanto, dentre as funções dos processos psicológicos está a de direcionar a atividade individual de acordo com as normas e comportamentos que já estão interiorizados e cristalizados na memória consciente. Basicamente, servem como mecanismos de conservação de experiências das gerações anteriores, o que significa a apropriação e a mera reprodução da cultura. Nestas condições temos o estabelecimento das tradições e crenças.

A expressão desses processos tal como conservados na memória se mostra na atividade, que assim, indica o pensamento que elabora nesses movimentos planos, que

exigem instrumentos, os quais podem até ser avançados, mas estabelecem objetivos que garantem um processo reprodutivista. Um movimento que mostra como a relação entre a generalidade e a singularidade individual articula um modo para preservar e reproduzir o já estabelecido, apoiando-se em instrumentos inovadores e, assim, demonstra-se a complexidade das relações sociais.

A relação entre o indivíduo e a realidade é parte deste complexo em que diferentes meios se interpõem nas relações. Por isso, outrora Marx nos disse que a mediação é interposta por: “um complexo de coisas” (MARX, 2014, p.256). Essas relações entre diferentes complexos expressam o fato que a complexidade singular se mostra na sua relação com a complexidade mais geral. Mas estas diferentes complexidades se revelam nas particularidades das mediações existentes entre esses complexos. Por isso, a linguagem social pode ser a mediadora da comunicação entre duas pessoas, entre várias pessoas e, ainda, a intermediária para o diálogo interior, quando a consciência utiliza os outros sociais interiorizados para conversarem analisando um determinado aspecto da realidade. Esse último modo de mediação de um instrumento sócio-histórico, interiorizado e memorizado é denominado de pensamento.

Essa é a função psíquica superior mais tardiamente desenvolvida e vimos acima que, pode ser reduzida a apenas operações de imitação na utilização de práticas sociais consagradas em um grupo. Porém, quando seu desenvolvimento permite que ela utilize mediadores avançados como a linguagem conceitual, seus resultados podem ser inéditos e os problemas que apreende e as soluções que produz são criativas.

A capacidade de criar torna-se presente no pensamento pela mediação da linguagem e da atividade. Aqui devemos frisar que este conceito se refere a gerar uma criatura e por isso, produzir para dar um ser, portanto, é o processo de inventar para dar a existência. Essa é a ação de fazer nascer e depende de sermos capazes de interpretar as condições históricas existentes e, então, depende da educação, faz renascer em um o que foi realizado por todos os que nos antecederam.

É assim que verificamos como os diferentes planos que perpassam a totalidade se manifestam na relação entre a linguagem externa do indivíduo, aquele que ele materializa em sua fala, e em sua linguagem interna. É por isto que “A linguagem interior é uma linguagem para si. A linguagem exterior é uma linguagem para os outros” (VIGOTSKI, 2010, p. 425). A linguagem interna verbalizada, característica desenvolvida da autoconsciência, é o cume deste processo no indivíduo uma vez que

representa a atividade da linguagem orientada pela técnica social: os tipos de pensamento. Assim, o pensamento é também sempre um destes complexos, já que:

O próprio pensamento não nasce de outro pensamento mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último porquê na análise do pensamento (VIGOTSKI, 2010, p. 479).

Nesse aspecto fica demonstrado que o processo que engendra e mostra as determinações do pensamento individual é mediado pelas relações sociais. Ou seja, o pensamento é social porque depende das condições sociais e históricas para ser originado, instrumentalizado, desenvolvido e reconhecer o resultado a que chegar como o produto que necessitava. Aquilo que se se mostra como motivação e emoção individual não são unicamente uma manifestação da essência de uma individualidade singular, apesar de perpassarem pelo indivíduo. Por isso, como forma de compreensão das complexas determinações que sintetizam a sociedade, com todos os seus movimentos e as suas contradições, a mediação das relações entre diferentes indivíduos, como pertencentes a grupos e uma determinada classe social, se mostra como determinação essencial para as diferentes motivações e emoções do sujeito.

Assim entendido, o pensamento criativo, tem origem nas necessidades da classe social que determina as necessidades e as emoções do pensador, já que são elas que iniciam e dirigem a atividade humana rumo a um objetivo complexo. Por isso, só podemos compreender o movimento do pensamento como, necessariamente, uma animação que é precedida e determinada pelo movimento anterior das relações materiais que antecederam o indivíduo. São necessidades e suas expressões materiais que dão a base para que se possa construir no plano ideal (ou ideativo) a autoconsciência das relações sociais. Então, daí decorre uma base para que a necessidade comum se mostre como necessidade individual e as soluções criadas para elas possam se tornar recursos para todos. Então, o pensamento criativo deriva da classe, mas a supera porque o pensamento abstrato do indivíduo pode apreender as necessidades como de todos e utilizar os instrumentos já criados por vários para sintetiza-los em uma nova solução, para quem precisar dela.

É por isso que é necessária a utilização de um instrumento mediador que marca a interiorização das relações sociais como a passagem das condições sociais expressas no

indivíduo pela mediação da sua classe para uma condição social geral, mediada pela cultura geral, expressa como a consciência social. Esta mediação é feita por diversos aspectos, já mencionados, mas sendo fiéis à teoria, vamos detalhá-la tal como acontece através da linguagem falada, que mostra os significados mais gerais para uma sociedade, mas ganha especificidades na vida da classe social e se particulariza em um indivíduo. É por isso que: “Isto só pode ser atingido por via indireta, por via mediata. Essa via é uma mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e depois pelas palavras” (VIGOTSKI, 2010, p.479).

A possibilidade significativa, a capacidade de algo ser o sinal de outra coisa, depende da experiência e da função das coisas em cada grupo social. Porém, dado o significado ele se torna um mediador e na forma de palavra e de linguagem falada serve de mediação para fazer manifestar as potencialidades que levam um indivíduo a se apropriar dos elementos construídos pelas gerações anteriores. Toda a palavra, que serve como base para o movimento do pensamento desenvolvido, tem por sua gênese uma atividade social. Por isso, a “palavra não esteve no princípio. No princípio esteve a ação. A palavra constitui antes o fim que o princípio do desenvolvimento. A palavra é o fim que coroa a ação” (VIGOTSKI, 2010, p.485).

O pensamento verbal complexo antecipa as possibilidades da atividade do homem, aumentando a probabilidade de que a sua prática direcione a sua atividade rumo aos seus objetivos imaginados. O amplo desenvolvimento da consciência depende do movimento do pensamento que, por sua vez, se mostra determinado pela ação do indivíduo. A maneira com que ele interioriza, avalia e objetiva cada ação particular dá a possibilidade de êxito em suas atividades posteriores e, também assim o pensamento criativo se manifesta.

É por isso que o movimento do pensamento é potencializador da atividade criativa do indivíduo, e é por isso que o pensamento verbalizado serve de base para a consciência do indivíduo, já que “o pensamento constrói de forma abstrata sem o visual-direto⁵⁰” (VYGOSKI, 2012b, p.218. Tradução nossa). Graciliano Ramos, em suas Memórias do Cárcere, conseguiu compreender este caráter de movimento quando diz que “O pensamento foge da folha meio rabiscada. Que desgraças inomináveis e vergonhosas nos chegarão amanhã?” (RAMOS, 1977, p.34). O movimento ideal, do pensamento, está completamente articulado com o movimento externo. O que se justifica porque a sociedade precede o indivíduo que, por sua vez, transforma a

⁵⁰ “El pensamiento construye de forma abstracta sin lo visual-directo” (VYGOSKI, 2012b, p.218).

realidade. Ao longo deste processo o indivíduo também promove a transformação social, mas não da mesma forma como aquela intervém nele.

Aparentemente a sua ação é marcada pela sua limitação individual, ao passo que a organização da sociedade é maior e mais poderosa do que a do indivíduo. O que leva a conclusão que em sociedades de classes, a classe que domina é também a classe que possui os instrumentos para transformar e moldar o indivíduo a sua imagem e semelhança. Entretanto, a relação entre o sujeito e a realidade não se resume as possibilidades dadas pelas relações políticas e econômicas, essas relações interpsicológicas dependem, também, das relações intrapsicológicas e, então a mediação necessária demonstra que as classes não subordinam todas as condições de constituição dos indivíduos.

A mediação da palavra, e sua respectiva interiorização, serve como mediação semiótica para a estruturação da consciência humana. Isso quer dizer que a palavra cumpre uma dupla função: servir como mediador das relações interpsicológicas; assim como ser mediação das relações intrapsicológicas. Portanto, ela é meio pelo qual se ligam a singularidade individual e a generalidade social. Mas existe uma diferenciação com relação a função no que se refere a linguagem externa e a interna. Apesar de ambas utilizarem a palavra como meio de sua realização, cumprem funções psíquicas diferentes.

É por isso que a mediação externa de um instrumento, que visa a transformar a realidade externa e servir como um orientador do comportamento, é em sua essência diferente dos signos e símbolos criados para a transformação do mundo interno:

A diferença mais essencial entre instrumento e signo [...] consiste na diferente maneira com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio de atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. Essas atividades são tão diferentes uma da outra, que a natureza dos meios por elas utilizados não pode ser a mesma (VIGOTSKI, 1991, p. 62).

O signo, que inicialmente marca a fala externa, é interiorizado e transformado em pensamento verbalizado. O que marca e serve como caracterização da fala externa, voltada para as relações interpsicológicas, é que a sua função primordial é a de servir como veículo de comunicação de diferentes pessoas. Mas ela passa por diferentes

momentos: inicialmente se mostra como possibilidade de nomear um objeto isolado, passando, então, por um caráter mais complexo em que pode demonstrar as diferentes relações de distintos objetos. Este primeiro momento da fala externa, de nomear um objeto, mostra o caráter fásico da palavra. O segundo momento, aquele em que se torna possível demonstrar as diferenças entre uma palavra, dentro uma oração, mostra seu caráter semiótico. É o que Vigotski afirma quando diz que: “A primeira palavra é uma palavra fásica, a semiótica, em contrapartida, é uma oração. A evolução é assim: a *fásica*, da palavra isolada à oração, à oração subordinada; a semiótica, da oração ao nome” (VIGOTSKI, 1999b, p.180).

Mas o domínio, inicialmente de uma palavra e depois de um conjunto complexo de palavras em que existe a subordinação de diferentes relações em uma mesma frase, tem um objetivo específico: a sua finalidade é tornar possível a comunicação entre o indivíduo e os diferentes grupos do qual faz parte. Isso possibilita as diferentes relações interpsicológicas. Mas estes aspectos fásicos e semióticos não são coincidentes com o pensamento do indivíduo, já que “O pensamento que uma pessoa quer expressar não apenas não coincide com o aspecto fásico da fala, mas tampouco com o semiótico” (VIGOTSKI, 1999b, p.182)

A relação semiótica possibilitada pela palavra, que serve de organização estrutural da consciência individual, é o meio pelo qual complexas relações interpsicológicas podem ser transmitidas por diferentes indivíduos.

Tão logo elas são compartilhadas por grupos de pessoas, que ainda servem como mediadores de diferentes momentos entre o indivíduo e sua classe social, essas relações interpsicológicas adquirem a potencialidade de agirem como transformadores do pensamento individual. É por isso que com relação a função interna da linguagem, podemos dizer que ela serve como uma ferramenta para a criação e a transformação do mundo interior do homem. Por isso, apresenta como característica: “A fala interina é abstrata em dois aspectos: a) é abstrata em relação a toda fala sonora, ou seja, reproduz apenas seus traços semantizados [...] e b) é agramática ; nela qualquer palavra é predicativa” (VIGOTSKI, 1999b, p.183).

Se por um lado as relações sociais interpsicológicas podem ser interiorizadas e transformadas em relações entre o indivíduo e si mesmo, por outro, existe um processo que age de maneira oposta: aquilo que serve como organização intrapsicológica tende a se objetivar através da exteriorização daquelas tendências que outrora foram

interiorizadas. Entre a complexidade do processo de interiorização e o de exteriorização existe, como meio particularizado, a reflexão interna do indivíduo.

Isto só se torna possível porque cada palavra carrega consigo significados sociais gerais, que refletem as contradições entre as diferentes classes de determinado período histórico. A luta pelo significado das palavras é uma luta pela determinação do campo semiótico, já que cada símbolo e cada signo estão saturados das relações sociais que o originaram. A disputa pelos significados das palavras é uma disputa pela determinação hegemônica de como deverão estar disponíveis as diferentes interpretações de mundo. É justamente por este motivo que: “do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento” (VIGOTSKI, 2010, p.398).

E essa formação de conceitos requer atos de pensamento inteiramente diversos, vinculados ao livre movimento no sistema de conceitos, à generalização de generalizações antes constituídas, a uma operação mais consciente e mais arbitrária com conceitos anteriores.

O tônus emocional do indivíduo é afetado pelo significado das palavras. Por isso a palavra carrega relações sociais complexas que se mostram como determinantes do pensamento individual. Este processo é um dos meios pelo qual a sociedade interfere diretamente no desenvolvimento individual. Por ser local de oposição entre diferentes interesses, a relação entre o pensamento individual e a palavra, carregada de significados sociais, mostra o complexo movimento e as diferentes determinações existentes entre o indivíduo e a sociedade. Por isso:

[...] a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento. [...] O pensamento não se exprime na palavra mas nela se realiza. Por isto, seria possível falar de formação (unidade do ser e do não-ser) do pensamento na palavra. Todo pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas. Todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa. Esse fluxo de pensamento se realiza como movimento interno, através de uma série de planos, como uma transição do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento (VIGOTSKI, 2010, p.409-410).

Em sociedades cindidas em classes sociais opostas, a luta pelos diferentes significados se mostra como uma luta pela dominação hegemônica de uma classe que precisa dominar por todos os meios seus subordinados. A luta pelo domínio dos

instrumentos que fazem a mediação é manifestação da luta classes, já que ela se mostra em todos os domínios de sociedades divididas. Esta luta que existe na sociedade se mostra em diversos planos. Por isso, devemos levar em consideração que “um conceito expresso por uma palavra representa uma generalização. Mas os significados das palavras evoluem” (VIGOTSKI, 2010, p. 246).

Mas, a relação entre a palavra exterior e a interiorização da palavra no pensamento não é mecânica, tampouco se mostra como determinismo fatalista, já que ao mesmo tempo em que o pensamento interiorizado serve como mantenedor e reproduzidor de relações sociais interiorizadas, pode servir ao seu polo oposto. O pensamento interior do indivíduo não é um mero espelho que reflete de forma mecânica a realidade, “Por sua estrutura, a linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, razão por que não pode esperar que o pensamento seja uma veste pronta” (VIGOTSKI, 2010, p. 412).

O pensamento verbalizado dá uma possibilidade de se fazer a reflexão por sobre a realidade. O reflexo foi por muito tempo entendido como uma ação reflexiva mecânica, mas a tradição do pensamento ocidental mostra que a reflexão, ou seja, o pensamento verbalizado que estrutura a consciência e dá sentido a realidade é uma característica humana. Não pode ser mero um mecanicismo estéril entendido como a ação e reação de um indivíduo em seu ambiente, mas a complexa reflexão generalizada da realidade que está inserido.

Por isso, como contrário do pensamento reproduzidor, o pensamento criador, que é o ato de criação, possibilita formar novos hábitos nos indivíduos. É esta característica humana de criar, que existe para sanar as necessidades inerentes a frágil e complexa condição de vida dos humanos frente à sociedade, que inventa uma vida que depende de novos instrumentos. A criação destes possibilita interferir e transformar a realidade tal como ela se mostra. É por isso que

O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também é o órgão que combina, transforma e cria a partir de elementos desta experiência anterior as novas ideias e o novo comportamento. Se a atividade do homem se limitasse à reprodução do antigo, seria um ser voltado apenas para o passado e saberia adaptar-se ao futuro apenas na medida em que reproduzisse o passado. É precisamente a atividade criadora do homem que o faz um ser projetado para o futuro, um

ser que cria e transforma o seu presente⁵¹ (VIGOTSKY, 2004, p.6. Tradução nossa).

Como fundamento da atividade criadora está a imaginação humana. Tudo aquilo que existe a partir das relações sociais são criações dos próprios homens que, nos diferentes momentos históricos, travaram relações que permitiram a análise do mundo em que viviam e se propuseram a transformar a realidade que os desfavorecia. Diante dos problemas existentes, criaram as possibilidades de suas superações, mas para isso acontecer devemos levar em conta que os indivíduos saibam, conscientemente, o que as necessidades históricas exigem deles. O pensamento criativo, como uma potencialidade da consciência, dá a possibilidade de se separar os diferentes elementos reais, criar uma imagem mental deles e a possibilidade de utilização, no plano ideal, de suas manifestações.

É isto que o mais amplo desenvolvimento consciente possibilita para o processo de desenvolvimento individual. Mas o processo de criação implica alguns pressupostos. Um deles é a existência de instrumentos com os quais as pessoas possam criar e desenvolver algo novo. Aqui, também a criação foi condicionada à situação de hegemonia da classe a que os indivíduos pertencem e entendeu-se que era por isso que existiria

[...] também a distribuição desproporcional de inovadores e criadores nas diferentes classes. As classes privilegiadas fornecem uma percentagem infinitamente maior de criadores científicos, técnicos e artísticas, porque precisamente nestas classes estão presentes todas as condições que são necessárias para a criação⁵² (VIGOTSKY, 2004, p.26. Tradução nossa).

Sabendo que organizar as formas sociais e instrumentalizar os diferentes grupos que existem também é uma forma de manifestar a criação das diferentes classes, já que a burguesia criou um mundo, com todas as suas mediações, à sua imagem, é necessário entender que é possível não apenas ela, mas os trabalhadores criarem um mundo a sua imagem e semelhança.

⁵¹ “El cerebro no solo es el órgano que conserva y reproduce nuestra experiencia anterior, sino que también es el órgano que combina, transforma y crea a partir de los elementos de esa experiencia anterior las nuevas ideas y la nueva conducta. Si la actividad del hombre se limitara a la reproducción de lo viejo, sería un ser volcado solo al pasado y sabría adaptarse al futuro únicamente en la medida en que reprodujera ese pasado. Es precisamente la actividad creadora del hombre la que hace de él un ser proyectado hacia el futuro, un ser que crea y transforma su presente” (VIGOTSKY, 2004, p.6).

⁵² “[...] también la distribución desproporcional de los innovadores y creadores en las diferentes clases. Las clases privilegiadas brindan un porcentaje infinitamente mayor de innovadores científicos, técnicos y creadores artísticos, porque precisamente en estas clases están presentes todas las condiciones que son necesarias para la creación” (VIGOTSKY, 2004, p.26).

O pensamento criador é aquele que consegue elaborar no plano ideativo as diferentes demandas e necessidades impostas pela situação histórica. Este tipo de pensamento consegue se elevar a uma altura que sintetiza os diferentes problemas e que elabora meios pelos quais os problemas podem ser solucionados. Por isso o ponto alto desta elevação é elaboração de conceitos que explicam as relações que existem na realidade: “conceito superior pressupõe, simultaneamente, uma sistematização hierárquica até dos conceitos inferiores àquele conceito e a ele subordinados com os quais ele torna a vincular-se através de um sistema de relações inteiramente determinado” (VIGOTSKI, 2010, p.294). O pensamento criativo vai muito além daquele pensamento reprodutor, que se satisfaz em apenas repetir as soluções já postas anteriormente. Lidar com a possibilidade de elevação no plano ideativo significa pensar a reorganização dos elementos da realidade, imaginando formas concretas de se criar instrumentos eficazes para a transformação da realidade. A importância deste tipo de pensamento é grandiosa, já que “a tomada de consciência dos conceitos se realiza através da formação de um sistema de conceitos, baseado em determinadas relações recíprocas de generalidade, e que tal tomada de consciência dos conceitos os torna arbitrários” (VIGOTSKI, 2010, p.295).

Mas nem tudo se resume a um pensamento criador. Aquilo que existe na cabeça das pessoas só está lá porque reflete condições materiais e relações sociais reais, mostrando a necessidade histórica de criação do novo. Portanto, o trabalho coletivo anterior ao indivíduo é a base pela qual qualquer ideação, pensamento e representação da realidade se tornam potencialidades ideais. O movimento da matéria cria o movimento da idéia, que por sua vez dá a possibilidade de antecipação do próximo passo do movimento do real. A possibilidade de organização consciente dos elementos da realidade encontra na potencialidade criadora dos homens a realização de transformação daquilo que é dado.

Aquilo que existe como pensamento criador, que tem como base o trabalho coletivo dos homens, não só pode, mas deve instrumentalizar a atividade prática. O pensamento consciente superior age como potência da ação prática dos homens. A possibilidade daquilo que existe interiorizado na psique humana, que encarna as aspirações das lutas das gerações anteriores, pode se transformar em instrumento de transformação da realidade.

A história mostra a importância da atividade abstrativa da realidade. É ela que permite a correta compreensão do mundo e fundamenta a criação de instrumentos que

potencializam a atividade do homem na realidade. Basta lembrarmos dois fatos históricos recentes:

a) Quando explode a I Guerra Mundial e Lenin está em seu exílio em Genebra, dirigindo a publicação clandestina do Iskra (Centelha) ao lado de Krupskaja, e depois de romper com os líderes da II Internacional que haviam traído as classes trabalhadoras e votado a favor da guerra, e para compreender a realidade em que estava submerso passa algumas semanas dentro de uma biblioteca para estudar a Lógica de Hegel. Na base das anotações desses escritos, Vigotski se apropria da discussão interna destes livros e parte para a compreensão da relação entre consciência-pensamento-linguagem.

b) Depois de iniciada a Revolução Russa e diante de tarefas de reconstrução de uma sociedade arrasada pela guerra civil e no meio das disputas internas dentro do Comitê do Partido, Lenin sabendo de todos os problemas a serem enfrentados na prática em uma sociedade pós-revolucionária afirma que: “para renovar o nosso aparelho de Estado devemos a todo o custo colocar-nos a tarefa de: primeiro, estudar, segundo estudar e terceiro estudar” (LENIN, 1986c, p.671).

Não é de se estranhar que o pensamento criativo, que consegue materializar instrumentos de transformações reais é um momento do processo de exteriorização daquilo que outrora foi uma relação interiorizada, assim como o trabalho coletivo dos homens é quem dá a base material para a interiorização da realidade. Por todos os momentos deste longínquo processo, a marcação da classe social se mostra como determinação para a resolução das tarefas postas pela realidade.

A extraordinária capacidade criadora do homem foi percebida por Plekhanov⁵³ quando chamou atenção das relações que existem entre o indivíduo e a história:

O grande homem é grande não porque suas particularidades individuais imprimiam uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos, mas porque é dotado de particularidades que o tornam o indivíduo mais capaz de servir às grandes necessidades sociais de sua época, surgidas sob a influência de causas gerais e particulares. [...] O grande homem é, precisamente, um iniciador, porque vê mais longe que os outros e deseja mais fortemente que outros. Resolve problemas científicos colocados pelo curso anterior do desenvolvimento intelectual da sociedade, indica as novas necessidades sociais criadas pelo desenvolvimento anterior das relações sociais e toma a iniciativa de satisfazer a estas necessidades. É um herói. Não no sentido que possa deter ou modificar o curso natural das coisas, mas no de que sua atividade constitui uma expressão consciente e livre desse curso

⁵³ Apesar da citação da bela citação de Plekhanov e de sua importância para o desenvolvimento inicial do Partido Social Democrata Russo, assim como de seu papel impulsionador do marxismo na Rússia, não podemos deixar de destacar que sua posição conciliadora de menchevique, quando explodem os confrontos na Rússia, foi reacionária.

necessário e inconsciente. Nisso reside a sua importância e toda a sua força. Mas essa importância é colossal e essa força é prodigiosa (PLEKHANOV, 2000, p.157-158).

As aspirações da atividade criadora do homem só ganham expressão quando estão em consonância com as aspirações da realidade em que está inserido. Resolver as tarefas colocadas pela realidade de forma pensada, refletida e instrumentalizada. Precisamente por isso, a criação leva com pressuposto as atividades dos que vieram antes, e dão a possibilidade de ir além. Das amplas generalizações do pensamento elevam-se a necessidade de superação de problemas reais, em que das

[...] no processo do desenvolvimento histórico da língua, modificam-se a estrutura semântica dos significados das palavras e a natureza psicológica desses significados, a ignorar que o pensamento lingüístico passa das formas inferiores e primitivas de generalização a formas superiores e mais complexas, que encontram expressão nos conceitos abstratos, e, finalmente, que no curso do desenvolvimento histórico da palavra modificam-se tanto o conteúdo concreto da palavra quanto o próprio caráter da representação e da generalização da realidade na palavra (VIGOTSKI, 2010, p.400-401).

A importância da palavra é que ela é materialização das realizações inter e intrapsicológicas. Pensamento e palavra se mostram como as conexões que fazem de um indivíduo um sujeito cuja atividade social transforma as relações do mundo existente. Atividade prática e teórica não devem ser cindidas, mas mediadas pela palavra, que cumpre um papel de guia da atividade, seja quando interiorizada na mediação semiótica da consciência, seja quando transmitidas em relações interpsicológicas. É por isso que “Não basta que o pensamento procure se realizar; a realidade deve compeli-la a si mesma em direção ao pensamento” (MARX, 2013, p.158). É por isso que é “um processo de transformação do pensamento em palavra, é a sua materialização e sua objetivação” (VIGOTSKI, 2010, p.425).

Pensamento criador e realidade são dois pólos da realidade. Quando a realidade se mostra como possibilidade de transformação é o momento em que o indivíduo encontra a história aberta, pronta para ser efetivada pela sua atividade. A organização social dos homens mostra que eles estão em uma relação tal como a de criadores e criatura.

4. COMENTÁRIOS PARA UM REINÍCIO

Depois de todo o caminho percorrido, devemos realizar o balanço de nossa trajetória. Partimos da nossa problemática de pesquisa, que teve como objeto o processo de mediação que estabelece a relação entre a consciência de classe e a consciência individual, tendo a seguinte pergunta como guia de nossa dissertação: é real que aquela determina o processo de desenvolvimento desta? Com vistas a alcançar resposta para esta pergunta, nos aprofundamos nos estudos das relações que existem entre a consciência social, a consciência de classe e a consciência individual.

Na reconstrução histórica do nosso objeto de pesquisa, percebemos que a psicologia tradicional tem desprezado ou dado pouca importância na determinação da classe social para o desenvolvimento de processos psicológicos individuais. É com a retomada e publicação das obras de Vigotski que se ganha um novo impulso para este tipo de discussão. Uma das contribuições que esta dissertação pode vir a ter é a de tomar a marcação da classe social para desenvolvimento dos processos psíquicos humanos. Deixamos claro aquilo que consideramos fundamental: compreender o indivíduo em sua totalidade significa entender a amplitude das relações sociais em que este trava. E para tal, em sociedades divididas em classes antagônicas, a classe se mostra como determinação das relações que lhe possibilitam desenvolver ou não determinados processos.

Isto porque a classe social pode potencializar o desenvolvimento de alguns processos psicológicos, assim como pode limitá-los. A explicação está dada na maneira pela qual estão distribuídos de formas desiguais os diferentes produtos do trabalho humano, que varia de acordo com a classe a que pertence um indivíduo. Entre a amplitude mais geral da sociedade e a particularidade que perpassa as relações individuais, está a mediação da classe como marcadora desta diferenciação.

Sabendo disto, tomamos como princípio, a tese estruturante do pensamento marxiano de que é o ser social, em suas condições objetivas, quem determina a sua consciência, e não o contrário. Mas acontece que, em uma sociedade complexa também as relações se tornam mais intrincadas, assim como o seu entendimento.

Somente através da compreensão desta complexidade é que nos foi possível entender como a consciência de classe, como uma categoria interpsicológica explicativa do movimento interno de membros de uma classe social, pode ser interiorizada,

transformando-se em determinações intrapsicológicas. Nas sínteses de múltiplos elementos que originam a realidade concreta, as consciências se mostram como consequências mediadas da contradição deste movimento do real.

Tomamos que a consciência social é a representação hegemônica da totalidade das relações entre as classes sociais de determinado período histórico, e para compreendê-la é necessário considerar os diferentes interesses, aspirações e luta que travam as diferentes classes em disputa para conseguir alcançar seus objetivos. Para compreendermos as formas de manifestação da consciência social, tomamos dois dos elementos que a mostram: o Estado e a religião.

A luta de classes, que serve como motor para o desenvolvimento da história de toda a sociedade, cria a hegemonia de uma classe por ela conseguir submeter seus interesses à classes antagônicas através de alguns elementos. O Estado, como um dos elementos superestruturais, se mostra como um instrumento pelo qual a classe dominante subjuga outra.

Tendo asseverado que o Estado é um dos responsáveis por construir a consciência social hegemônica e fazer o velamento ideológico para a classe dominante, como forma de manter desigualdades sociais e, conseqüentemente a exploração, adentramos em outro dos veladores da consciência social. Mostramos que a religião expressa, também, uma das formas de se dar explicações de relações sociais, que acabam se institucionalizando e servindo como um dos elementos que explicitam a maneira pela qual a consciência social se manifesta. Serve como uma veladora e mistificadora das relações entre os homens.

Estas determinações sociais, que expressam a consciência social hegemônica da história, se mostram como relações sociogenéticas. Isto significa que, no processo de desenvolvimento do indivíduo, estas representações sociais da realidade se mostram como marcação da sociedade sobre o indivíduo.

No momento seguinte, sabendo que a gradação entre consciência social, consciência de classe e consciência individual se mostra como diferentes momentos da totalidade das relações sociais, entramos na discussão da consciência de classe. A representação que uma classe faz de si mesma está submetida às determinações dadas através das representações sistematizadas e organizadas nas formas de consciência social.

Podemos lembrar que a consciência de classe se dá na formação material da classe em si, mas que durante seu desenvolvimento pode ocorrer o seu reconhecimento,

quando ela toma para si os seus interesses como classe. Entre o reconhecimento e o não reconhecimento, existe o longo caminho cheio de percalços em que a tomada de consciência pode acontecer. Mas se uma classe não se reconhece enquanto tal, isto tem uma implicação para a forma com que os indivíduos que a compõem desenvolverão as suas formas de pensar e agir no mundo.

É somente, então, tendo em consideração a existência desses diferentes níveis de gradação, em que o que existe como mais amplo na sociedade, aparece através da mediação da classe, é que podemos compreender o processo de desenvolvimento da consciência individual.

Para qualquer sujeito, ter consciência, no nível individual, das transformações que provoca e sofre por suas atividades, depende da qualidade da apropriação dos elementos que existem na sociedade.

É nesse movimento de apropriação que se faz a interiorização da realidade. Mas, como a mediação entre o homem e seu meio é realizada pela classe a que pertence, devemos considera-la para a própria compreensão do indivíduo.

Aqui, defendemos a posição de que Vigotski sempre considerou a classe social de um indivíduo para compreender seu processo de desenvolvimento consciente. Em O lugar da classe social na consciência, retomamos a cronologia de alguns de seus escritos para marcar como esta discussão foi posta na análise de Vigotski. Consideramos que, em uma sociedade cindida em classes antagônicas, é fundamental a compreensão do indivíduo na estratificação social para entender como, desde a gênese de seu desenvolvimento, a classe a que pertence faz a sua marcação e incidência no indivíduo.

Mas, para explicarmos as passagens dos níveis mais gerais e amplos da consciência social, perpassando pela classe e se tornando parte da consciência individual, utilizamos a categoria mediação, como explicativa, da passagem de um nível a outro, da sociedade a classe, assim como da classe ao indivíduo. Tomamos a assertiva, presente no núcleo essencial do materialismo histórico-dialético, de que toda relação humana é mediada.

Para entendermos mediação de um complexo de coisas, retomamos a mediação do processo de produção e distribuição da mercadoria na teoria marxiana, para apreendermos como os diferentes elos que compõem o ciclo de produção econômica intervém na atividade humana, assim como no desenvolvimento consciente. Aqui entendemos duas relações que se manifestam de maneira a velar a realidade para o indivíduo. Assim, o estranhamento e o fetiche da mercadoria são indicadores da

existência de um velamento das relações sociais nas consciências da classe trabalhadora, demonstrando que existe uma constituição de consciências diferentes de acordo com a posição ocupada por um indivíduo no processo de produção e circulação da mercadoria.

Após, este momento da discussão do processo produtivo, em que a mediação fundante da atividade trabalho é essencial para o desenvolvimento do homem, podendo ser parcializadora da consciência humana, adentramos a discussão da mediação da atividade política. Para tal, retornamos a Lenin, que analisa a mediação de um instrumento para a elevação de consciência. Para Lenin, o avanço de consciência de classe é inerente à forma de organização que os membros da classe adotam. A superação da consciência em si de uma classe é dada no seu reconhecimento de interesses e motivações, podendo ser alcançada via organização dos Sovietes.

Em sua obra, toma a vanguarda da classe, como sendo portadora de uma tarefa grandiosa: utilizar a aprendizagem e a pedagogia dos Sovietes, enquanto órgãos de classe, para elevar o nível geral de consciência. Este instrumento tem que estar em condições de atender às necessidades históricas colocadas naquele período.

A partir da Revolução Russa, que cria uma nova forma de organização social, são abertas as possibilidades para a discussão da mediação intrapsicológica em Vigotski. Somente considerando a mediação da atividade econômico-política, em sua totalidade, podemos então adentrar a discussão da psicologia. Sem a clara compreensão dos elos que existem nas relações interpessoais, não conseguimos compreender o processo de desenvolvimento individual.

É por isto que os instrumentos exteriores detêm uma importância tão grande em seus escritos, já que encontram seus equivalentes nos signos, cujas funções são análogas às dos instrumentos físicos, que serão interiorizados da realidade. Portanto, os instrumentos exteriores se transformam, pela mediação que promove a interiorização da realidade, em ferramentas internas.

Por isso, a atividade mediadora, comporta a multi-determinação da atividade consciente superior, permitindo que um complexo de coisas aja possibilitando a ampliação da consciência do homem a partir de suas relações interpsicológicas. É desta forma que a representação individual da realidade pode ser compartilhada com outros homens.

Vigotski partindo das concepções daqueles que vieram antes dele, toma o pano encharcado da discussão da instrumentalidade da mediação para tratar como o próprio mediador pode se tornar uma mediação da mediação. É assim que a discussão de como

se amplia as possibilidades de apreensão da realidade, pelo domínio de diferentes representações mais elevadas, se apresentam na educação e aprendizagem humana. A mediação de um conceito se transforma em elo intermediário para a compreensão de um conceito mais desenvolvido. Aí reside a pedra de toque do pensamento vigotskiano: apreender o movimento interno pelo qual é possível processos de análise e síntese da realidade no interior no psiquismo.

Entendemos então que é somente pela complexificação cada vez maior das relações sociais, e com a criação de elementos mediadores cada vez mais refinados, que os signos conseguiram se tornar mediadores tão importantes. Uma das teses que defende Vigotski é a de que os signos ampliam a atividade mediadora e potencializam a compreensão do mundo pelos homens, assim como orientam a sua atividade prática na realidade. A ampliação da consciência se dá pelo domínio de instrumentos, que faz com que os indivíduos consigam lidar no plano abstrativo com elementos da realidade em sua ausência.

O pensamento tem valor importante na discussão psicológica, mas devemos fazer a necessária distinção entre as funções desempenhadas nos dois tipos principais de pensamentos: o reprodutivo e o criativo. Os processos do pensamento reprodutivo são aqueles responsáveis por criar hábitos individuais e tornam-se os meios pelos quais a singularidade individual tem contato com os processos sociais mais gerais, permitindo assim que o passado permaneça no desenvolvimento da sociedade e garanta a continuidade de uma visão de mundo ou de um modo de produção da vida. Este processo garante a reprodução das formas de sociabilidade que serviram aos outros homens.

Mas como seu polo oposto, existe a possibilidade de se desenvolver um outro processo de pensamento, já que é esta característica humana de criar, que existe para sanar as necessidades inerentes a frágil e complexa condição de vida dos humanos frente à sociedade, que inventa uma vida que depende de novos instrumentos. A criação desses possibilita interferir e transformar a realidade tal como ela se mostra.

Como fundamento da atividade criadora está a imaginação humana. Tudo aquilo que existe a partir das relações sociais são criações dos próprios homens que, nos diferentes momentos históricos, travaram relações que permitiram a análise do mundo em que viviam e se propuseram a transformar a realidade que os desfavorecia.

Os homens, diante dos problemas existentes, criaram as possibilidades de suas superações, mas para isso acontecer devemos levar em conta que os indivíduos saibam,

conscientemente, o que as necessidades históricas exigem deles. O pensamento criativo, como uma potencialidade da consciência, dá a possibilidade de se separar os diferentes elementos reais, criar uma imagem mental deles e a possibilidade de utilização, no plano ideal, de suas manifestações.

O pensamento criativo vai muito além daquele pensamento reprodutor, que se satisfaz em apenas repetir as soluções já postas anteriormente. Lidar com a possibilidade de elevação no plano ideativo significa pensar a reorganização dos elementos da realidade, imaginando formas concretas de se criar instrumentos eficazes para a transformação da realidade.

Aqui é de importância ao nosso trabalho a retomada de que a criação é a característica humana de importante valor para a psicologia. Mas o pensamento criativo tem que encontrar a sua forma de objetivação. Não pode ficar restrito a um processo puramente psicológico. Aquilo que existe como pensamento de um indivíduo, que nunca é apenas individual já que toma as relações materiais de sua existência como sua base estruturante, pode se converter em instrumento de organização de sua classe. O pensamento criativo deve se transformar em atividade criadora. É isto que fizemos quando retomamos a discussão da mediação dos Sovietes como exteriorização do trabalho de uma classe que pensa e se coloca em atividade para si.

O que Lenin traz de importante é que apreendeu no movimento da história é que os indivíduos não mudam a história sozinhos. Apenas quando estão organizados é conseguem aspirar a transformações efetivas. Por isso, entendemos que a psicologia deve pensar não apenas a criação, mas a criação do homem dentro de sua classe, sempre com vistas à transformação da sua realidade. Ou seja, defendemos a interdependência funcional entre a consciência de classe e a consciência individual. Classe e indivíduo não coincidem em sua existência, mas para compreensão do indivíduo devemos compreender a sua classe e a sociedade em que vive.

Ou consideramos a existência de uma sociedade de classes, em que todos os processos psicológicos estão embebidos de suas significações de classe, ou a psicologia pode se transformar em uma perigosa ideologia que defende interesses hegemônicos sem ao menos se dar conta disto. A barbárie do mundo cotidiano não só pode como deve ser transformada. E a psicologia pode se posicionar nesta luta. Não acreditamos que ela deve ser neutra com relação à realidade: isto é impossível. Esta dissertação teve como simples objetivo tentar dar um sentido mais à esquerda para ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. **Reificação e totalidade à luz de história e consciência de classe (1923) de György Lukács**. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 2012.

ALMEIDA. Melissa Rodrigues de. **A relação entre a consciência individual e a consciência de classe: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora**. Curitiba, UFPR, Dissertação de Mestrado, 2008.

ALMEIDA. Melissa Rodrigues de; ABREU, Claudia Barcelos de Moura; ROSSLER, João Henrique. **Contribuições de Vigotski para a análise da consciência de classe**. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722011000400006&script=sci_arttext>. Acesso em: julho de 2014.

BANCHS, Maria Auxiliadora. Las diderentes caras da psicologia social: sus objetos de estúdios y sus doctrinas del hombre. *In: Boletín de Psicología*. Vol. VI no. 24, p.217-232. San Salvador, 1987

BARBOSA, Silvia Maria Costa. **Atividade do professor em sala de aula: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado, 2011.

BINATTI, Fernanda De Araújo. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. Vitória: UFES, Dissertação de Mestrado, 2011.

CARDOSO, Sérgio Ricardo Pereira. **Associação Sul-Riograndense de professores: um nicho de desenvolvimento da consciência de classe docente em Pelotas (1929-1979)**. Pelotas: EFPel, Tese de Doutorado, 2011.

CLAUDIN, Fernando. **A crise do movimento comunista**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DALLA VECCHIA, Marcelo; PASQUALINI, Juliana Campregher. **A psicologia marxista e “a transformação socialista do homem”**. s/d. Disponível em <http://www.ppfh.uerj.br/menu/grade20062_arquivos/psicologiamarxista.doc>.

DRUKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Thomson, 2003.

ENGELS. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 2. ed. São Paulo: Escala.

_____, **Dialética da natureza**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels, Lenin. A história em processo.** 1 reimp. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FARIAS, Andréa Bandeira Silva de. **Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960.** Salvador: UFBA, Tese de Doutorado, 2012.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAJANIGO, Paulo Rodrigues. **Identidade cultural e consciência de classe no capitalismo tardio.** Rio de Janeiro: UERJ, Tese de Doutorado, 2012.

GOETHE. **Fausto.** Ediouro, 1984

GOLDER, Mario; GONZALEZ, Alejandro H. **Freud em Vigotsky.** Inconsciente y leguaje. Buenos Aires: FISyP y Ateneo Vigotskyano de la Argentina, 2006.

GONZALEZ-REY, Fernando L. **O pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento.** São Paulo: Hucitec, 2013.

GORKI. **A mãe.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IRO, Cássio Hideo Diniz. **História e consciência de classe na educação brasileira: lutas e desafios políticos dos trabalhadores em educação de Minas Gerais.** São Paulo: UNINOVE, Dissertação de Mestrado, 2012.

de Mestrado, 2011.

LEÃO, I. B. (Org.). **Educação e Psicologia - Reflexões a partir da teoria Sócio-histórica.** 1. ed. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2003. v. 1. p. 242.

LEÃO, I. B. **Os Professores Universitários: a emoção e o pensamento em um trabalho intelectual institucionalizado.** Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP. 1999.

LENIN, V. I. **Materialismo y empiriocriticismo.** Notas críticas sobre uma filosofia reaccionaria. Moscou: Editorial Progreso, s/d.

_____, **O estado e a revolução.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LENINE, V. I. **Obras escolhidas. 1.** 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986a.

_____, **Obras escolhidas. 2.** 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986b.

_____, **Obras escolhidas. 3.** 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986c.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe.** 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 2012.

_____, **Lenin**. São Paulo: Martins fontes, 2012.

_____, **Materialismo e dialética: crise teórica das ciências da natureza**. 2 reimp. Brasília: Editora Kyrón, 2011.

_____, **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MAGGIO, Deise Pedrosa. **Saberes docentes de uma professora que ensina função e conhece a teoria dos registros de representação semiótica**. Ijuí: UNIJU, Dissertação. MAIAKÓVSKI. **O percevejo**. 1 reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

_____, **Vida e poesia**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____, **Crítica ao programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

_____, **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 2 ed. São Paulo: Martin Claret: 2011a.

_____, **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. 2 reimp. São Paulo: Martin Claret: 2011b.

_____, **O capital**. Livro 1. 2 reimp. São Paulo: Boitempo Editorial: 2014.

_____, **Grundrisse**. 2 reimp. São Paulo: Boitempo Editorial: 2011c.

_____, **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”. De um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____, **A guerra civil na França**. 1 reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013

_____, **A miséria da filosofia**. São Paulo: Escala, 2007.

_____, **Os economistas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____, **O manifesto Comunista**. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Sociologia política marxista**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

MENDES, Bruno Moretti Falcão. **Uma abordagem filosófica sobre a reificação em história e consciência de classe de Georg Lukács**. São Carlos: UFSC, Dissertação de Mestrado, 2012.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____, Nota prévia a esta edição. *In*: FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels, Lenin. A história em processo**. 1 reimp. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____, **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PLEKHANOV. **O Papel do Indivíduo na História**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____, **Guita Lvovna Vigodskaja (1925-2010), filha de Vigotski: entrevista**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, v.40, n.141, p.1025-1033.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Vol. I. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

_____, **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Tomson, 2003.

RUBINSTEIN, J. L. **Principios de psicologia general**. 4 reimp. Habana: Editorial Pueblo y Educación. 1977.

SCHUHLLI, Vitor Marcel. **Dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e Lukács**. Curitiba, UFPR, Dissertação de Mestrado, 2011.

SILVA, Salyanna de Souza. **Projeto ético-político e consciência de classe: uma relação dialética, reflexões sobre o exercício profissional/político das/dos assistentes sociais dos centros de referência de assistência social (CRAS) em Recife**. Recife: UFPE, Dissertação de Mestrado, 2011.

SIGUÁN, Miguel (coord.). **Actualidad de Lev S. Vigostki**. 1. ed. Barcelona: Anthropos, 1987.

STALIN. **Materialismo dialético e materialismo histórico**. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 1982.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2009.

VIGOSTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____, **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____, **A transformação socialista do homem**. [1930] Marxists Internet Archive, outubro de 2004. Disponível em: <http://www.marxists.anu.edu.au/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>
Acesso em: 14 de dezembro de 2013.

_____, **Imaginación y creación em la edad infantil.** 1 reimp. Ciudad de Havana: Editorial Pueblo y Educación. 2004

_____, **Obras Escogidas - III.** Madrid: Ant Machado Libros, 2012a.

_____, **Obras Escogidas - IV.** Madrid: Ant Machado Libros, 2012b.

_____, **Psicologia Pedagógica.** 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 2004.

_____, **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____, **Manuscritos de 1929.** Psicologia: Educação e Sociedade. Campinas, vol.21 n.71, julho de 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200002

_____, **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Artmed, 2003.

_____, **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____, **Formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 1991.